Antologia Portuguesa

EÇA DE QUEIROZ

I

Selecta para leitura na
Família e na Escola

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS - LISBOA

Ministério da Instrução Pública

Secretaria Geral

Considerando que à excepção dalgumas raras jóias do património literário nacional, se não conhecem geralmente as obras primas da literatura portuguesa, muitas delas de difícil aquisição pela antiguidade ou raridade das suas edições;

Atendendo a que a *Antologia Portuguesa*, organizada pelo escritor Agostinho de Campos e publicada pela Livraria Aillaud, procura obviar àqueles inconvenientes, oferecendo ao público uma colecção onde fique arquivada a produção literária de muitos dos bons prosadores e poetas nacionais de todos os tempos e escolas;

Atendendo ainda a que a forma material como a *Antologia Portuguesa* é apresentada, a torna verdadeiramente agradável e atraente e, portanto, de fácil vulgarização e largo proveito educativo:

Manda o Govêrno da República Portuguesa, pelo Ministro da Instrução Pública, **que seja louvada a Livraria Aillaud pelo seu patriótico empreendimento,** em vista dos altos benefícios que essa casa editora vai prestar à divulgação das preciosidades da literatura nacional, com a publicação da *Antologia Portuguesa.*

Paços do Govêrno da República, 24 de Abril de 1920. — O Ministro da Instrução Pública, *Vasco Borges.*

Diário do Govêrno, II Série, n.º 98, 28 de Abril de 1920.

ANTOLOGIA PORTUGUESA

EÇA DE QUEIROZ

I

Antologia Portuguesa

VOLUMES PUBLICADOS:

MANUEL BERNARDES, dois volumes.

FREI LUÍS DE SOUSA, 1.º vol. *(Vida do Arcebispo).*

HERCULANO, 1.º vol. (Quadros literários da história medieval, peninsular e portuguesa).

JOÃO DE BARROS 1.º vol. (Primeira Década da *Ásia).*

GUERRA JUNQUEIRO, um volume.

JOÃO DE LUCENA· *(Vida do P.e Fr. de Xavier),* dois volumes.

PALADINOS DA LINGUAGEM, três volumes.

TRANCOSO *(Histórias de Proveito e Exemplo),* um volume.

FERNÃO LOPES, três volumes.

EÇA DE QUEIROZ, 1.º vol. (Selecta para leitura na Família e na Escola).

VOLUMES NO PRELO:

EÇA DE QUEIROZ, 2.º volume.

AUGUSTO GIL, um volume.

ANTERO DE FIGUEIREDO, um volume.

CAMÕES LÍRICO, dois volumes.

Antologia Portuguesa

organizada por

Agostinho de Campos

Eça de Queiroz

I

Selecta para leitura na
Família e na Escola

SEGUNDA EDIÇÃO

Livrarias Aillaud & Bertrand
PARIS — LISBOA

Livraria Chardron
PÔRTO

Livraria Francisco Alves
RIO DE JANEIRO

1922

Todos os exemplares vão rubricados pelo organizador
da ANTOLOGIA PORTUGUESA

Composto e impresso na Tip. da Emprêsa do Diário de Notícias
Rua do Diário de Notícias 78 — Lisboa

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

I

EÇA DE QUEIROZ

Definição do seu génio — Influência exercida fora de Portugal — Seu latinismo — Camilo e Queiroz — Acusações que lhe fazem e apologia do acusado — Plagiador — Ofensor da moral burguesa — Dissolvente social — Queiroz e os pedagogos — Significação moral, positiva e edificante, da sua vida e das suas obras.

Devemos, todos nós, Portugueses, a maior veneração à bela memória de Eça de Queiroz, um dos mais admiráveis artistas da palavra escrita que o século XIX viu nascer e florescer em todo o mundo.

Êste grande homem retemperou a língua nacional, pondo-a em dia com as necessidades da expressão e do gôsto modernos, com o que contribuiu, mais que ninguém na sua época, para a cobrir de prestígio entre as gerações que vieram depois dêle, tonificando-a assim para resistir mais duràvelmente à acção combinada e hostil do tempo e do espaço, que trabalham juntos a separar o seu velho tronco em dois ramos divergentes: o europeu e o americano.

Além disto, artista genial, probo e completo

como era, deixou-nos herdeiros de um conjunto de obras literárias que brilham com fulgor inofuscável, provam que a nossa história literária não parou em Fernão Lopes, Gil Vicente, Camões ou Bernardes, e dão à própria consciência da nação, descrente, por vezes, de si própria, a consoladora certeza de que o sangue português continua capaz de novos serviços, tão magníficos como os de outrora, à arte, à civilização e à humanidade.

Eça de Queiroz foi grande entre grandes. Alguns nomes dos maiores prosadores e poetas de língua portuguesa do seu século — Castilho, Garrett, Herculano, Quental, Martins, João de Deus, Camilo, Julio Dinis. Ramalho, Machado de Assis, Ruy Barbosa, Junqueiro — bastam para mostrar que o seu primado não se impôs por favor e contraste, como em pobres terras de cegos onde trona o zarolho. E de todos êsses, de todos os que no domínio literário poderiam aspirar à alta qualificação de seus pares, nenhum como êle foi comunicativo, infiltrante, senhor absoluto dos cérebros e corações que o procuram e que são os que, amamentados na nossa língua e desmamados pelas nossas escolas, portuguesas ou brasileiras, caminham para a direcção espiritual de cinqüenta milhões de criaturas.

Para que tão vasta e funda influência se compreenda não basta explicá-la em termos gerais pelo mágico poder da arte. A arte séria e honesta, sincera e cônscia dos seus deveres, como sempre a exerceu Queiroz, artista requintado e orgânicamente incapaz de preitejar a sua inspiração por lisonja, negócio ou indústria, irradia não raro

muito pouco, ou muito lentamente, e repele às vezes, em vez de atrair, os grandes grupos. Mas êste fino artista foi ao mesmo tempo, por suma e rara felicidade, o mais oportuno dos intérpretes. Veio no momento próprio, completando a tarefa de Garrett, de Herculano e de Júlio Dinis, libertar de todo a linguagem das peias sufocantes de um pseudo-classicismo sonâmbulo e divorciado do seu tempo. E nessa língua renovada exprimiu bela e nitidamente os sentimentos e as ideias, as admirações e os protestos, as curiosidades e incertezas das criaturas que o liam e logo o adoravam, porque viam nêle o Verbo feito Vida, a luminosa expressão divina das névoas confusas e informes que lhes trasbordavam dos corações ou dos espíritos.

A bem-fadá-lo no berço de artista, a compor-lhe o génio criador variado e riquíssimo, a moldar-lhe o carácter na actividade, na simpatia e na bondade, concorreram, como nos contos do povo, sete madrinhas generosas.

Uma deu-lhe as qualidades morais de humanidade cristã, de desejo e fé no aperfeiçoamento próprio e alheio, de sujeição ao dever, de amor constante do trabalho.

Outra dotou-o de inteligência agudíssima, observadora, pronta e sensível, com o fecundo complemento duma infatigável e universal curiosidade e da mais rara intuição psicológica.

Da terceira recebeu os sentimentos poderosamente comunicativos da tolerância, do riso ingénuo, incapaz de cair na irremediável amargura, e de uma ironia que, temperada de poesia, nunca

degenera em scepticismo crasso, negador de tudo e de si próprio, que precipita a sua vítima nos abismos da dúvida pirrónica, onde só pode achar-se o cinismo, a inércia ou o suicídio.

A quarta madrinha instilou-lhe as virtudes clássicas do equilíbrio, da harmonia, da proporção, da simplicidade, da nitidez e da ordem.

Outra comunicou-lhe o gôsto delicado, o amor voluptuoso das ideias, o sentimento artístico das formas e das côres.

As duas últimas, querendo rivalizar com as anteriores, e até consigo próprias, na generosidade, completaram juntas a criatura feliz e fizeram dela o artista admirável e raro, que é a nossa admiração e o nosso orgulho: uma deu-lhe o poder de expressão verbal inexcedido e inexcedível, que insufla vida às palavras, alma e palpitação ao estilo; outra concedeu-lhe que pudesse sair de si mesmo e assim tivesse o dom divino de criar, não só quadros ou retratos literários, imagens e reflexos, mas verdadeiros corpos, verdadeiras almas, verdadeiros caracteres, que saem inteiros e vivos dos seus livros e veem rir ou sofrer, amar ou odiar, ser sublimes ou grotescos, para junto de nós outros, filhos de Deus, mas nem por isso mais vivedoiros que tantas criaturas que nasceram sòmente do génio de Queiroz.

Diz um ilustre escritor e crítico argentino, o sr. Francisco Romero:

«A Eça de Queiroz prejudicou-o o seu Portugal

estreito e provinciano, tal como êle o descreve no *Primo Basílio* e em *Os Maias*, desprovido de prestígios com que imponha o seu valor ao mercado universal; prejudicou-o o seu idioma, falto da ampla difusão do francês, do castelhano ou do inglês. Os meios pelos quais uma nação impõe os produtos da sua cultura, não diferem daqueles que lhe asseguram a vitória da sua indústria, e assim é que todos os elementos integrantes da vida nacional cooperam no destino de cada um dêles em particular. Muito outra seria a significação actual do estupendo novelista da *Ilustre Casa de Ramires*, se houvesse nascido em Inglaterra ou em França. E não se pense em achar argumento contra isto na voga alcançada pelos grandes nomes das literaturas setentrionais, pois êsses, tanto como aos méritos próprios, devem a Paris o triunfo: pelo *boulevard* entraram ao mundo e nós os ignoraríamos ainda, se a França não tivesse ficado por fiadora dêles, confirmando assim (os Tolstoi e os Ibsen) o que na aparência contradizem. Dêste modo se explica a ignorância das obras de Eça por parte de pessoas que se envergonhariam de não ter lido a mais insignificante novela de Zola; e daí vem ainda que o seu nome é fortuitamente mencionado, quando não omitido, em Enciclopédias que não esquecem certos escritores de terceira ou quarta ordem, ou certos políticos insignificantes, quando pertencentes a nações mais favorecidas...» (1).

---

(1) *Helios, Revista mensual*, n.º 2, Buenos Aires, Agôsto, 1918, pág. 77.

É infelizmente certo que, por falta de expansão universal da nossa língua, ainda agora Eça de Queiroz se encontra defraudado da fama que merece no mundo, e nós da consolação de o vermos consagrado mais amplamente, assim como da contraprova que o nosso orgulho português desejaria, para ficar... ainda mais tranqüilamente orgulhoso.

Mas não desanimemos, nem nos impacientemos, porque o Tempo trabalha por êle e por nós. Já o Brasil se gaba, pela pena de algum ou alguns dos seus críticos, de que a êle e não a Portugal, *coube a iniciativa generosa da propagação do nome literário de Queiroz* (1); já a língua castelhana veio em socorro da portuguesa, com tal empenho e pressa de propagar as obras do Mestre, que rara será a estas horas, entre os seus milhares de páginas, a que não foi ainda traduzida e publicada pelos livreiros de Madrid ou Barcelona; tôda a América Espanhola môça e culta lê, conhece, e aprecia, quando não adora, Eça de Queiroz; e na própria Espanha um escritor tão notável como D. Romão del Valle-Inclán é tido por discípulo e até imitador do novelista português (2). Vários

---

(1) V., por ex., Mateus de Albuquerque, *Da Arte e do Patriotismo*, pág. 12 e 33.

(2) «... voluntaria ó inconscientemente dióse a imitar en sus escritos el lexico, los giros y las cadencias del novelista portugués», (D. Julio Casares, *Crítica Profana*, Madrid, 1918, cap, VII, citado por *Alvaro Giraldez*, pseudónimo de Mr. Aubrey Bell, a pág. 163 do *In-Memoriam* de Eça, Lisboa, 1922.

livros e muitas páginas dêste estão traduzidas em francês, em inglês, em alemão, em italiano, em russo. Zola disse um dia ao sr. Alves da Veiga: «*Os Portugueses teem um grande escritor, como a França conta poucos; é o vosso Eça de Queiroz*». O sr. Philéas Lebesgue afirma que *il a presque dépassé Flaubert, son modèle*, e acrescenta: *le jour n'est peut-être pas éloigné, où* Le crime du père Amaro *et* La Relique, *sans parler de la merveilleuse galerie de portraits que l'on peut extraire de ses livres, prendront place parmi les cent chefs-d'œuvre de la littérature universelle* (1). O sr. E. Prestage, no prefácio de uma belíssima tradução inglêsa da Carta de Fradique sôbre *Pacheco*, diz que, como *criador de tipos humanos* (characters) *nenhum escritor europeu da sua geração e do seu género o excedeu.* A sr.ª D. Carmen de Burgos Segui *(Colombine)* considera Queiroz como *glória da Península Ibérica* (2); o novelista espanhol Alexandre Pérez Lugín põe na bôca de uma das personagens do seu romance *La Casa de la Troya* esta definição de Queiroz: «... *el más grande novelista del siglo, el sublime, el enorme Eça de Queiroz*» (3); e D. André González-Blanco, tradutor castelhano de muitos livros de Queiroz, cita-o várias vezes no excelente trabalho intitulado *Los dramaturgos españoles contemporáneos*, dizendo a pág. 104 que *Joaquim Dicenta aprendeu com*

---

(1) *Eça de Queiroz, In-Memoriam organizado por Eloy do Amaral e Cardoso Marta*, pág. 60.

(2) *Mis viajes por Europa*, Madrid, s. d., cap. LXI.

(3) Pág. 107 do citado romance (Madrid, ed. Pueyo, 1920)

Eça de Queiroz a ironia, produto céltico, comum à Galiza e a Portugal.

*

* *

Escreve ainda o crítico argentino sr. Francisco Romero, no seu estudo já citado:

« Por dons tão singulares, tão diversos e possuídos em tão alto grau, pode colocar-se Eça de Queiroz entre os maiores artistas de todos os tempos. È, além disto, tipo representativo do génio latino, pela *plena luz de consciência* a que as suas obras foram concebidas, e por essa *presença* contínua do autor, que se sente em cada página dos seus livros — atributos próprios e privados de uma estirpe de cultura tão antiga, que viu tanto, pensou tanto, e tantas terras novas descobriu, não só no mundo exterior, como também no outro que existe em nós mesmos».

Bela definição esta, que explica e rectifica muita coisa. Por ela compreendemos que Eça de Queiroz esteja ainda pouco traduzido em inglês e alemão, como escritor muito latino e alheio ou distante dos povos não latinos que falam essas línguas; e que tenha também penetrado ainda pouco em Itália e em França, mães ou intérpretes sumas da Latinidade, distraídas ou soberbas, a quem o génio de Queiroz interessava talvez pouco pelo que tem de local, e que pouca novidade farejam no que êle mostra de latino.

Por essa bela definição respondemos também aos nossos críticos portugueses, pouco justos e pouco portugueses, que acusaram Queiroz de mau português, de francês, de europeu, de universal, e assim transformam em crime negro uma nobre qualidade, considerando estranjeiro ou bárbaro o latinismo de tão grande Latino.

Mas as acusações que lhe teem feito não param aqui e merecem mais largo falamento. Algumas contradizem-se entre si, outras são antes ridículas que sérias, e uma ou duas, mais graves, é de justiça urgente e clamante desviá-las de sôbre uma nobre vítima para as fatalidades de época e de ambiente, a que verdadeiramente conveem.

O Tempo, que afeiçoa para a glória e para a imortalidade os grandes eleitos, não teve ainda tempo para modelar de todo a figura eterna de Eça de Queiroz. O ídolo de tantos pisa e irrita, sem culpa sua, as idolatrias de outros. As rotinas molestadas não cessaram ainda de gemer ou rosnar contra o rebelde. Os partidos continuam a julgar partidário o homem sereno e superior que só teve o fanatismo da Beleza. A própria rivalidade e a própria inveja se não calaram de todo, porque ainda retine algum eco da sua grita descomposta. E os moralistas, os pedagogos, os que se não consolam de que a Arte não seja sempre e tôda púlpito ou aula, palmatória e compêndio, aí estão a teimar na sua inútil scisma de que o Artista fèz mal em não ter sido principalmente cura de almas e mestre de meninos...

Suponhamos, porém, para regalo dos que a luz viva irrita, que há grandes manchas no Sol. Não

podendo nós ressuscitar Eça de Queiroz, de modo que êle nos escreva muitas obras novas, isentas dos defeitos que alguns de nós encontram nas que nos legou; não sendo possível nem desejável destruírmos os seus livros, o que nos deixaria órfãos de maravilhosas belezas a trôco de limparmos certas nódoas — o mais sensato e prático será que atenuemos estas, se realmente alguma existe, e façamos consistir a verdade na conveniência, tanto mais que a Verdade, em matéria de natureza religiosa (como é o culto de um grande escritor revolucionário e recente), se apresenta sempre com duas faces opostas, impossíveis de conciliar.

Escolhamos, pois, dos dois rostos diferentes da incoercível sombra, o mais construtivo, o mais afirmativo, o mais são, o mais tónico, o mais patriótico. E voltados para êle, como o crente para a imagem do Santo, daí tiremos fé, esperança, exemplo, ensinamanto, energía, e virtude fecundante.

Êste é o papel das actuais, e das próximas-futuras gerações de críticos, de professores, de todos os que teem por missão guiar a opinião de hoje e ir formando a de amanhã. E imediatamente vamos ver que os não aconselhamos assim a mentir a si próprios e aos outros, porque teem na certeza sabida, na certeza objectiva, amplo e sólido alicerce para edificarem uma grande verdade subjectiva e moral.

*

* *

O renome de Eça de Queiroz começou a crescer quando já estava adulto o de Camilo, e tal

facto avinagrou naturalmente os fanáticos dêste grande escritor. Daqui provém um dos motivos e um dos sistemas de deprimir o autor de *A Cidade e as Serras*, contrapondo aos seus pecados mortais as virtudes contrárias do novelista do *Amor de Perdição*. E êste duelo em que os dois partidos se encarniçam irrita naturalmente as discussões: mas o Tempo vai rodando, estabelecendo as convenientes perspectivas, embotando as arestas do pessoalismo e da paixão, até que um dia, que já não vem longe, se reconhecerá com serenidade que nenhum dos dois tem culpa de haver sido contemporâneo do outro. E então os nossos netos hão-de entreter-se a elaborar tranquilos paralelos académicos de um com outro escritor; as estátuas de ambos perpetuarão as suas famas perfeitamente compatíveis; as escolas hão-de ensinar com segurança à mocidade que Eça e Camilo se completam em vez de se anularem; e a Pátria considerar-se há ditosa de haver gerado no mesmo século dois filhos tais, em vez de, como agora, se mostrar aflita, e se sentir como apertada, para dar arrumação cabal a duas glórias tão grandes.

*
* *

A acusação mais ridícula que se tem feito a Eça de Queiroz, é a de ter sido vil plagiador de frases inteiras, traduzidas de livros italianos ou franceses para os seus. E prova-se isto em transcrições paralelas, de cuja vistoria resulta com efeito que para o tesouro daquele milionário escorregaram

dois ou três vinténs de outros donos, como Verne ou Della Gattina, que nem por isso ficaram mais pobres do que já eram. Estudos feitos por mero despôrto de erudição e pesquiza, sem intuito depreciativo — trabalhos até de admiradores fervorosos, como o de João de Meira sôbre as influências estranjeiras em Eça de Queiroz — são depois sôfregamente aproveitados pelas rivalidades contemporâneas do escritor, ou pelas más-vontades e invejas que o seu alto valor acirrou. Caso típico de sentimentos tão mesquinhos é o estúpido boato levantado, pouco depois de publicado *O crime do Padre Amaro,* e que dava êste livro como plágio da *Faute de l'Abbé Mouret,* de Zola. Na realidade o romance de Queiroz precedeu o do novelista francês, e a única semelhança existente entre os dois livros é apenas a dos títulos.

Dada a lei psicológica da assimilação e imitação involuntárias; dada a facilidade maravilhosa que Eça de Queiroz especialmente possuía de emitar ou caricaturar, conforme queria, o estilo ou redacção alheia; dada a impressão profunda que lhe fêz Flaubert, seu mestre desde o início da carreira literária de naturalista – o que admira é que não haja nos livros dêle mais de três ou cinco passos em que se repetem algumas palavras do romancista francês.

O facto de não existirem senão êsses tais (e de-certo outros não há, pois ainda não vieram à praça) mostra exactamente a honestidade literária de Eça de Queiroz e, de modo indirecto, o esfôrço que êle deve ter feito para catar da primeira escrita outras coïncidências semelhantes.

*

* *

Sabe tôda a gente que em quási todos os livros de Queiroz se encontram páginas que não afinam com a moral burguesa ou das famílias. E, pròpriamente, nenhum dos seus volumes se recomenda inteiro para leitura de meninas colegiais. A vida é suja, e Eça de Queiroz foi um dos seus mais assíduos, incorrutíveis e minuciosos comentadores, de modo que lê-lo, como ver viver os homens feitos, não parece a aula mais própria para as mulheres ainda por fazer. Ir ao teatro, dançar, conversar com amiguinhas e condiscípulas, constituem, para as adolescentes recatadas, acções triviais, mas nem sempre inócuas e puras. A's vezes basta chegar-se uma inocente à janela de sua casa, para aprender coisas novas e graves. E outras cândidas flôres dos nossos lares podem ouvir dos próprios pais e mães, quando não de visitas ou criadas, revelações de incalculável alcance. O próprio Júlio Dinis, criador de um mundo lindo e falso, talvez não seja leitura das mais sãs ou tónicas. O próprio Herculano, nas suas lendas, narrativas e novelas, não é todo para ser lido por meninas. Shakespeare, Cervantes, Homero, Molière, Dante, Goethe, os maiores astros da literatura universal e eterna, os próprios escritores católicos e místicos, como Bernardes, Frei Tomé de Jesus e outros, não nos deixaram nas suas belas obras uma *Bibliothèque Rose* para as nossas filhas. E o que há que fazer a êste respeito com o livros de Queiroz, é o que se faz com

tôdas as obras-primas de tôdas as idades, em tôdas as nações que querem e sabem, ao mesmo tempo, educar estèticamente e moralmente: seleccionar, apartar, expungir, comentar — proceder na literatura como na vida se procede, tomando o útil, evitando o impróprio, disfarçando o que convém disfarçar, intervindo a tempo na defesa dos princípios morais ou das crenças religiosas de cada um.

Livros como êste que adiante apresentamos ao nosso Público podem tirar-se muitos, dos romances, contos, ensaios e crónicas de Eça de Queiroz; livros não só para meninas, mas até para crianças, cheios de graça inofensiva, de luminoso bom senso, de ensinamento comunicativo, de cristianismo e bondade, de clara e atraente leitura, de vida palpitante, ao mesmo tempo que de arte e de beleza. E assim se prova até, e da melhor maneira, o que há de injusto e de tolo no zum-zum corrente, que fêz ao genial artista certo renome de escritor imoral e sempre negativo, corrosivo ou dissolvente. Quando um dia se proceda como dizemos e se tenha explorado inteiramente neste sentido a sua vasta produção, há-de ver-se por medida que raros escritores portugueses poderão fornecer tantas páginas de leitura apropriada a leitores melindrosos, e que nenhum outro do seu século é tão acessível como êle ao espirito e ao sentimento infantil. E nesse dia Eça de Queiroz ficará perfeitamente reabilitado, e outras gerações o abençoarão como autor são e edificante, além de encantador.

*

* *

Como Epicuro e Lucrécio, como Rabelais e Montaigne, como Heine e João Paulo Richter, como Thackeray, como o autor da *Arte de Furtar*, como Proudhon, Kropotkine e Tolstoi, como Renan, e France, e o irlandês Shaw — como todos os grandes escritores ou prosadores antigos e modernos, que amaram a voluptuosidade, cultivaram a dúvida, discutiram as superstições, os costumes e as leis, sondaram a miséria humana, se revoltaram contra a sociedade, escalpelaram a administração e a política, sentiram profundamente o contraste entre o real e o ideal, professaram o riso, se entrincheiraram na ironia ou praticaram o diletantismo das ideias — Eça de Queiroz pode ser e tem sido intitulado de dissolvente social. O certo é que foi um artista, e não um político; que amou e procurou a verdade sem fanatismo e sem partido; que a sua actividade literária não fornece em conjunto um sistema de ideias destrutivas, nem exala negações absolutas, descrenças totais, pessimismos irredutíveis.

Irreligioso, republicano, socialista, anarquista — são qualificativos que lhe ficam bem, por muitas páginas dos seus livros, e que não lhe pouparam nunca os crentes e os fanáticos, os conservadores ou os reaccionários. Mas os nossos democratas de botequim consideravam-no *escritor palaciano* e a República vigente tirou-lhe à viúva e aos filhos a pensão que a Monarquia decretara para êles, grata à memória do escritor

que honrou a sua pátria, trabalhou a vida inteira como um forçado e veio a morrer na pobreza.

Amando tôdas as ideias, ofendeu-as a tôdas. Não admira, pois, que os partidos, que êle nunca serviu, se considerem tôdos desservidos por êle.

¿E os pedagogos? Êsses teem de confessar, primeiro, que os nossos grandes escritores do mesmo século não foram em geral muito mais pedagógicos do que Eça de Queiroz. Não o foi de-certo Oliveira Martins, envenenador da história nacional, nem Antero, com a sua filosofia de suicídio, nem Junqueiro, comilão feroz de reis e de padres, nem Camilo, escarnecendo os pobres homens que iam trabalhar longe da pátria e a ela voltavam com as suas saudades nunca perdidas e as suas riquezas duramente ganhas.

Os pedagogos teem de confessar, depois, que falam muito, mas fazem pouco. A arte não é pedagogia, mas a pedagogia deve ser a arte do contrariar tôdas as influências que se opõem à educação, e entre estas, como das mais fortes, a da propria Arte. Não se pode evitar que um artista seja como é, a não ser com Inquisição, Syllabus, fôrca e outros ingredientes da velha terapêutica social, ou da moderníssima política proletária moscovita. Pode, porém, e deve desejar-se, que a pedagogia ocidental tenha receitas mais novas ou menos soviéticas do que estas, para opor aos dissolventes do espírito público — e que depois as pratique. Eça de Queiroz satisfez magnificamente ao seu dever de artista. ¿Mas onde está, no século XIX e no XX, o pedagogo português que tenha cumprido no mesmo grau o seu dever de pedagogo?...

Morreu Alexandre Herculano quási ao mesmo tempo que Eça de Queiroz nascia para as letras. Morreu, legando-nos com a sua vida, o seu exemplo e as suas grandes obras, uma herança que os nossos pedagogos acham positiva. ¿Que fizeram êles com êsse rico material de construção cívica, de mais a mais tão fácil de aplicar tranqüilamente, quando ainda não estava cozinhada a dinamite social de Queiroz, e dos outros demolidores da sua época?...

¿E que fizeram os pedagogos depois, e fazem hoje, com os trabalhos de sciência construtiva, estética, literária, lingüística, etnográfica, histórica, pedagógica até, dos grandes sábios mais ou menos contemporâneos do grande artista: com as obras de Adolfo Coelho, de Gonçalves Viana, de Jaime Moniz, de Alberto Sampaio, de Martins Sarmento, de Luciano Cordeiro, de Sousa Viterbo, de Braamcamp Freire, de D. Carolina Michaëlis, de Gama Barros, de Joaquim de Vasconcelos, de Lúcio de Azevedo e de outros mais?

Eça de Queiroz destruiu o pequeno prestígio que ainda tinham os dirigentes constitucionais e, como nada pôs no lugar dêle, agravou o desnorteamento político. Isto é bem certo, como certo é o que dêle diz o sr. António Sérgio, encarando pedagògicamente as suas obras:

«Eça, não aprofundando o pensamento sob os prodígios da sua arte, traçou uma reacção que, como a acção, deixou de penetrar até o cerne de qualquer tema de moral... Assim como não abordara no *Basílio* o problema do adultério na lógica íntima dos seus elementos... assim inculca na

Ilustre Casa, como curativo, o próprio mal da nacionalidade, atirando o herói para a costa de África, quando na pátria lhe pediam esfôrço, lhe abriam campos de actividade, para em-fim, na *Cidade e as Serras* (onde ressuscitou o *rousseauismo)* não salientar os erros graves da ideia vulgar de *civilização,* para o que bastava, ao que me parece, cravar a sátira do parisianismo até o âmago moral dos problemas contemporâneos. Senhor dos processos, «faltavam-lhe teses», porque lhe faltava o verdadeiro estudo do verdadeiro ambiente português...» (1)

«Esta inópia de teses é o próprio Queiroz que no-la confessa, com a nobilíssima desvaidade de um espírito superior: «sinto que possuo o processo como ninguém, mas faltam-me teses». As teses faltavam-lhe, porque lhe faltou, desde cedo, a observação directa do ambiente português... Em Lisboa só conheceu uma camada de superfície, o «mundo» anodino e cosmopolita, como o de tôdas as capitais da Europa e sem influência verdadeira nos destinos da nação: a gente dos *Maias.* Escapou-lhe a roda dos oligarcas, dos politicos, dos financeiros; escaparam-lhe as características essenciais da burguesia das cidades; escaparam-lhe o carácter e as condições de vida do povinho dos nossos campos; escaparam-lhe os elementos vitais das sociedades provincianas, desde o Alentejo até o Minho. A sua obra é uma galeria, maravilhosa sim, mas de comparsas...; observação

(1) V. A. Sérgio, *Ensaios,* I, pág. 82 e 83.

aguda, muito exacta, muito víva, mas observação superficial sôbre cousas superficiais... Eça viu homens e viu mulheres, que retratou com o melhor estilo; não viu porém a sociedade, e muito menos as suas raízes.» (1)

Há aqui muita observação justa, como era de esperar do belo e grande espírito que escreveu estas linhas. Mas ressaltam a todos a inoportunidade e a injustiça, inseparáveis da aplicação do exclusivo critério pedagógico ou social a qualquer obra de arte. Eça de Queiroz fêz o que pôde, o melhor que pôde, e até o melhor que se pode. Procedeu como artista, e não como reformador ou evangelizador social e político. Não lhe competia, como tal, medicar o nosso constitucionalismo, nem inventar para os nossos males elixires infalíveis. Não podia demitir-se de cônsul para vir estudar Portugal ao microscópio. Não fèz com o seu público o contracto de ser profundo, e, se o tivesse feito e cumprido, outro seria o seu trabalho e até a sua pessoa.

Voltamos sempre ao mesmo sítio: O artista cumpriu o seu dever, porque foi grande, sincero e perfeito. A pedagogia tem uma função mais difícil do que a de encomendar *Lusíadas* a cada escritor que aparece.

Se os políticos não puderam melhorar a política, se os moralistas não conseguiram aperfeiçoar a moral, ¿como podia ser benéfico e útil a uma e

(1) V. A. Sérgio, obra cit., pag. 442.

outra o homem de génio que não foi moralista, nem político? O disparate está justamente nisto: Como Eça de Queiroz se revelou com exuberância e brilho artista genial, saltam-lhe em cima *(on n'emprunte qu'aux riches)* tôdas as boas-vontades, piamente invejosas ou sôfregas do seu génio, a lamentar que êste não tenha sido sempre pôsto ao serviço dos nobres interêsses, e das tarefas educativas, morais, sociais ou patrióticas de cada uma. O professor diz: *¿Porque não tratou êle só de educar as virgens e os mancebos?* O patriota exclama: *¿Porque não escreveu antes uma epopeia?* E o devoto brada: *¡Que pena não ter passado a existência a traçar vidas de Santos ou «Suaves Milagres»!*

E é quási certo que o admirável artista sentiu em vida tôdas estas ânsias de uma admiração unânime, sim, mas exigente e paradoxal, porque o admirava como êle era, querendo ao mesmo tempo que fôsse diferente. E morreu talvez dilacerado entre o orgulho nobre e o doloroso arrependimento de haver sido o que foi...

«A arte do século XVII (diz France) acreditava na Virtude, pelo menos antes de Racine... A arte do século XVIII acreditava na Razão. A arte do século XIX acreditou primeiro na Paixão, com Chauteaubriand, Jorge Sand e os Românticos. Agora, com os naturalistas, já não crê senão no instinto...» (1)

Pertencendo a esta escola, ressentem-se naturalmente da mesma tendência alguns livros de Eça de Queiroz; mas é bem certo que êle nunca

(1) *Vie Littéraire*, IV, pág. 14.

descreu da Virtude, e da Razão ainda menos. *Notre littérature ne croit plus à la bonté des choses,* continua o escritor francês. E não há um só livro de Eça de Queiroz onde possa mostrar-se que êle levou tão longe a negação ou a dúvida.

Não foi de-certo um Rudyard Kipling, criador de tipos afirmativos e tónicos; mas não nasceu na Inglaterra afirmativa e tónica; e no em-tanto a sua ironia não se compara com o corrosivo sarcasmo de Bernardo Shaw, nem tem a perversidade sábia da de Anatólio France. É ingénua, benévola, romântica, leve, e quási infantil, como foi o próprio Eça de Queiroz, até na sua maneira de ser e de viver.

Podemos lamentar patriòticamente que nos faltasse no seu tempo um escritor comparável a Queiroz pelo valor, e mais afirmativo e construtivo pela índole. Não podemos, porém, deitar-lhe as culpas das nossas fraquezas ou desgraças actuais — a êle, que foi no seu domínio uma fôrça inexcedível, e uma felicidade rara para nós.. Henrique Heine troçou e chicoteou a Prússia, escreveu tão bem em alemão como em francês, polvilhou de galicismos as suas composições alemãs, e nem por isso impediu que a Prússia medrasse e inchasse dentro da Alemanha e viesse, doze anos depois da sua morte, a acometer e a vencer a França, de que Heine fizera sua segunda pátria.

Não é com romances nem com versos, com ironias nem com sarcasmos, que se enfraquecem nações. Pelo contrário: as nações que verdadeiramente existem e viçam como tais, de tudo

tiram estímulos de vida e não sentem nos nervos ou na alma delíquios imputáveis à acção dissolvente de um artista. A França lutou e venceu como se viu ainda há pouco, apesar da sua literatura, da tal *que não acredita senão no instinto e descrè da própria bondade das coisas.* De nada serviu à Alemanha, na sua luta com a França, que o maior artista francês dos nossos tempos tivesse escrito e publicado às centenas de milhares a *Histoire Contemporaine* e a *Ile des Pingouins* — o mais ácido achincalhamento que jamais se viu, do presente e do passado de uma pátria.

Eça de Queiroz, coitado, como se já fôsse pequeno pêso para os seus ombros carregarem com as culpas da decadência de Portugal, tem de defender-se também de haver arruïnado moralmente o Brasil. È o que se lê com tòdas as letras no seguinte trecho do crítico brasileiro sr. José Maria Bello:

«E porque entre nós a sua influència (de Eça de Queiroz) não se limitou à ordem literària, indo, infinitamente mais longe, aos próprios costumes, e porque lhe exageraram o mérito, o abuso da sua leitura tornou-se nefasto. Agora, que os graves moralistas tanto se preocupam com o diagnóstico da nossa falada decadência moral, ¿quem sabe se o *èçismo* não seria um dos vícios a combater?... (1)

Entende o sr. Bello que não haveria perigo algum na *admiração infantil* da irreverência, ligeireza, impudência de Queiroz. «O mal consiste

(1) V. J. M. Bello, *Estudos Críticos,* Rio, 1917, pág. 15 e ss.

em que se reste nela, e, creio, foi o que aconteceu com a maioria dos nossos jovens intelectuais... Riem superiormente de tudo, das sciências e das religiões; a história lhes é uma *blague;* o patriotismo, um sentimento grosseiro e burguês. Parece-me que ainda se não estudou êsse aspecto nefasto da influência de Eça entre nós...»

E mais abaixo:

«Adolescentes, decorámos os seus livros; em qualquer tempo os relemos com o mais vivo prazer. É um *charmeur.* Mas, mediante êles apenas, não se forma o gôsto, não se educa a inteligência, não se cultiva o carácter, não se junta à soma de conhecimentos que se tenha um conhecimento novo um aspecto desconhecido de problemas antigos».

É evidente que não. Eça de Queiroz não foi, nem pretendeu ser um erudito, nem um *Manual Enciclopédico*, nem sequer uma Academia de Sciências ou uma universidade moderna. Para educar a inteligência e o carácter é preciso mais alguma coisa do que o *Mandarim*, o *Suave Milagre* ou a *Ilustre Casa de Ramires...*

Ignorante do que se passa no Brasil a êste respeito e não querendo ser indiscreto, limitar-me hei a dizer que o sr. J. M. Bello exagera de-certo, quando afirma que a maioria dos jovens intelectuais brasileiros que leram Eça de Queiroz ficaram considerando o patriotismo como sentimento *grosseiro e burguês*. Em Portugal, pelo menos, não aconteceu semelhante coisa.

O que nos interessa, a nós Portugueses, nos comentários do crítico brasileiro, é a confissão da influência e do encanto exercido pelo nosso escritor na mocidade do seu país. E interessa-nos principalmente, como caricatura de certas opiniões portuguesas, aquela sua ideia, razoàvelmente axiomática, de que os livros de Eça de Queiroz não bastam para educar a mocidade. Mal iria à França, se nas suas escolas só se lesse Anatólio France, que o sr. Bello acha superior a Eça de Queiroz, não sei também se como educador do carácter e tónico do civismo.

O problema foi assim muito bem esquematizado no Brasil, para ilustração de Portugal. Porque o êrro dos nossos criticos pedagógicos consiste exactamente em lançar para cima dêste e de outros escritores, influentes pelo seu talento comunicativo, as culpas que pertencem de facto e de direito à deficiência das escolas e da educação nacional.

As boas escolas preparam as crianças para a vida, defendendo-as da própria vida. Ensinam a viver, sequestrando os alunos do viver comum, disfarçando a realidade, falsificando-a até, para tornarem possível e real a formação do carácter dos futuros homens. E assim como no jardim de infância se estudou e alcançou um sistema de proporcionar aos pupilos a acção e o movimento sem que êles possam ser vítimas do movimento e da acção, assim nos outros graus mais elevados do ensino, a escola que sabe educar arranja meio e modo de fazer assimilar as ideias e os sentimentos, sem deixar envenenar

com êles os corações e os cérebros que se incumbiu de formar.

Corrosiva mais que nenhuma literatura humana é a própria existência dos homens; e ainda Eça de Queiroz, aos vinte anos, não tinha pegado na pena para traçar a sua primeira linha de prosa, quando já desde longos séculos corriam mundo mil ideias e mil sentimentos mais dissolventes e destrutivos do que nenhum dos que êle inventou, se é que alguns podia inventar.

O mais que êle podia, e magnificamente pôde, foi dar-lhes novas formas, das mais persuasivas e brilhantes. Não é culpa sua, se míseros primários, preceptores falhados, pobres doutores indignos do seu título e incompetentes para o seu mister, declaram perdido o mundo e perdida a mocidade, cada vez que da imprensa sai um livro que contraria os seus compêndios.

Estou falando de Portugal e para Portugal. E digo que já antes de Eça de Queiroz começar a escrever, as escolas portuguesas não religiosas eram pouco capazes de acender na alma dos seus alunos a menor scentelha de idealismo ou de fé, e razoàvelmente competentes para nêles fazer murchar qualquer flor de ingenuidade que houvessem trazido da infância e da família. Hoje, tudo isto piorou, se é possível que o péssimo piore. As escolas religiosas varreu-as o vendaval da intolerância fanática e da estupidez política sem freio. E muitas outras, vitimadas pela incompetência dirigente, pelo parasitismo insaciável, pelas discórdias sectárias, chafurdam no crasso materialismo e vegetam na quási impotência moral.

* * *

Com escolas destas não admira que a leitura dos nossos grandes artistas possa desmoralizar a mocidade. Com escolas destas, o que sobretudo admira é que ainda possamos continuar a ter grandes artistas.

*

* *

Ora acontece que todo o bom professor, ou qualquer escola que não minta à sua tabuleta, encontra no *negativo e destrutivo* Eça de Queiroz — no homem como nos livros — matéria vasta para afirmar e construir.

Uns e outros podem dizer com inteira e provada verdade, nas suas aulas, que Eça de Queiroz foi na vida modêlo de bondades e virtudes. Nasceu doente, de doença das que mais atacam a boa disposição do carácter e do espírito, e assim viveu até que a êsse mesmo mal sucumbiu, tendo revelado tôda a vida o mais doce e bondoso carácter, e a frescura e fecundidade magnífica de espírito que as suas obras testemunham. Logo ao nascer foi defraudado dos carinhos da mãe e da protecção paterna directa, porque seus pais se viram forçados, por circunstâncias políticas ou outras, a separar-se do filho, entregando-o, até os seis ou sete anos, a cuidados de gente humilde e mais ou menos mercenária. Esta desgraçada orfandade da criança excepcionalmente perspicaz e sensível pode explicar talvez, e com certeza justifica, uma das falhas mais graves que a crítica equilibrada encontrará e deverá combater nas obras de Eça de Queiroz: a depreciação expressa ou tácita da Mu-

lher. A *Aia*, do seu conto romântico assim mesmo intitulado, é a única estilização edificante que nos deixou do carácter feminino; e bem profundo e incurável deve ter sido o vinco impresso desde o alvorecer da vida na alma do artista, para que no seu crepúsculo, quando já entrado na fase de arrependimento construtivo, e ao cabo de doze ou mais anos de perfeita felicidade conjugal, ainda se denunciem nos seus livros hesitações ou dúvidas palpáveis. Faltou-lhe coragem para esboçar sequer o tipo da *Joaninha* de *A Cidade e as Serras;* acharam-se no seu espólio literário três *Vidas de Santos*, e nenhuma de Santa...

As datas dos exames de preparatórios, a aprovação *nemine discrepante* em todos os anos do curso de Coimbra, mostram que desde moço estudante, como depois pela vida fora, Eça de Queiroz timbrou sempre em dar boa conta de si e encarou o trabalho corajoso como o seu mais assíduo divertimento. A actividade literária e social por êle desenvolvida dos 21 aos 26 anos, desde que se formou em Direito até à partida para a Havana, espanta pela contínua e longa vertigem de trabalho variado, fatigantíssimo. De 1869 a 1871 viaja no Oriente, administra o concelho de Leiria, escreve o *Mistério da estrada de Sintra,* começa o *Crime do Padre Amaro*, prepara-se para o concurso de cônsul, em que obtém a primeira classificação, faz a conferência no Casino, colabora com Ramalho nas *Farpas*. E lê, e diverte-se, e resiste a tudo isto, com o seu organismo ingènitamente fraco, sentindo-se em tal febre de trabalho, não só a fecundidade literária, como também a ânsia do

rapaz brioso e pobre, a quem a vida material não sorri e que precisa de colocar-se urgentemente.

Dêstes cinco ou seis anos de luta febril descansa Queiroz nos dois que passa na América Central, cedendo também de-certo ao clima depressivo dos trópicos, que aliás não era o mais próprio para que as suas fôrças se refizessem completamente do excesso de actividade de 1869 a 72. Transferido em 74 para Inglaterra, recomeça então, para só terminar com a morte, vinte e seis anos mais tarde, o labor literário fecundo donde resultou a quási totalidade das obras que nos deixou o escritor. E o vulto dêsse trabalho de romancista, de contista, de cronista, de polemista, de organizador de revistas e até de almanaques, aliás acumulado com o permanente exercício de funções oficiais, se por um lado demonstra que Eça de Queiroz nunca mais descansou, apesar de sempre doente, por outro lado constitui a contundente negação da atoarda da crítica superficial e malévola, que o dava como torturado do estilo e da forma, escrevendo com dificuldade e sofrendo agonias para melhorar a inspiração de primeiro jacto.

Eça de Queiroz mergulhou de corpo e alma no labor literário, porque acima de tudo amava e prezava a arte a que se consagrara. Nunca ousou ser-lhe infiel, procurando outros meios mais remuneradores de prover às necessidades materiais da existência e defraudando assim o escritor para beneficiar o homem e o chefe de família. Sacrificou-se à Beleza e sacrificou-lhe tudo: posição social, que fàcilmente melhoraria pela ob-

tenção de outros cargos menos apagados que os que sempre exerceu; bem-estar próprio e dos seus, limitado sempre pelo fraco valor mercantil da literatura portuguesa e pela modéstia dos ordenados públicos do tempo em que todos os serviços dos Negócios Estranjeiros não chegavam a custar ao país quatrocentos contos anuais. Quanto à independência incorrutível e à serena coragem com que sempre disse o que entendeu ser justo e pintou o que era ou êle julgava verdadeiro, grita-as bem alto a sua produção, que muitos consideram ofensiva do próprio país e das suas instituições ou representantes políticos mais altos, e onde há páginas sôbre a Inglaterra e a França, escritas por Queiroz quando cônsul em Inglaterra e em França, sôbre que outros menos amantes da independência e da verdade teriam feito correr, antes de publicá-las, um manto de cautela e prudência diplomática.

Da sua bondade, caridade e modéstia, falam em comovidos termos, de admiração unânime, todos os que de perto o trataram. Pùblicamente, pelo seu primeiro acto de funcionário, deu provas de terno coração e desinterêsse exemplar, propondo ao Govêrno português e dêle obtendo, com prejuízo dos seus próprios emolumentos consulares, a abolição do tráfico de escravos chinas entre Macau e Cuba. Foi sempre acessível a todos, e por completo despido de vaidades e soberbas, recebendo ao contrário os outros homens com simplicidade e humildade, e sendo adorado das crianças, com quem brincava como se fôsse apenas uma criança maior. A sua conversa não era te-

cida de frases literatas, estudadas antes, mas tôda espontânea, natural e simples. Riu e gracejou até morrer, com infantil frescura. E nenhum pobre verdadeiro ou falso se abeirou nunca dêle, sem receber merecidamente ou não a sua pronta esmola.

Aos que nas obras de Eça de Queiroz exageram o volume ou o pêso das negações, irreverências, inconveniências e ironias, pode responder-se e provar-se que no conjunto, e em quàsi tôdas as páginas de tão avultada produção artística, imperam nobres exemplos e altas lições morais, somadas às que o próprio escritor conscientemente quis dar. Aí se aprende o culto religioso da Arte, sedento de perfeição e incapaz de rebaixar-se a servir ou lisonjear o gôsto de leitores depravados. Aí se vê sempre o amor da justiça, da liberdade tolerante e sensata, do progresso intelectual, do trabalho fecundo, da sinceridade e da verdade. Aí se reflecte a fidalguia do homem de maneiras naturalmente finas, incapaz de desbragar-se na polémica até o insulto pessoal e a própria grosseria de palavras. Aí se encontra sempre o escritor ao lado dos fracos, dos humildes e dos pobres, indivíduos ou nações, contra os fortes, os tiranos e os ricos que fecharam a alma no cofre.

E quando se encarem as obras de Queiroz individuadamente, e pedagògicamente se queiram e saibam aproveitar para melhoria e embelezamento do espírito ou do carácter das crianças e da gente môça, em edições e compilações apropriadas, lá se irão encontrar contos morais e cristãos

como A *Aia*, o *Tesouro*, *Na praia*, *Suave milagre*, as Vidas dos Santos; páginas de instrutiva leitura, como *Adão e Eva no Paraíso*, *Almanaques*, os admiráveis quadros medievais do *S. Cristovam*, e dezenas de trechos das crónicas, folhetins e ensaios; caricaturas desopilantes e inofensivas, espalhadas pelas *Farpas* e por todos os outros livros; descrições e elogios da nossa natureza, impregnados de terno lirismo e bem portuguesa saüdade. E além de todo êste material mais ou menos avulso, há três livros de Eça de Queiroz de que podem formar-se, resumindo-os, aparando-os e comentando-os com inteligência didáctica, outros tantos verdadeiros compêndios, inigualàvelmente atraentes, de portuguesismo, de amor da vida simples, de ideal de perfeição intelectual e moral: *A Ilustre casa de Ramires, A Cidade e as Serras, A correspondência de Fradique Mendes.*

Pode e há-de discutir-se infindàvelmente o tipo de Fradique. Com todo o seu *renanismo*, com todo o seu *dilettantismo*, certo é que está ali uma personificação romântica e comunicativa do bom-gôsto, da alta cultura, da curiosidade universal, da distinção de maneiras, da saúde do corpo e do espírito. Tomáramos nós que tantos filhos de gente rica, que passam a vida a matar o tempo, fôssem outras tantas espécies de Fradiques. Tomáramos nós que professores devotos da sua profissão apropriassem aquele livro encantador a um breviário de Estética, para mancebos com tendências literárias, compreendendo que em nenhuma outra língua existe obra que se lhe compare, e possa adaptar-se como aquela a fins de

sugestiva educação intelectual. Tomáramos nós que outros escritores nos dessem, com razoável talento, outros Fradiques complementares ou correctivos daquele, semelhantemente (mas mais nitidamente) ao que já fêz o sr. Antero de Figueiredo, na segunda parte do seu belíssimo livro *Senhora do Amparo*...

Não podemos completar aqui, porque nos falta o espaço, a apologia que tentámos, e que, de-certo infeliz, deve a sua infelicidade não à aspereza da tarefa, mas à insuficiência do obreiro. Para outra ocasião ficará o complemento dêste encargo agradabilíssimo, homenagem de um humilde português de boa vontade à memória de uma das mais altas figuras que Portugal tem gerado.

II

ESBÔÇO DE CRONOLOGIA BIOGRÁFICA E LITERÁRIA

1845 — *25 de Novembro*: Nasce José Maria de Eça de Queiroz, na Póvoa do Varzim (1) e é logo separado de seus pais.

—— — *1 de Dezembro*: É baptizado em Vila do do Conde.

1851 — Sai de Vila do Conde para a companhia de seus pais.

1858 — *17 de Julho*: Exame de Instrução Primária no Pôrto.

1861 — Matricula-se no 1.º ano da Faculdade de Direito da Universidade

1866 — *23 de Março*: Publica-se na *Gazeta de Portugal* a estreia literária de Queiroz, *Notas marginais*.

—— — *22 de Junho*: Forma-se em Direito, *nemine discrepante*, tendo sido seus contemporâneos em Coimbra Antero de Quental, Alberto Sampaio, Júlio Lourenço Pinto, Germano Meireles, J. C. Vieira de Castro, António de

(1) O sr. Teofilo Braga pretende que foi em 1843 o nascimento de Queiroz.

Azevedo Castelo Branco, José Falcão, Lobo de Moura, Santos Valente, Manuel de Arriaga, Rodrigo Veloso, Teófilo Braga, etc.

——— *10 de Outubro:* Eça de Queiroz inscreve-se na Secretaria do Supremo Tribunal de Justiça como advogado.

——— *Fins:* Parte para Évora, encarregado de fundar ali um jornal.

1867 — *6 de Janeiro:* Sai o primeiro número do *Distrito de Évora*, bi-semanário que Eça de Queiroz redige inteiramente.

——— *Agôsto:* Deixa a redacção do citado jornal e regressa a Lisboa, continuando a colaboração literária na *Gazeta de Portugal.*

——— *27 de Setembro:* Data da célebre carta de Castilho a M. Pinheiro Chagas, publicada com o *Poema da mocidade*, dêste último escritor, carta que deu lugar ao panfleto *Bom-senso e Bom-gôsto,* de Antero de Quental.

——— *22 de Dezembro:* Publica-se na *Gazeta de Portugal* o último folhetim de Eça de Queiroz, intitulado *Memórias de uma fôrca*, o qual provoca risos gerais e uma troça do jornalista portuense Urbano Loureiro sob o título de *Estreia fúnebre (d'Eça).*

——— *Dezembro:* Queiroz abre banca de advogado na sua própria residência (Rossio, 26, 4.º andar).

——— *Fins:* Forma-se o *Cenáculo* em casa de Jaime Batalha Reis.

1868 — Antero de Quental entra no *Cenáculo.*

1869 — *Outubro ou Novembro:* Queiroz parte com o conde de Resende para a viagem do Oriente.

1870 — *Primavera:* Regresso a Lisboa.

——— *30 de Junho:* Toma posse do cargo de administrador do concelho de Leiria.

——— *24 de Julho:* Começa a publicar-se em folhetins no *Diário de Noticias* o *Mistério da Estrada de Sintra*, saindo o último folhetim em 27 de Setembro do mesmo ano. A parte de Eça de Queiroz foi tôda escrita em Leiria.

——— *Fins de Setembro:* Presta provas públicas no concurso para cônsules, sendo classificado como primeiro de todos os concorrentes.

1871 — *Janeiro:* O *Diário de Noticias* noticia que Eça de Queiroz está escrevendo um romance intitulado *História de um lindo corpo*, o que o sr. J. Batalha Reis confirma no seu prefácio das *Prosas Bárbaras*. Certo é que nêsse mesmo ano é pelo menos esboçado *O Crime do Padre Amaro.*

——— *Maio 5:* Carta de Queiroz a Ramalho Ortigão, dizendo que *As Farpas*, que vão aparecer em breve, não são uma publicação republicana. *As Farpas* aparecem com efeito nesse mês, durante o qual são também inauguradas as conferências do Casino, sendo Antero de Quental o primeiro conferente.

——— *6 de Junho:* Decreto pelo qual Eça de Queiroz é exonerado de administrador de Leiria.

——— *12 de Junho:* Conferência de Queiroz no Casino.

1872 — *16 de Março:* É nomeado cônsul de 1.ª classe nas Antilhas Espanholas. Anteriormente vagara o consulado da Baía, tendo

sido nomeado para êle outro concorrente, com preterição ilegal do primeiro classificado Eça de Queiroz.

—— — *9 de Novembro:* Partida para Cuba.

—— — *20 de Dezembro:* Queiroz chega à Havana e toma posse do seu cargo.

1873 — *Maio a Novembro:* Viaja pelas Américas Central e do Norte.

1874 — *29 de Novembro:* Transferência para o consulado de New-Castle, onde se familiarizou com a língua e a literatura inglêsa.

1875 — Publicação de *O Crime do Padre Amaro,* na *Revista Ocidental.* Morte do conde de Rezende, D. Luís de Castro Pamplona.

1876 — Publicação do *Crime* em livro. Desde Setembro dèste ano a Setembro de 1877 escreve Queiroz em New-Castle o *Primo Basílio.*

1878 — Por de 30 de Julho é colocado no consulado de Brístol. Publica-se o *Primo Basílio.* Em Janeiro dèste ano anunciam *As Farpas* o aparecimento de outros trabalhos de Queiroz, as *Scenas Portuguesas,* volumes de 200 páginas, de que os três primeiros seriam *A Capital, O milagre do Vale de Reriz,* e *O conspirador Matias.*

—— — De Outubro dêste ano a Outubro de 1879 remodela Queiroz em Brístol *O Crime do Padre Amaro.* Publica-se na *Renascença* o seu artigo sôbre *Ramalho Ortigão.*

1879 a 1883 — Escreve em Brístol *A Capital,* parte de *A Reliquia* e as *Cartas de Inglaterra.*

1880 — *Julho:* Publica-se no *Diário de Portugal* o *Mandarim.* O *Diário Popular* anuncia a

publicação de *Os Maias* nas seus colunas. Terceira publicação do *Crime do Padre Amaro*, inteiramente remodelado.

1883 — Em 26 de Abril elege a Academia Real das Sciências Eça de Queiroz seu sócio correspondente.

1884 — Segunda edição do *Mistério da Estrada de Sintra*. Durante uma licença concluiu Eça de Queiroz *A Relíquia*, começada em Brístol.

1886 — *10 de Fevereiro*: Casa-se na igreja de Cedofeita, do Pôrto, com D. Emília de Castro Pamplona, irmã do conde de Resende,

—— *12 de Junho*: Data do Prefácio dos *Azulejos*, de Bernardo de Pindela, conde d'Arnoso.

1887 — Publica-se em livro *A Relíquia*, que primeiro saíra em folhetins na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro.

1888 — Publicam-se *Os Maias*, onde Eça de Queiroz encorporara o texto de *A Capital*. — Polémica com Manuel Pinheiro Chagas (*Reporter* de 27 de Abril e 8 de Junho) a respeito da *Relíquia* e do concurso ao prémio de D. Luís I. Desde Julho dêste ano a Julho de 1889 prepara Queiroz a publicação da *Revista de Portugal*.

—— — Por decreto de 28 de Agôsto é colocado no consulado de Paris.

1889 — Em 8 de Fevereiro publica *O Tempo*, jornal político de Lisboa, dirigido por Carlos Lobo de Ávila, uma carta de Queiroz intitulada *Tomás de Alencar, Uma explicação*, em resposta à sátira de Bulhão Pato, *O grande Maia*. Pato volta depois à carga com o

Lázaro Cônsul, a que Eça de Queiroz não respondeu. — Neste mesmo ano, tendo chegado a Lisboa em 24 de Março, janta Eça de Queiroz a 26, pela primeira vez, com os *Vencidos da Vida*, grupo de escritores, políticos e cortesãos, fundado em 1887, com grande indignação dos botequins e redacções da época. —Em 3 de Maio anuncia *O Tempo* a próxima publicação da *Revista de Portugal*, dizendo que esta inserirá na sua primeira série o novo romance de Queiroz, *As monjas de Ribajóia*. Em 1889 e 1890 publica a *Revista*, em vez desta obra (que afinal nunca apareceu nem consta que chegasse a ser escrita) a *Correspondência de Fradique Mendes*. Por êsses mesmos anos trabalha Eça de Queiroz em Paris na *Ilustre Casa de Ramires*.

1890 a 1899—período de grande actividade, durante o qual Eça de Queiroz conclui e publica (1897) na *Revista Moderna*, de Paris, a *Ilustre Casa de Ramires*; continua a dirigir algum tempo a *Revista de Portugal* e a colaborar nela; escreve e manda para o Brasil (de 1893 a 1896) as *Cartas Familiares, Bilhetes de Paris* e *Ecos de Paris*; funda e dirige o *Almanaque Enciclopédico*; trabalha no livro *A Cidade e as Serras*; compõe finalmente muitos dos *Contos*, dos artigos depois publicados nas *Notas Contemporâneas*, as *Últimas Páginas*, etc.

1900 — Em fins de Maio chega a Lisboa; a 28 de Julho parte com Ramalho Ortigão para a Suíça; em 9 de Agôsto, sentindo-se mal em

Glion, recolhe a Paris e aí vem a falecer a 16, serenamente, pelas 4 ½ da tarde.

—— — *Setembro 17:* Sepultados no cemitério do Alto de S. João os despojos mortais de Eça de Queiroz, que na véspera tinham chegado ao Tejo a bordo do transporte *África*, da Armada Real.

1901 — *30 de Janeiro:* Morre o pai do escritor, Cons.º José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz, juíz do Supremo Tribunal de Justiça.

—— — *12 de Junho:* Lei votada em Côrtes por proposta do Conde d'Arnoso, par do Reino, pela qual é concedida à viúva e filhos de Eça de Queiroz a pensão anual de 1.200$000 réis.

1903 — *Novembro 9:* Inauguração do monumento de Queiroz no Largo do Quintela, de Lisboa.

1906 — *Outubro:* Inauguração de uma lápide comemorativa na casa onde nasceu Queiroz, na Póvoa de Varzím.

1912 — *30 de Junho:* Por lei votada no Congresso da República Portuguesa é retirada à família de Queiroz, e transferida para a viúva de Rafael Bordalo Pinheiro, a pensão do Estado concedida em 1901.

Nota. — Organizámos êste esbôço de cronologia queirosiana quási só com elementos tirados do livro do sr. António Cabral sôbre *Eça de Queiroz*, livro excelente na sua parte documental e anedótica.

III

A «ANTOLOGIA»

Compor-se há de dois volumes, compilados de modo que êste primeiro convenha para leitura, não só de adultos, mas de crianças, visto que dêle se apartou quanto possa considerar-se escabroso e impróprio das idades melindrosas; ao passo que no segundo, nada recomendável para estas, foram incluídos vários trechos característicos de observação e psicologia do amor, como não podia deixar de acontecer a essa outra colecção, que organizámos com objectivo, não de simples deleite de leitores muito moços, mas principalmente de estudo crítico-literário do escritor.

Quando tal estudo se faça, por exemplo, em qualquer Faculdade literária ou na última classe de letras dos Liceus (onde aliás costuma ler-se Gil Vicente sem sequestro dos passos mais descabelados) o segundo tômo da Antologia de *Eça de Queiroz* poderá constituir auxílio oportuno, com as suas secções sistemáticas intituladas *Poder descritivo*, *Retratos*, *Polémica literária*, *Autobiografia e autocrítica*, etc., etc., algumas das quais devem completar-se, na prática do estudo e

para exemplificação crítica suficiente, com trechos competentes do primeiro tômo.

Com os dois volumes assim organizados cremos prestar bom serviço à grande memória de Eça de Queiroz, à boa educação literária da mocidade e em geral a todo o público amador das boas letras.

Tem-se escrito tanto sôbre a figura literária de Queiroz, que nos foi impossível proceder com êle como fizemos, nas Introduções a volumes anteriores da *Antologia,* a respeito de outros grandes escritores, transcrevendo o principal das opiniões críticas publicadas. O material que nesse sentido acumulámos é tão avultante, que temos de guardá-lo para volume à parte, e no prefácio do segundo tômo da Antologia de *Eça de Queiroz* pouco ou nenhum espaço nos sobrará, depois de havermos tratado do ponto mais urgente, que é o estudo sumário dos pecados do grande prosador contra a pureza da linguagem.

*

* *

Antes de concluir, faremos duas declarações sôbre assunto que, na aparência meramente formal, tem de facto importância mais funda.

Manda a ortografia nova e oficial que se escreva QUEIRÓS, e não QUEIROZ, e é de tôda a certeza que o mandado tem por si a sciência etimológica. Parece, porém, que em matéria de grafia dos apelidos de família os mais sábios são aqueles que os usam, e não há duvida que em boa sciência

prática, aplicada, como deve ser a sciência ortográfica, o bom critério será antes o bom senso do que a boa filologia.

Há, e continuará a haver, Lencastres e Lancastres, Dantas e d'Antas, Lacerdas e La Cerdas, Bottos e Botos, Reis e Reys. Queiroses, com *s*, não parece que haja ainda, e o certo é que Eça de Queiroz não foi um dêles. ¿Com que direito, portanto, e com que vantagem, lhe havemos de alterar o nome que sempre usou e que, aliás, já se tornou conhecido, fora até de Portugal, com o aspecto que o seu dono lhe deu, ou nêle respeitou por tradição e herança? ..

Os nossos escritores mais antigos não tinham uma ortografia, e alguns passaram sem ela perfeitamente, até na escrita dos seus próprios nomes e apelidos. Outros, como Fernão Lopes, que assinava *Fernam Lopez*, usaram de grafias a que hoje pode corresponder, se as conservarmos, leitura diferente da que queremos que tenham, ou entendemos que devam ter os seus nomes. Damião de GOES, porém, ficará razoàvelmente desfigurado, se lhe chamarmos de GÓIS, podendo os estranjeiros que o conhecem passar por êle, quando assim vestido à moderna, sem lhe tirarem o chapéu.

É complicado o problema — razão de mais para que lhe venha, de quem de direito, uma tentativa, ao menos, de solução, que podia ser uma lista ortográfica de apelidos históricos, respeitadora da grafia uniforme usada pelos próprios apelidados, quando a houve. Em-quanto essa ou outra solução não chega, vamos nós, pelas razões ditas, escrevendo QUEIROZ como Queiroz escreveu, embora

grafemos *queirosiano,* de acôrdo com a sciência e sem assalto à propriedade alheia.

Êste adjectivo *queirosiano,* que de dia para dia há-de ter por fôrça maior aplicação e uso, tira-se fácil e sonoramente do seu substantivo inicial. Com EÇA é que já não será tão simples formar epíteto que nos agrade igualmente. Eis um dos motivos por que, tendo de escolher, para abreviar, entre os dois apelidos, geralmente solidários, do grande escritor, optámos pelo segundo, dizendo QUEIROZ, em vez de EÇA, quando nos faltou pachorra para manifestar os dois juntos.

QUEIROZ é o último de ambos. É o que de-certo, e por isso mesmo, se fixará fora de Portugal para nomear abreviadamente o escritor. Era assim que o tratavam os seus íntimos, quando não diziam, com mais familiaridade ainda, o JOSÉ MARIA. Dêle se tiram com boa prosódia os derivados *queirosiano, queirosismo,* etc. Por todos estes títulos se recomenda a abreviatura de QUEIROZ, e isso nos levou a adoptá-la sempre ou quási sempre, e a propô-la como mais conveniente do que a de EÇA.

Lisboa, 22 de Agôsto de 1922.

A. DE C.

EÇA DE QUEIROZ

I

Selecta para leitura na família e na escola

I

O LUME

Agora, de inverno, no campo, as noites são ásperas e hostis. Tôda a natureza está impassível e entorpecida, esperando a fermentação violenta das seivas. As árvores erguem os braços nus, miseráveis e suplicantes. E as águas, que no outono estavam quietas e pálidas, e que em maio faziam claras murmurações, tão melódicas como o ritmo dum idílio latino, teem agora vozes vingativas e más. O vento é rouco e lento, como um canto católico de ofícios: as chuvas caem de cima, como escárnios triunfantes e ruidosos.... (1)

....Então, o homem sente a sua pequenina e inútil alma afundar-se no tédio, silenciosamente, como um navio rôto numa calmaria, e vai, por instinto, dar-se à intimidade consoladora da lareira, das brasas e do fogo. E,

---

(1) Quatro pontos no fim de um parágrafo, e no princípio do imediato, indicam salto na transcrição.

em-quanto a fôrça vital se dissolve numa sonolência fluida, êle sente aos seus pés uma pequena voz, alegre, inquieta, clara, que lhe fala como num êxtase profano:

«Sou eu — diz a voz — eu, o teu velho camarada, o bom lume. Sou eu, o teu velho Deus misterioso. Eu, que te quero bem, e que te dei o que há em ti de grande e justo—a família e o trabalho. A minha história é triste, luminosa e terrível, imunda e meiga. Eu fui o teu companheiro das noites da Índia, o consolador e purificador; eu fui o Moloc das religiões da velha África, ensangüentado e trágico: e sou agora o escravo a quem tu mandas mover as máquinas.

«Sempre escondido e silencioso, ocupando a um canto o mais pequeno espaço da casa, eu venho, todo jovial e radioso, quando tu me chamas, e fico, nas tuas horas negras de dor e de miséria, calado ao pé de ti, lambendo-te os pés como um cão. Na Índia, ¿lembras-te? durante as noites primitivas, eu fui o teu bom *Agni* que te alumiava, que espantava os chacais e as onças, e protegia, como um templo, os teus amores religiosos e simples. Escondia-me nas pedras, e nos paus secos: assim, para onde tu fôsses, ou solitário ou em bando, encontravas-me sempre aos teus pés, bom e humilde. Foi ao pé de mim que tu criaste a trindade humana da família.

«Era ao pé de mim que tu descansavas

dos teus bárbaros trabalhos, no princípio, quando a vasta natureza te combatia. E eu tive a confidência dos teus primeiros beijos. E eu sabia as tuas dores e os teus mêdos..

«Tinhas em redor de ti a hostilidade dispersa: a grande floresta tenebrosa, que depois foi para ti berço, lenha, morada, navio, defesa e fôrça, era então a tua sepultura iminente. Quando saías de ao pé de mim, da tua cabana ajoelhada ao sol, encontravas-te só, entre os seres implacáveis — o mar, que te ladrava; a vegetação espinhosa, que te mordia; a chuva, que te paralisava; a neve, que te dava sudários. Tudo, sob a pressão doentia do sol, era para ti fôrça inimiga ou forma resplandecente do mal. E só quando voltavas, encontravas o teu bom lume que te enxugava, que te alumiava, que te dava o pão, a fôrça ou a fé. Eu e a mulher, a minha companheira celeste e silenciosa, ficávamos em casa, esperando os teus cansaços. Ela fiava, limpava o chão da cabana, tirava a água fresca, e adormecia o filho no seio branco, como num leito espiritual: eu estava quieto e atento, combatendo a sombra e a noite, vencendo a humidade traiçoeira, fazendo um docel de vida e de luz para o teu sono, dando à cabana a serenidade tépida, e às tuas fadigas um paraíso de sossêgo, de silêncio e de calor....

....«Eu tenho ainda por ti aquele amor servil e adulador, que se glorifica quando abdica, que tem um êxtase quando se dá a uma hu-

milhação. Quando te afastas, quando me deixas, fico triste, amorteço-me; tôda esta grande alma de chama, que te quer tão bem, se definha, e apenas ficam as brasas ainda quentes, ainda vermelhas, mas já inertes, e cheias de negro — justamente como o corpo dum amor abandonado.

«Mas, quando vens para mim, quando me estendes a mão, como para um afago, quando me revolves — desperto, revivo, canto salmos de luz....

....«Por ti, tenho feito o mal. Fui eu quematei Giordano Bruno, João Huss, tantos santos, e tantos mártires, e tantos alucinados de Deus! Fui eu que queimei, nas cidades misteriosas de África, as crianças e as virgens no altar de Moloc.

Por ti, eu, que sou a paz, fui a devastação. Estou fatigado. ¡ Durante os tempos tenho sido o camarada, o amigo, o servo, o vigia, o cão, o confidente, o pão, o calor, a vida! ¡ Não queiras que eu seja o carrasco! Podia ir contigo insensìvelmente — lareira, se era o teu amor que me assoprava; incêndio, se era a tua cólera — no tempo em que tu eras uma fôrça inconsciente e fatal. Mas hoje és uma consciência. Contigo só me aliarei para ser fé, consolação e paz. Sendo paz e fé, é que eu te tenho consolado das servidões dolorosas.

«No tempo das catedrais, quando tu nada tinhas, nem o amor, nem o pão livre, nem a voz, nem o sono, nem a esperança, eu dei-te

o que mais agrada ao escravo — o direito de mandar. Em volta de mim, a família ajoelhava à tua voz, rezava ao teu olhar, erguia a hóstia do amor ao teu coração. Eras servo e tinhas estas grandezas: era eu que tas dava. ¿Como? Pela fé, pela paz, pela consolação, pela união. Para ti, eu tenho representado a essência humana. Eu tenho advogado a causa da vida.

«A minha irradiação lenta e amorosa dissipou o misticismo. Eu sou o bem. A família, o trabalho, a educação, esta trindade misteriosa da vida, tudo está em mim. Tôda a felicidade humana canta, ama, ora, no círculo da minha luz. Tudo para além é sombra — sombra na parede, e sombra na alma. Procuras o ideal na religião, na conquista, na arte, ¡ debalde ! Trabalhas, adoeces, morres, apodreces : ¡ vida inútil ! Os únicos momentos verdadeiros e sãos foram aqueles em que estiveste ao pé de mim, olhando castamente a mulher, ensinando a ler a criança. Então realizaste o ideal, o símbolo — Deus — que as religiões esboçam e as críticas dissipam....

.....«Depois disso, tens tido uma vida legendária de lutas, de criações, de religiões, de conquistas, de descobertas, de ideais.

«¿O que aumentaste em ti? Nada: apenas a tristeza, o desfalecimento, a dor e o mal.

«Eras puro e são : estás mórbido e enfraquecido. Eras forte : estás raquítico. Eras sereno : estás torturado. O teu bom riso é uma áspera desconfiança.

«Tinhas por inimiga a natureza. ¿ Venceste-la ? Não. Absorveste-la. E tudo o que ela tinha de terrível e de doloroso, tudo hoje tu tens : a independência desesperada do mar, o mistério doentio da floresta, o chôro aflito das águas, a inquietação do vento, a barbaridade das feras, a escuridão supersticiosa dos astros, tudo hoje está em ti, com surdas irritações, com rebeliões formidáveis. Aí está. De cada vez que te apartaste de mim, do sossêgo do meu calor, voltaste trazendo uma chaga.

«Foste criar o misticismo : vieste com a nostalgia incurável. Quiseste criar os Direitos do Homem : ¡ trouxeste um mal divino chamado Liberdade, que vai sempre fugindo de ti, e só às vezes se volta de repente, para te borrifar de sangue ! Quiseste ir construir a adoração do corpo e da matéria exclusiva: trouxeste o elemento dissolvente da fôrça e o egoísmo brutal. Não tens dado um passo de mais para o bem. As tuas obras aí estão imensas, acumuladas, contraditórias e inúteis. Tens uma complicação infinita de asas, que te impede o voo.

«A mim, abandonaste-me.

«Eu não me apaguei. Durante as revoluções e as lutas, andei errante, miserável, sobrecarregado de infâmias, e, para viver, vendendo-me ao carrasco !

«Mas conservei sempre a minha chama casta e familiar, para o dia em que quisesses vir, tristemente, enxugar-te, ao meu calor, do sangue dos teus irmãos.

«Vem para junto de mim. Eu sou completo. Correspondo a todos os teus instintos, luminosos, ou sagrados, ou materiais, ou lascivos. Eu dou-te o pão, o calor, a fortaleza; dou-te as visões que são a poesia do movimento na alma, dou-te a sensualidade sonolenta que exala amor, dou-te a serenidade que dispõe para a contemplação, e a fôrça que prepara para o trabalho. Eu sou a cura, inteligente e bôa, do mal natural. Eu alumio-te nas vigílias dolorosas. Quando estás entorpecido na doença, eu, pequenino e encolhido, tremo ao pé de ti. Quando morres, e a tua alma vai partir, eu alumio-lhe o caminho de Deus. Eu cerco Cristo nos altares, para que tu o vejas bem. Quando andas no mar, eu sou junto das praias o grito de luz que te chama.

«¿E o que fazes tu, em paga dêste amor que se dá, que cria, e que purifica? Esmagas-me. Fazes-me o escravo das máquinas. A mim que embalava as almas, fazes-me mover os aços. ¡Embalo que era amor, movimento que é fôrça: os dois termos da tua vida — pureza e putrefacção! Eu, que vivia, alumiava, criava em liberdade, estou encadeado e martirizado na tarefa brutal das indústrias. Fazes-me o motor da miséria. Nas fábricas, as criaturas doentias, as crianças estioladas, as mulheres definhadas e soluçantes, são as minhas vítimas. Sou o colabodor dos martírios que lhes infliges. ¡ Tu, homem, tomas o fogo, o ser sagrado, por aju-

dante de execuções! Dás-me por salário a infâmia. Fazes de mim *explosão.* ¡ Obrigas-me a devastar na guerra!

«Eu sou a pureza, o trabalho, a família, a paixão casta: ¡ levas-me a ser o mal, a viüvez, o pranto e a dor! ¡ Tenho um cortejo de ambulâncias e de macas, eu, que era o firmamento dos berços! ¡ Não! ¡ maldita seja a árvore que consentir em ser fôrca, e o fogo que consentir em ser explosão!

«Não quero que na minha vegetação de luz haja um orvalho de sangue. Não quero que o vento, ao embalar-me, faça soltar os gritos e os choros que se tivessem aninhado em mim. Tu, homem, sê piedoso e justo. Eu alumio o mais que posso as igrejas, mas parece-me que tu não vês bem a Cristo. Não: deixa-me ser a pureza, a graça, a família, a intimidade casta e o bem. Peço-to, rojando-me como um mendigo. ¡Oh homem, oh meu velho camarada das choupanas da Índia! ¡ não me faças ser explosão, morte e devastação, para que eu, no dia de pureza e de castidade, quando estiver alumiando e aquecendo os beijos, as orações e os berços — não sinta entre as minhas chamas bailarem espectros!»

(*Prosas Bárbaras,* 1.ª edição, pág. 147 e ss.)

II

CAIXÃO DE CHUMBO

BEM-AVENTURADOS os que vão para debaixo do chão, porque vão para uma transfiguração sagrada. Mal caem sôbre êles as últimas pàzadas de terra, e o canto dos padres, bárbaro e dolente, se perde com o fumo dos círios, o corpo fica só, na plenitude da noite e do silêncio, perante a grande vegetação esfomeada; êle vai dar-se ali como pasto às bôcas sinistras das raízes: êle amolece entre as humidades da terra e desfaz-se em podridões: então as raízes começam a sugar e a comer: a podridão transforma-se em seiva: a seiva sobe pelos troncos, estende-se pelos ramos, palpita dentro da árvore; engrossa, fecunda, arredonda-se nas exuberâncias dos gomos, e abre-se depois em folhagens, em florescências e em frutos; e o corpo transformado vê outra vez o sol, as grandes poeiras; e sente os orvalhos, e ouve as cantigas dos pastores; e vive sereno, repousado, na floresta imensa.

E, no em-tanto, junto daquele corpo, que sofreu a metempsicose do bem, foi enterrado outro, num caixão de chumbo, entre pedra e cal, hirto e embalsamado....

....Êle enveja os átomos livres e soltos, que sobem e descem no encruzamento das vitalidades; que se deslocam e escorrem, como grão dum saco, desde as constelações e os cometas, até às espumas das fontes; ali, sequestrado à natureza, não se pode dissolver na eterna matéria forte; não tornará a ver o sol, as noites amolecidas de orvalho, os soluços lascivos do mar...¿ Que estranha fatalidade pesava sobre èle, que nem a morte o libertou?

(*Os Mortos*, 1866. *Prosas Bárbaras*, 1.ª ed. pág. 59 e 60)

III

A BORDO DO "CEILÃO"

Ao terceiro dia de viagem do *Ceilão*, um dia antes de avistarmos Malta, um oficial inglês, ao almôço, lembrou que naquele dia fazia 28 anos o Principe de Gales. Quási todos os oficiais que estavam a bordo conheciam o Príncipe, estimavam o seu carácter, o seu temperamento eminentemente *byroniano*. Resolveram, com acedência do comandante, celebrar a data e valsar à noite, na tolda, à luz dum *punch* colossal.

O jantar foi já ruïdoso; o *champagne* resplandeceu como opala líquida, nas taças facetadas; a pesada *pale ale* espumou; o *Xerez* ferveu na *soda water*. Carmen, pela sua beleza e pela extranha *verve* da sua agitação, foi a alegria daquele pesado e longo banquete de natalício real.

Houve *toasts*, à rainha e aos príncipes inglêses, ao lord-almirante, à companhia *P. and O.*; e um inglês rico fêz um *speech* aos estranjeiros, *the count and countess of W.*

— Peço um *toast*, disse Carmen, de-repente.

Os copos tiniram, estalaram as rôlhas.

— ¡A' caçada do tigre! aos palanquins de cortinas brancas! aos caçadores que salvam as damas que teem à garupa!

A maior parte não compreendeu; alguns riram; mas, como o *toast* era excêntrico, foi escoltado de aplausos.

—*Oh! shocking!* disse ao meu lado uma velha irlandesa....

....—*Not at all, Madam!* disse eu. É apenas o sangue meridional. Aquela viveza, aqueles olhos luzentes, é o sangue meridional; se ela agora quebrasse tôdas as garrafas, de encontro ao teto da sala, era o sangue meridional...

A inglêsa escutava, como quem se instrui.

—... se ela tomasse de repente a roda do leme e arremessasse o paquete contra um rochedo, era o sangue meridional; se ela ousasse arrancar com mãos ímpias os seus óculos, mylady...

— Ouh! gritou ela,

—... era ainda o sangue meridional!.

— *Oh! very shocking, the* sangue meridional!

Os oficiais inglêses, êsses, estavam entusiasmados com Carmen.

No em-tanto as senhoras tinham-se erguido; e em volta do conde juntara-se um grupo de bebedores convictos e sérios. Serviu-se o *cognac*, e os alcoóis. Carmen ficara entre os homens, bebendo licor, rindo, e fumando *cigarrettes*....

.... Não sei como, falou-se de mulheres, e de caracteres femininos.

— Eu, disse logo Carmen, compreendo a gravidade devota das *misses*: como senhoras inglêsas, é sua educação; nasceram para serem hirtas, loiras, frias, e leitoras da *Revista d'Edimburgo*. Estão na verdade do seu carácter: um pouco menos vivas, seriam de *biscuit*; um pouco mais, seriam *shocking*. Mas o que eu detesto, são as canduras alemãs, os modos virginais de criaturas que, pelo seu clima, pelo sol do seu país, pertencem ao que a vivacidade tem de mais petulante....

.... — Perdão, *señora*, disse-lhe eu, em espanhol: hoje as verdadeiras maneiras não são o *salero*, são a *gravidade*. O *salero* pode ser bom no teatro, na *zarzuela*, nos corpos de baile, nas gravuras de uma viagem a Espanha; mas é de todo o ponto inconveniente numa sala.

Ela empalideceu levemente, e fitou-me:

— *Caballero*, preguntou, *¿es usted pedante de retorica?*

Eu ri-me, estendi-lhe a mão; e tudo acabou com um novo *toast*....

.... Entretanto a noite caía. Eu senti-me pesado; recolhi à *cabine*, adormeci ligeiramente. Pelas nove horas subi à tolda. Fiquei surpreendido.

Não havia luar, nem estrêlas, nem vento. Ao fim da tolda ardia o *punch*. Era enorme; a sua chama larga, azulada, fantástica,

subia, palpitava, fazia sôbre o navio tôda a sorte de reflexos e de sombras. Dos lugares escuros saíam risadas de *flirtations*. Havia uma flauta e uma rebeca. E já um ou outro par valsava, em roda da *clara-bóia* da tolda.

A mastreação do navio, tocada em grandes linhas azuladas pela luz do *punch*, fazia lembrar um galeão de legenda, o paquete de Satán....

....Tocou uma sineta. Eram onze horas. Apagaram-se as luzes. Quási todos desceram ràpidamente. Havia um forte vento de noroeste. O balanço do navio crescia. Navegávamos então à vista de terra de África. Quando a tolda ficou deserta, sentiu-se mais vivamente o vento uivar nas cordagens, e bater a grande pancada do mar.

De espaço a espaço a sineta marcava os quartos: e a voz melancólica do marinheiro de vigia dizia, pausadamente:

— *All is well.*

Havia duas horas que eu tinha descido ao beliche. Estava naquela confusa penumbra que não é o sono, nem a vigília, mas um vago sonho vivo, que se sente e que se domina: via a condessa passar numa nuvem com Rytmel, alegre, bebendo cerveja; via Carmen vestida de monge, dançando sôbre a corda bamba; e estas visões confundiam-se com o balanço e com o bater do hélice.

De-repente senti uma pancada pavorosa. O navio estremeceu, parou. Ressoou um grande grito.

*

* *

Dei um salto; corri à porta do beliche:

— *¡Stewart, stewart!*

O *stewart* apareceu esguedelhado, quási nu.

— ¿Que é? Estamos perdidos? Batemos num rochedo?

— Não sei. Não há-de ser nada; o navio é seguro.

Ouvia em cima marinheiros correndo, o movimento que se faz num perigo.

— Estamos perdidos, pensei eu, vestindo-me com uma precipitação angustiada.

A cada momento esperava ver o navio descer, afundar-se, e uma enorme onda pesada entrar, alagar a *cabine*.

Corri à tolda. Giravam lanternas. Quási todos tinham subido: os vestidos brancos, os penteadores das mulheres, davam aos grupos um vago mais lúgubre. A oficialidade estava impassível.

— ¿Que foi? que foi? preguntei a alguém.

— Não se sabe... quebrou-se a máquina. Mas temos sôbre nós um terrível vendaval...

— ¡Estamos perdidos!

— O navio é seguro, respondeu o outro.

Ao lado diziam:

— O capitão devia deitar as lanchas ao mar.

O céu estava limpo; luziam estrêlas. O vento assobiava mais forte. O navio tinha aquela oscilação lúgubre de bombordo a estibordo, que teem os grandes peixes mortos, quando bóiam ao cimo de água. Olhei os astros, o céu impassível, a água negra — e senti um imenso desprêzo pela vida.

Em roda de mim, a cada instante, ouviam-se versões contraditórias. Uns diziam que ficaríamos *à capa,* esperando firmemente o mau tempo; outros, que o navio estava perdido... Um oficial disse, ao passar :

— Oh ! senhores ! isto não vale nada : concerta-se ; já me aconteceu duas vezes, de Aden a Bombaim.

Não havia a menor confusão ; tudo continuava tão sereno e regular, como se caminhássemos num largo rio, à clara luz do sol. O comandante, em-fim, apareceu:

— Meus senhores, disse êle, é apenas um contratempo. Houve um desarranjo grave na máquina. Não sei se poderei navegar. Com calmaria, talvez. Mas com o vento que vem sôbre nós, é caso para um atraso de quatro ou cinco dias.

No em-tanto, o vento crescia. Havia por todo o mar flocos de espuma. Ouvia-se no horizonte um ruído surdo, como o marchar de mil batalhões.

A maior parte dos inglêses, pesados de sono e de vinho, tinham voltado para as *cabines*, indiferentes ao perigo. Algumas *la-*

dies, transidas, mas graves, ficaram no convés.

Em baixo, os engenheiros e os maquinistas trabalhavam poderosamente, e sem cessar.

Captain Rytmel aproximou-se de mim.

— É um perigo, e é um perigo sem luta. Êste imbecil dêste comandante navegou de mais para sul. Estamos perto da costa de África. Se o vendaval nos apanha agora, atira-nos para lá... Todavia o nosso engenheiro de bordo, Pernester, é um homem de génio. ¿ Onde está a condessa ?

Descemos à sala comum. A condessa lá estava, encostada à mesa, serêna e pálida.

— Suba, prima, suba, disse eu. Ao menos em cima vê-se o céu, a água e o perigo !

Viemos encostar-nos à amurada, agarrados às cordagens.

As estrêlas davam uma claridade nebulosa. As ondas, profundamente cavadas, orladas de espuma, reluziam sob aquela luz vaga. O vento era terrível.

— ¿ Porque não deitam lanchas ao mar ? dizia a condessa. Ao menos, lutava-se; havia a coragem. ¡Mas, ser arremessado o paquete para a África, como uma baleia morta !...

Ela quis passear ; mas o movimento do navio era muito violento : era necessário encostar-se ao braço de *Captain* Rytmel. Eu, dificilmente me equilibrava. A pancada da onda contra o costado tinha um som lúgubre. A sineta de bordo tocava, com uma voz

desconsolada, as horas e os quartos. Tinham-se acendido mais faróis no alto dos mastros. O ruído do vento, de temeroso, parecia uma passagem violenta de almas condenadas.

Desci à câmara para beber *cognac*, porque o frio era agudo. Carmen, sentada no sofá, no alto da sala, estava ali imóvel, com os olhos vagos, as mãos cruzadas.

— ¿Morremos, hein? preguntou ela.

— ¿Tem mêdo? disse eu.

— Um pouco, de morrer afogada. Duma bala ou duma facada, não me custava. Mas aqui, estùpidamente, neste antipático elemento, é cruel! Ao menos, não morro só! Lá se vai a sua linda prima!...

— ¿Porque odeia a pobre condessa? disse-lhe eu, sorrindo.

— Eu? de modo algum. Acho-a piegas, detesto aqueles ares sentimentais. Desonra a Península. Aí está....

.... Neste momento um ruído estranho tomou o navio.

Percebi uma forte dominação da oscilação, uma resistência contra a vaga. Os movimentos da embarcação já não pareciam inertes. Via-se que ela tinha retomado a sua vitalidade... Então senti o hélice... o hélice! O navio movia-se. Via-se a onda esmigalhada pela proa. Caminhávamos! Eu saltei para a abertura que desce à maquina.

— ¿Que é? preguntei a um oficial que subia.

— ¡Um milagre de Pernester!....

..... O capitão trepou ràpidamente pela escada de ferro polida, que do interior da máquina sobe ao pavimento do navio.

Estava radiante.

— Imaginem que Pernester...

— Sim, sim, interrompi. ¿ Mas então ?

— Vamos a caminho. Agora, ¡sopra, tormenta, sopra ! Àmanhã estamos em Malta.

— ¡Bravo, Pernester! bravo! gritavam todos.

O grande homem subiu a escada da máquina, ofegante, impassível, vermelho, grave, ainda com a gravata branca do jantar. Esponjou a calva, e disse, num tom suave :

— *Now, I should enjoy a nice glass of beer*...(1)

(Da *narrativa do mascarado alto,* no *Mistério da Estrada de Sintra).*

(1) Agora, apetecia-me um bom copo de cerveja

IV

VIAGEM REAL AO NORTE

Julho, 1875

QUANTAS singularidades, nesta viagem, da parte das câmaras! Um pouco antes de Vila do Conde — na estrada, à passagem do Rei, erguia-se êste ornato: um palanque — um palanque! — com um mestre-escola cercado dos seus discípulos, funcionando. Decoração inesperada! As escolas, até aqui, tinham sido quási tudo, desde enxovia até curral: só não tinham sido duas coisas — escolas, e arcos de buxo.

Mas ei-las, agora, substituindo galhardamente, nas estradas armadas em gala, a coluna de lona do tempo de D. João VI! A câmara escolheu delicadamente a escola para enfeite: podia pôr ali uma filarmónica ou um mastro: preferiu a escola. ¡A instrução torna-se festão de luxo; o ensino arma-se em quadro vivo! ¿Que dizem os livros e os espíritos sentimentais, que a escola é civilização, é paz, é futuro, e tantas sonoras imaginações? A escola é ornato municipal, é

arrebique de festa, para armar as ruas, enfeitar os largos em vésperas do S. João e nos aniversários da Carta.

É uma revelação, isto. A câmara tinha ali aquela escola; não lhe servia de nada ; extinguia-se mesquinhamente a um canto, sob o lento bolor. Pois bem. Tira-se a escola da sua inércia, escova-se, arma-se sôbre um palanque, poem-se os meninos em posições estudiosas, arranja-se o mestre com gravidade pedagógica, põe-se-lhe rapé novo no nariz, enverniza-se a palmatória, espera-se. Ao longe, na estrada a poeira enovela-se ; é El-Rei; sentido ! os trens rodam surdamente no macadame; já se vêem os bordados das fardas; ei-los ! E, como se poderia erguer nos tambores e nas trompas o hino — ergue-se nas bôcas estudiosas o B-a-ba. Eis o A B C hino municipal ! No dia seguinte os festejos murcham; desfazem-se os arcos, despregam--se as luminárias, desarma-se a escola — e tudo, lamparinas, livros, ensino e ramos de loiro, volta a apodrecer nos sótãos da casa da câmara!

Achou-se, em-fim, às escolas, um fim, um destino, uma utilidade : ornatos de gala. E esperemos que na próxima viagem de El-rei ao Norte, seguindo-se o exemplo inteligente de Vila do Conde — os jornais digam :

«A estrada de Penafiel a Amarante estava brilhantemente adornada de escolas primárias : de espaço a espaço, sobressaíam, com lindo efeito, liceus : havia ideia de pôr no

tôpo a Universidade — mas êste notável estabelecimento scientífico — não chegou a tempo!»

Oh terra do nosso berço!...

(*Uma campanha alegre*, vol. II, pág. 170 a 172).

V

O SALVA-VIDAS DA FOZ

Julho, 1872

Na Foz, há pouco, voltou-se uma lancha. Morreram 14 homens.

Os socorros foram dados por uma lancha de pilotos, que se apressou corajosamente, e por outro barco, que veio, num risco agudo, da praia do Cabedelo. Conseguiram salvar 10 homens: 14 morreram.

A 10 passos do mar, repousava plàcidamente o *salva-vidas*. O *salva-vidas* não desceu ao mar. Fêz como o Palácio da Tôrre da Marca, ou como a estátua de D. Pedro IV: — deixou tranqüilamente os pescadores na agonia das vagas. Entendeu que não era com êle. Eram apenas 14 homens que iam morrer afogados. Quem tinha obrigação de vir era a bomba dos incêndios. O *salva-vidas*, não. O *salva-vidas* só se moveria para algum caso especial, em que êle pudesse dar os seus serviços especiais — como, por exemplo, se tivesse desabado um muro.

Então correria. Assim, como era um naufrágio, o *salva-vidas* conservou-se imóvel, aboborando.

O *salva-vidas* da Foz tem um fiscal remunerado e tem a Comissão do *salva-vidas*.

Esta comissão, cujas atribuïções ignoramos, revela às vezes a sua existência na prosa das gazetas. Lê-se: «Ontem reüniu-se a comissão do *salva-vidas*, em assembleia geral, para deliberar»; ou: «Foi mandada louvar pelo govêrno civil a comissão do *salva-vidas*».

Destas deliberações e dêstes louvores resulta que, quando se volta uma lancha com 24 homens, morrem 14; resulta que tem de se aprestar, ràpidamente, na aflição, um barco casual, com homens voluntários e compassivos, que às vezes se volta numa violência de mar, e complica o desastre; e resulta que o *salva-vidas*, nem sequer *finge*. Podia descer, molhar-se, navegar um instante: não; conserva-se agasalhado na sua habitação, onde, dizem rumores gloriosos, êle está embrulhado em algodão, num cofre.

No em-tanto a opinião interroga o senhor fiscal. O senhor fiscal explica:

— Não saiu o *salva-vidas*, porque não há tripulação.

Assim foi, muito tempo.

O *salva-vidas* não tinha tripulação. O Pôrto confiou sempre que o *salva-vidas* se tripulasse a si mesmo. Porque, em-fim, um barco que tinha a forma, a construção aparente, o

tamanho dos outros, a que se chamava *salva-vidas*, devia ter qualidades originais, exclusivas, de excepção—e naturalmente possuía o poder de se dirigir e de se tripular. E esperou-se sempre que, se houvesse um naufrágio, o *salva-vidas se* desamarraria, *se* meteria cordas e cabos, *se* desceria ao mar, *se* remaria, *se* iria ao leme, e êle mesmo estenderia a proa, como mão salvadora e firme, aos náufragos desolados. Esperava-se isto do brio do *salva-vidas*. Vem um naufrágio. Bom! Abrem-se-lhe as portas. E a comissão ficou esperando que êle se espreguiçasse e corresse febrilmente ao desastre.

O *salva-vidas* não se moveu.—*Está a dormir,* disseram entre si; e sacudiram-no robustamente.— *Agora, agora!* murmuravam. Mas, com um espanto aterrado, viu-se que o barco estava imóvel, como num alicerce. Gritava-se na praia, e o grosso mar bramia. A comissão suava, pedia-lhe, increpava-o, cuspia-lhe:—o barco, inabalável, estendia a sua sombra bojuda sôbre a quente amarelidão da areia. Então a inteligência da comissão deu um grito e compreendeu—que para fazer navegar um barco é necessária uma tripulação.

Quando a comissão, em assembleia geral, afirmou definitivamente esta ideia — foi que o governador civil, surpreendido justamente por tanta agudeza e engenho — os mandou louvar, em portaria. — E começou-se a procurar uma tripulação...

Mas aí foi a crise temida. Cada marinheiro, cada remador, convidado a comparecer, acercava-se do *salva-vidas*, apalpava-o, olhava-o, e recusava resolutamente. Foram chamados os afoutos, os destemidos, os heróicos. Torciam o barrete entre os dedos, e diziam sêcamente:—Menos eu!

A comissão tinha os cabelos brancos. A cada recusa afastava-se melancòlicamente, e ia deliberar. Os naufrágios seguiam o seu curso trágico. O *salva-vidas* dormia.

Em-fim, um dia, a comissão, exasperada, veio, em grupo, interrogar o segrêdo estranho. Aproximou-se do *salva-vidas*. Olhou, e levou violentamente a mão ao nariz. O *salva-vidas*, o joven *salva-vidas*, estava podre!

Se descesse à agua, desfazia-se—foi a opinião dos peritos. E a comissão, com o olfacto resguardado, saiu e continuou a deliberar. Sempre que uma lancha se volta, a comissão reúne-se, e, grave, delibera. E o senhor fiscal, concentrado e pontual, recebe o seu ordenado. A areia do Cabedelo reluz ao sol; as senhoras passeiam na Cantareira; as gaivotas voam, e os que naufragam morrem.

E de vez em quando o senhor governador civil, despertando do seu scismar, manda louvar a comissão...

(*Uma campanha alegre*, II, 191 a 195.)

VI

A DEVOTA E O BOM ABADE

AMÉLIA ouvira falar muitas vezes nêle, na rua da Misericórdia: dizia-se lá que o Ferrão tinha «ideias esquisitas»; mas não era possível recusar-lhe nem a virtude da vida, nem a sciência de sacerdote. Havia muitos anos que era ali abade; os bispos tinham-se sucedido na diocese, e êle ali ficara esquecido, naquela freguesia pobre, de côngrua atrasada, numa residência onde chovia pelos telhados. O último vigário geral, que nunca dera um passo para o favorecer, dizia-lhe todavia, liberal de palavriado:

— Você é um dos bons teólogos do Reino. Você está predestinado por Deus para um bispado. Você ainda apanha a mitra. Você há-de ficar na história da Igreja portuguesa como um grande bispo, Ferrão!

— Bispo, senhor vigário geral! Isso era bom! Mas era necessário que eu tivesse o arrôjo dum Afonso de Albuquerque ou dum D. João de Castro, para aceitar aos olhos de Deus semelhante responsabilidade!

E ali ficara, entre gente pobre, numa aldeia de terra escassa, vivendo de dois pedaços de pão e uma chávena de leite, com uma batina limpa, onde os remendos faziam um mapa, precipitando-se a uma meia légua, por um temporal desfeito, se um paroquiano tinha uma dor de dentes; passando uma hora a consolar uma velha a quem tinha morrido uma cabra... E sempre de bom humor, sempre com um cruzado no fundo do bôlso dos calções, para uma necessidade do seu vizinho; e grande amigo de todos os rapazitos, a quem fazia botes de cortiça; e não duvidando parar, se encontrava uma rapariga bonita (o que era raro na freguesia) e exclamar: «Linda môça, Deus a abençoe!»

E todavia, em novo, a pureza dos seus costumes era tão célebre, que lhe chamavam «a donzela».

De resto, padre perfeito no zêlo da Igreja, passando horas de estação aos pés do Santíssimo Sacramento; cumprindo com uma felicidade fervente as menores práticas da vida devota; purificando-se para os trabalhos do dia com uma profunda oração mental, uma meditação de fé, donde a sua alma saía mais ágil, como dum banho fortificante; preparando-se para o sono com um dêstes longos e piedosos exames de consciência, tão úteis, que Santo Agostinho e S. Bernardo faziam — do mesmo modo que Plutarco e Séneca — e que são a correcção la-

boriosa e subtil dos pequenos defeitos, o aperfeiçoamento meticuloso da virtude activa, empreendido com um fervor de poeta que revê um poema querido... E todo o tempo que tinha vago, abismava-se num caos de livros.

Tinha só um defeito, o abade Ferrão: gostava de caçar! Coïbia-se, porque a caça tira muito tempo, e é sanguinário matar uma pobre ave que anda azafamada nos campos, nos seus negócios domésticos. Mas nas claras manhãs de inverno, quando ainda há orvalho nas giestas, se via passar um homem de espingarda ao ombro, o passo vivo, seguido do seu perdigueiro — iam-se-lhe os olhos nêle... Às vezes, porém, a tentação vencia: agarrava furtivamente a espingarda; assobiava à *Janota,* e com as abas do casacão ao vento, lá ia o teólogo ilustre, o espelho da piedade, através de campos e vales... E daí a pouco — pum... pum! Uma codorniz, uma perdiz em terra! E lá voltava o santo homem com a espingarda debaixo do braço, os dois pássaros na algibeira, cosendo-se com os muros, rezando o seu rosário à Virgem, e respondendo aos *bons dias* da gente, pelo caminho, com os olhos baixos e o ar muito criminoso.

O abade Ferrão, apesar do seu aspecto «gebo» e do seu grande nariz, agradou a Amélia, logo desde a primeira visita à Ricoça; e a sua simpatia cresceu, quando viu que D. Josefa o recebia com pouco alvo-

rôço, apesar do respeito que o mano cónego tinha pela sciência do abade.

A velha, com efeito, depois de ter estado só com êle numa prática de horas, condenara-o com uma única palavra, na sua autoridade de velha devota experiente:

— É relaxado!

Não se tinham realmente compreendido. O bom Ferrão, tendo vivido tantos anos naquela paróquia de quinhentas almas, as quais caíam tôdas, de mães a filhas, no mesmo molde de devoção simples a Nosso Senhor, Nossa Senhora e S. Vicente, patrôno da freguesia; tendo pouca experiência de confissão, encontrava-se sùbitamente diante duma alma complicada de devota da cidade, dum beatério caturra e atormentado; e ao ouvir aquela extraordinária lista de pecados mortais, murmurava espantado:

— É estranho, é estranho...

Percebera bem, ao princípio, que tinha diante de si uma dessas degenerações mórbidas do sentimento religioso, que a teologia chama *doença dos escrúpulos* — e de que, na sua generalidade, estão afectadas hoje tôdas as almas católicas; mas depois, a certas revelações da velha, receou estar realmente em presença duma maníaca perigosa; e, instintivamente, com o singular horror que os sacerdotes teem pelos doidos, recuou a cadeira.

Pobre D. Josefa! logo na primeira noite em que chegara à Ricoça (contava ela), ao

começar o rosário a Nossa Senhora, lembrara-lhe de-repente que lhe esquecera o saiote de flanela escarlate, que era tão eficaz nas dores das pernas... Trinta e oito vezes de seguida recomeçara o rosário, e sempre o saiote escarlate se interpunha entre ela e Nossa Senhora!... Então desistira, de exausta, de esfalfada. E imediatamente sentira dores vivas nas pernas, e tivera como uma voz de dentro a dizer-lhe que era Nossa Senhora, por vingança, a espetar-lhe alfinetes nas pernas...

O abade pulou:

— ¡Oh, minha senhora!

— ¡Ai, não é tudo, senhor abade!

Havia outro pecado que a torturava: quando rezava, às vezes sentia vir a expectoração: e, tendo ainda o nome de Deus ou da Virgem na bôca, tinha de escarrar....

....O bom Ferrão não se moveu, atordoado. Em-fim, vendo-a olhar ansiosa para êle, à espera das suas palavras e dos seus conselhos, disse:

— ¿E há muito que sente êsses terrores, essas dúvidas...?

— ¡Sempre, senhor abade, sempre!

— ¿E tem convivido com pessoas que, como a senhora, são sujeitas a essas inquietações?

— Tôdas as pessoas que conheço, dúzias de amigas, todo o mundo... O inimigo não me escolheu só a mim... A todos se atira...

— ¿E que remédio dava a essas ansiedades de alma...?

— Ai, senhor abade, aqueles santos da cidade, o senhor pároco, o sr. Silvério, o sr. Guedes, todos, todos nos tiravam sempre de embaraços... E com uma habilidade, com uma virtude...

O abade Ferrão ficou calado um momento: sentia-se triste, pensando que, por todo o Reino, tantos centenares de sacerdotes trazem assim voluntàriamente o rebanho naquelas trevas de alma, mantendo o mundo dos fiéis num terror abjecto do céu, representando Deus e os seus santos como uma côrte que não é menos corrompida, nem melhor, que a de Calígula e dos seus libertos.

Quis então levar àquele nocturno cérebro de devota, povoado de fantasmagorias, uma luz mais alta e mais larga. Disse-lhe que tôdas as suas inquietações vinham da imaginação torturada pelo terror de ofender a Deus... Que o Senhor não era um amo feroz e furioso, mas um pai indulgente e amigo... Que é por amor que é necessário servi-lo, não por mêdo... Que todos êsses escrúpulos: Nossa Senhora a enterrar alfinetes, o nome de Deus a cair no estômago, eram perturbações da razão doente. Aconselhou-lhe confiança em Deus, bom regime para ganhar fôrças. Que não se cansasse em orações exageradas...

— E quando eu voltar, — disse, em-fim, er-

guendo-se e despedindo-se — continuaremos a conversar sôbre isto, e havemos de serenar essa alma.

— Obrigada, senhor abade — respondeu a velha sêcamente.

E apenas a Gertrudes daí a pouco entrou, a trazer-lhe a botija para os pés, D. Josefa exclamou, tôda indignada, quási choramingando:

— ¡Ai, não presta p'ra nada, não presta p'ra nada!... Não me percebeu... É um tapado... É um pedreiro-livre, Gertrudes! Que vergonha, num sacerdote do Senhor...

Desde êsse dia não tornou a revelar ao abade os pecados medonhos que continuava a cometer; e quando êle, por dever, quis recomeçar a educação da sua alma, a velha declarou-lhe sem rodeios que, como se confessava com o senhor padre Gusmão, não sabia se seria delicado receber de outro a direcção moral...

O abade fez-se vermelho; respondeu:

— Tem razão, minha senhora, tem razão; deve-se ter muita delicadeza nessas coisas...

(*O crime do Padre Amaro*, pág. 449 a 455 da 8.ª edição.)

VII

UM PORTUGUÊS ASSALTADO NA CHINA

Bebido o chá, conversámos do *grande plano:* na manhã seguinte eu ia levar a alegria à triste choupana da viúva de Ti-Chin-Fú, anunciando-lhe os milhões que lhe dava, depositados já em Pequim: depois, de acôrdo com o Mandarim governador, faríamos uma copiosa distribuïção de arroz pela populaça: e, à noite, iluminações, danças, como numa gala pública...

— ¿Que te parece, Sá-Tó?

— Nos lábios de Vossa Honra habita a sabedoria de Confúcio... ¡Vai ser grande! ¡Vai ser grande!

Como vinha cansado, bem cedo comecei a bocejar, e estirei-me sôbre o estrado de tejolo aquecido, que serve de leito nas estalagens da China; enrolado na minha peliça, fiz o sinal da cruz; e adormeci....

.... Era talvez já meia noite, quando despertei, a um rumor lento e surdo que envolvia o barracão—como de forte vento num arvoredo,

ou de uma maresia grossa, batendo um paredão. Pela galeria aberta, o luar entrava no quarto—um luar triste de outono asiático, dando aos dragões suspensos do teto formas, semelhanças quiméricas...

Ergui-me, já nervoso — quando um vulto, alto e inquieto, apareceu na facha luminosa do luar...

—¡ Sou eu, Vossa Honra !—murmurou a voz apavorada de Sá-Tó.

E logo, agachando-se ao pé de mim, contou-me, num fluxo de palavras roucas, a sua aflição :—em-quanto eu dormia, espalhara-se pela vila que um estranjeiro, o *Diabo estranjeiro*, chegara com bagagens carregadas de tesouros... Já desde o comêço da noite êle tinha entrevisto faces agudas, de ôlho voraz, rondando o barracão, como chacais impacientes... E ordenara logo aos colis que entrincheirassem a porta com os carros das bagagens, formados em semi-círculo à velha maneira tártara... Mas, pouco a pouco, a malta crescera... Agora vinha de espreitar por um postigo : e era em roda da estalagem tôda a populaça de Tien-Hó, rosnando sinistramente....

....¡A noite seria de terrores !... ¡ E a sua pobre mulher, o osso do seu osso, que estava tão longe, em Pequim !...

— ¿ E agora, Sá-Tó ?—preguntei eu.

— Agora... Vossa Honra, agora...

Calou-se; e a sua magra figura tremia, acaçapada como um cão que se roja sob o açoite.

Eu afastei o cobarde, e adiantei-me para a galaria. Em baixo, o muro fronteiro, coberto dum alpendre, projectava uma profunda sombra. Aí, com efeito, estava uma turba negra apinhada. Às vezes uma figura, rastejando, adiantava-se no espaço alumiado, espreitava, farejava as carretas, e, sentindo a lua sôbre a face, recuava vivamente, fundindo-se na escuridão; e como o teto do alpendre era baixo, faiscava um momento, à luz, algum ferro de lança inclinada...

—¿Que querem vocês, canalha?—bradei em português,

A esta voz estranjeira um grunhido saiu da treva; imediatamente uma pedra veio, ao meu lado, furar o papel encerado da gelosia; depois uma flecha silvou, cravou-se por cima da minha cabeça, num barrote...

Desci ràpidamente à cozinha da estalagem. Os meus colis, acocorados sôbre os calcanhares, batiam o queixo, num terror; e os dois cossacos que me acompanhavam, impassíveis, à lareira, cachimbavam, com o sabre nu nos joelhos.

O velho estalajadeiro de óculos; uma avó andrajosa, que eu vira no pátio, deitando ao ar um papagaio de papel; os arrieiros mongóis; as crianças piolhosas—êsses tinham desaparecido; só ficara um velho, bêbado de ópio, caído a um canto, como um fardo. Fora, ouvia-se já a multidão vociferar.

Interpelei então Sá-Tó, que quási desmaiava, arrimado a uma viga: ¡nós estávamos

sem armas; os dois cossacos, sós, não podiam repelir o assalto: era necessário, pois, ir acordar o Mandarim governador, revelar-lhe que eu era um amigo de Camilloff, um conviva do príncipe Tong; intimá-lo a que viesse dispersar a turba, manter a lei santa da hospitalidade!...

¡Mas Sá-Tó confessou-me, numa voz débil como um sôpro, que o Governador, decerto, é quem estava dirigindo o assalto! ¡Desde as autoridades até aos mendigos, a fama da minha riqueza, a legenda das carretas carregadas de oiro, inflamara todos os apetites!... A prudência ordenava, como um mandamento santo, que abandonássemos parte dos tesouros, mulas, caixas de comestíveis...

— ¿E ficar aqui, nesta aldeia maldita, sem camisas, sem dinheiro e sem mantimentos?..

— ¡Mas com a rica vida, Vossa Honra!

Cedi. E ordenei a Sá-Tó que fôsse propor à turba uma copiosa distribuïção de sapeques,—se ela consentisse em recolher aos seus casebres, e respeitar em nós os hóspedes enviados por Buda...

Sá-Tó subiu à sacada da galaria, a tremer; e rompeu logo a arengar à malta, bracejando, atirando as palavras com a violência dum cão que ladra. Eu abrira já uma maleta, e ia-lhe passando cartuchos, sacos de sapeques—que êle arremessava aos punhados, com um gesto de semeador... Em baixo havia por momentos um tumulto furioso, ao

chover dos metais; depois, um lento suspiro de gula satisfeita; e logo um silêncio, numa suspensão *de quem espera mais...*

— ¡ Mais ! —murmurava Sá-Tó, voltando--se para mim, ansioso.

Eu, indignado, lá lhe dava outros cartuchos, mais rolos, molhos de moedas de meio real enfiadas em cordéis... Já a maleta estava vazia. A turba rugia, insaciada.

— ¡Mais, Vossa Honra! — suplicou Sá-Tó

— ¡ Não tenho mais, criatura ! ¡ O resto em Pequim!

— ¡ Oh Buda Santo! ¡ Perdidos! ¡ Perdidos! — clamou Sá-Tó, abatendo-se sôbre os joelhos.

A populaça, calada, esperava ainda. De repente, uma ululação selvagem rasgou o ar E eu senti aquela massa ávida arremessar--se sôbre as carretas que defendiam a porta em semi-círculo: ao choque, todo o madeiramento da *Estalagem da Consolação terrestre* rangeu e oscilou...

Corri à varanda. Em baixo era um tropel desesperado, em tôrno dos carros derrubados: os machados reluziam, caindo sôbre a tampa dos caixotes; o coiro das malas abria--se, fendido à faca por mãos inumeráveis; no alpendre, os cossacos debatiam-se, aos urros, sob o cutelo. Apesar da lua, eu via em roda do barracão errarem tochas, numa dispersão de fagulhas; um alarido rouco elevava-se, fazendo ao longe uivar os cães; de tôdas as vielas desembocava, corria po

pulaça, sombras ligeiras, agitando chuços e foices recurvas...

Sùbitamente, na loja térrea, ouvi o tumulto da turba, que a invadia pelas portas despedaçadas: de-certo me procuravam, supondo que eu teria comigo o melhor do tesouro, pedras preciosas ou oiro... O terror desvairou-me. Corri a uma grade de bambus, para o lado do pátio. Demoli-a, saltei sôbre uma camada de mato grosso, num cheiro acre de imundícies. O meu *poney*, preso a uma trave, relinchava, puxando furiosamente o cabresto: arremessei-me sôbre êle, empolguei-lhe as crinas...

Nesse momento, do portão da cozinha arrombada, rompia uma horda, com lanternas, lanças, num clamor de delírio. ¡O *poney*, espantado, salta um regueiro; uma flecha silva a meu lado; depois um tejolo bate-me no ombro, outro nos rins, outro na anca do *poney*, outro mais grosso rasga-me a orelha! Agarrado desesperadamente às crinas, arquejando, com a língua de fora, o sangue a gotejar da orelha, vou despedido numa desfilada furiosa, ao longo duma rua negra... ¡De repente vejo diante de mim a muralha, um bastião, a porta da vila fechada!

Então, alucinado, sentindo atrás rugir a turba, abandonado de todo o socorro humano — *¡precisei de Deus!* Acreditei nêle, gritei-lhe que me salvasse; e o meu espírito ia tumultuosamente arrebatando, para lhe oferecer, fragmentos de orações, de *Salvé-Rai-*

nhas, que ainda me jaziam no fundo da memória... ¡ Voltei-me sôbre a anca do potro; de uma esquina ao longe surgiu um fogacho de tochas : era a corja !... Larguei, de golpe, ao comprido da alta muralha, que corria ao meu lado como uma vasta fita negra, furiosamente desenrolada. ¡ De súbito avisto uma brecha, um boqueirão erriçado de esgalhos de sarças; e fora, a planície, que sob a lua parecia como uma vasta água dormente! Lancei-me para lá, desesperadamente, sacudido aos galões do potro... E muito tempo galopei no descampado.

De repente o *poney*, eu, rolámos, com um baque surdo. Era uma lagoa. Entrou-me pela bôca água pútrida, e os pés enlaçaram-se-me nas raízes moles dos nenúfares... Quando me ergui, me firmei no solo, — vi o *poney*, correndo, muito longe, como uma sombra, com os estribos ao vento...

Então comecei a caminhar por aquela solidão, enterrando-me nas terras lodosas, cortando através do mato espinhoso. O sangue da orelha ia-me pingando sôbre o ombro : à frialdade agreste, o fato encharcado regelava-me sôbre a pele : e por vezes, na sombra, parecia-me ver luzir olhos de feras.

Em-fim, encontrei um recinto de pedras sôltas, onde jazia, sob um arbusto negro, um daqueles montões de esquifes amarelos, que os chineses abandonam nos campos, e onde apodrecem corpos. Abati-me sôbre um caixão, prostrado ; mas um cheiro abominável

pesava no ar ; e, ao apoiar-me, sentia o visco dum líquido que escorria pelas fendas das tábuas... Quis fugir. Mas os joelhos negavam-se, tremiam-me : e árvores, rochas, ervas altas, todo o horizonte, começou a girar em tôrno de mim como um disco muito rápido. Faiscas sanguíneas vibravam-me diante dos olhos : e senti-me como caindo de muito alto, devagar, à maneira duma pêna que desce...

Quando recuperei a consciência estava estirado num banco de pedra, no pátio dum vasto edifício semelhante a um convento, que um alto silêncio envolvia. Dois padres lazaristas lavavam-me devagar a orelha. Um ar fresco circulava ; a roldana dum poço rangia lentamente ; um sino tocava a matinas. Ergui os olhos, avistei uma fachada branca, com janelinhas gradeadas e uma cruz no tôpo : então, vendo naquela paz de claustro católico como um recanto da pátria recuperada—o abrigo e a consolação—rolaram-me das pálpebras duas lágrimas mudas.

(*O Mandarim*, 8.ª ed , pág. 108 a 119).

VIII

AS DUAS EDUCAÇÕES

(Carlos da Maia e Eusèbiozinho Silveira)

OLÁ! ¿Quem toca por cá? — exclamou Vilaça, parando nos degraus da escada, ao ouvir em cima um afinar gemente de rebeca.

— É o sr. Brown, o inglês, o preceptor do menino... Muito habilidoso, é um regalo ouví-lo; toca às vezes à noite na sala; o sr. juiz de direito acompanha-o na concertina... Aqui, sr. Vilaça, o quarto de V. S.ª...

— ¡Muito bonito, sim senhor!....

....O Teixeira observou-lhe, com o relógio na mão:

— Olhe que V. S.ª tem só dez minutos... O menino não gosta de esperar....

....Vilaça, sem óculos, um pouco arrepiado, passava a ponta da toalha molhada pelo pescoço, por trás da orelha, e ia dizendo:

— ¿Então, o nosso Carlinhos não gosta de esperar, hein? Já se sabe, é êle quem governa... Mimos e mais mimos, naturalmente...

Mas o Teixeira, muito grave, muito sério, desiludiu o sr. administrador. ¿ Mimos e mais mimos, dizia S. S.ª? ¡ Coitadinho dêle, que tinha sido educado com uma vara de ferro! Se êle fôsse a contar ao sr. Vilaça ! Não tinha a criança cinco anos, já dormia num quarto só, sem lamparina ; e tôdas as manhãs, zás, para dentro duma tina de água fria, às vezes a gear lá fora... E outras barbaridades. Se não se soubesse a grande paixão do avô pela criança, havia de se dizer que a queria morta. Deus lhe perdoe, êle, Teixeira, chegara a pensá-lo... ¡ Mas não: parece que era sistema inglês ! Deixava-o correr, cair, trepar às árvores, molhar-se, apanhar sòlheiras, como um filho de caseiro. ¡ E depois, o rigor com as comidas! Só a certas horas e de certas cousas... ¡ E às vezes a criancinha, com os olhos abertos, a aguar ! Muita, muita dureza.

E o Teixeira acrescentou :

— Em-fim, era a vontade de Deus, saiu forte. Mas que nós aprovássemos a educação que tem levado, isso nunca aprovámos, nem eu, nem a Gertrudes.

Olhou outra vez o relógio, preso por uma fita negra sôbre o colete branco, deu alguns passos lentos pelo quarto....

....— ¿Sabe V. S.ª, apenas veio o mestre inglês, o que lhe ensinou? ¡A remar! ¡A remar, sr. Vilaça, como um barqueiro ! Sem contar o trapézio, e as habilidades de palhaço ; eu nisso nem gosto de falar... Que eu

sou o primeiro a dizê-lo: o Brown é boa pessoa, calado, asseado, excelente músico. Mas é o que eu tenho repetido à Gertrudes: pode ser muito bom para inglês; não é para ensinar um fidalgo português... Não é. Vá V. S.ª falar a êsse respeito com a sr.ª D. Ana Silveira....

*

* *

....Então (1) Carlos, estendendo o braço por cima da mesa, reclamou também Bucelas. E a sua razão era haver festa, por ter chegado o Vilaça. O avô não consentiu; o menino teria o seu cálice de Colares, como de costume, e um só. ¡ Carlos cruzou os brabros sôbre o guardanapo que lhe pendia do pescoço, espantado de tanta injustiça! ¿Então nem para festejar o Vilaça poderia apanhar uma gotinha de Bucelas? Aí estava uma linda maneira de receber os hóspedes na quinta... A Gertrudes dissera-lhe que, como viera o sr. administrador, havia de pôr à noite para o chá o fato novo de veludo. Agora observam-lhe que não era festa, nem caso para Bucelas... Então não entendia.

O avô, que lhe bebia as palavras, enlevado, fêz sùbitamente um carão severo.

— Parece-me que o senhor está palrando

---

(1) Mais tarde, ao jantar.

de mais. As pessoas grandes é que palram à mesa.

Carlos recolheu-se logo ao seu prato, murmurando muito mansamente:

— Está bom, vôvô, não te zangues. Esperarei para quando fôr grande...

Houve um sorriso em volta da mesa. A própria viscondessa, deleitada, agitou preguiçosamente o leque; o abade, com a sua boa face banhada em êxtase para o menino, apertava as mãos cabeludas contra o peito, tanto aquilo lhe parecia engraçado: e Afonso tossia por trás do guardanapo, como limpando as barbas — a esconder o riso, a admiração que lhe brilhava dos olhos.

Tanta vivacidade surpreendeu também Vilaça. Quis ouvir mais o menino, e pousando o seu talher:

— E diga-me, Carlinhos, ¿vai adiantado nos seus estudos?

O rapaz, sem o olhar, repoltreou-se, mergulhou as mãos pelo cós das flanelas, e respondeu com um tom superior:

— Já faço ladear a *Brígida.*

Então o avô, sem se conter, largou a rir, caído para o espaldar da cadeira:

— ¡Essa é boa! ¡Eh! ¡Eh! ¡Já faz ladear a *Brígida!* E é verdade, Vilaça, já a faz ladear... Pergunte ao Brown; ¿não é verdade, Brown? E a èguazita é uma piorrita, mas fina...

— Oh vôvô — gritou Carlos já excitado — dize ao Vilaça, anda. ¿Não é verdade que eu era capaz de governar o *dog-cart?*

Afonso reassumiu um ar severo.

—Não o nego... Talvez o governasse, se lho consentissem. Mas faça-me favor de se não gabar das suas façanhas, porque um bom cavaleiro deve ser modesto... E, sobretudo, não enterrar assim as mãos pela barriga abaixo...

O bom Vilaça, no em-tanto, dando estalinhos aos dedos, preparava uma observação. Não se podia de-certo ter melhor prenda que montar a cavalo, com as regras... Mas êle queria dizer se o Carlinhos já entrava com o seu Fedro, o seu Tito Lìviozinho...

— Vilaça, Vilaça — advertiu o abade, de garfo no ar e um sorriso de santa malícia —não se deve falar em latim aqui ao nosso nobre amigo... Não admite, acha que é antigo... Êle, antigo é...

—Ora sirva-se dêsse fricassé, ande, abade —disse Afonso—que eu sei que é o seu fraco, e deixe lá o latim...

O abade obedeceu, com deleite; e, escolhendo no môlho rico os bons pedaços de ave, ia murmurando:

—Deve-se começar pelo latinzinho, deve-se começar por lá... ¡É a base; é a basezinha!

—¡Não! ¡latim, mais tarde!—exclamou o Brown, com um gesto possante. ¡ Primeiro fôrrça! ¡Forrça! Músculo...

E repetiu, duas vezes, agitando os formidáveis punhos:

—¡Primeiro, músculo, músculo!...

Afonso apoiava-o, gravemente. O Brown estava na verdade. O latim era um luxo de erudito... Nada mais absurdo que começar a ensinar a uma criança, numa língua morta, quem foi Fábio, rei dos Sabinos, o caso dos Gracos, e outros negócios duma nação extinta, deixando-o ao mesmo tempo sem saber o que é a chuva que o molha, como se faz o pão que come, e tôdas as outras cousas do Universo em que vive...

— Mas, em-fim, os clássicos... — arriscou tìmidamente o abade.

— ¡Qual clássicos! O primeiro dever do homem é viver. E para isso é necessário ser são e ser forte. Tôda a educação sensata consiste nisto: criar a saúde, a fôrça e os seus hábitos, desenvolver exclusivamente o animal, armá-lo duma grande superioridade física. Tal qual como se não tivesse alma. A alma vem depois... A alma é outro luxo. É um luxo de gente grande...

O abade coçava a cabeça, com o ar arrepiado.

— A instruçãozinha é necessária — disse êle. ¿Você não acha, Vilaça? Que V. Ex.ª, sr. Afonso da Maia, tem visto mais mundo do que eu... Mas, em-fim, a instruçãozinha...

— A instrução, para uma criança, não é recitar *Tityre, tu patulae recubans*... É saber factos, noções, cousas úteis, cousas práticas...

Mas, suspendeu-se; e, com o ôlho brilhante, num sinal ao Vilaça, mostrou-lhe o

neto, que palrava inglês com o Brown. Eram de-certo feitos de fôrça, uma história de briga com rapazes, que êle lhe estava a contar, animado, e jogando com os punhos. O preceptor aprovava, retorcendo os bigodes. E à mesa os senhores, com os garfos suspensos; por trás os escudeiros, de pé e guardanapo no braço; todos, num silêncio reverente, admiravam o menino a falar inglês.

— Grande prenda, grande prenda — murmurou Vilaça, inclinando-se para a Viscondessa.

A excelente senhora còrou, através dum sorriso....

*

* *

....Defronte do terraço o Brown, de boné escocês pôsto ao lado e grande cachimbo na bôca, puxava ao alto a barra do trapézio para Carlos se balouçar. Então o bom Vilaça pediu para voltar as costas. Não gostava de ver ginásticas: bem sabia que não havia perigo; mas, mesmo nos cavalinhos, as cabriolas, os arcos, atordoavam-no; saía sempre com o estómago embrulhado...

— E parece-me imprudente, sôbre o jantar...

— ¡ Qual ! é só balouçar-se... ¡ Olhe para aquilo !

Mas Vilaça não se moveu, com a face sôbre a chávena.

O abade, êsse, admirava, de lábios entrea-

bertos, e o pires cheio de café esquecido na mão.

— ¡Olhe para aquilo, Vilaça—repetiu Afonso. ¡Não lhe faz mal, homem!

O bom Vilaça voltou-se, com esfôrço. O pequeno, muito alto no ar, com as pernas retesadas contra a barra do trapézio, as mãos às cordas, descia sôbre o terraço, cavando o espaço largamente, com os cabelos ao vento; depois elevava-se, serenamente, crescendo em pleno sol; todo êle sorria; a sua blusa, os calções, enfunavam-se à aragem; e via-se passar, fugir, o brilho dos seus olhos muito negros e muito abertos....

....—¡Bela cousa, a ginástica!—exclamou Afonso da Maia, acendendo com satisfação outro charuto.

Vilaça já ouvira que enfraquecia muito o peito. E o abade, depois de dar o sorvo ao café, de lamber os beiços, soltou a sua bela frase, arranjada em máxima:

— Esta educação faz atletas, mas não faz cristãos. Já o tenho dito...

— ¡Já o tem dito, abade, já! — exclamou Afonso alegremente. Diz-mo tôdas as semamas... ¿Quer você saber, Vilaça? O nosso Custódio mata-me o bicho do ouvido para que eu ensine a cartilha ao rapaz ¡A cartilha!...

Custódio ficou um momento a olhar Afonso, com uma face desconsolada, e a caixa de rapé aberta na mão; a irreligião daquele velho fidalgo, senhor de quási tôda a freguesia, era uma das suas dores:

—A cartilha, sim, meu senhor, ainda que V. Ex.ª o diga assim com êsse modo escarnica... A cartilha. Mas já não quero falar na cartilha... Há outras cousas. E se o digo tantas vezes, sr. Afonso da Maia, é pelo amor que tenho ao menino.

E recomeçou a discussão, que voltava sempre ao café, quando Custódio jantava na quinta.

O bom homem achava horroroso que, naquela idade, um tão lindo moço, herdeiro duma casa tão grande, com futuras responsabilidades na sociedade, não soubesse a sua doutrina. E narrou logo ao Vilaça a história da D. Cecília Macedo: esta virtuosa senhora, mulher do escrivão, tendo passado diante do portão da quinta, avistara o Carlinhos, chamara-o, carinhosa e amiga de crianças como era, e pedira-lhe que lhe dissesse o *acto de contrição*. ¿ E que respondeu o menino? ¡ *Que nunca em tal ouvira falar!* Estas cousas entristeciam. ¡ E o sr. Afonso da Maia achava-lhe graça, ria-se! Ora ali estava o amigo Vilaça, que podia dizer se era caso para jubilar. Não, o sr. Afonso da Maia tinha muito saber, e correra muito mundo; mas duma cousa não o podia convencer, a êle, pobre padre, que nem mesmo o Pôrto vira ainda: é que houvesse felicidade e bom comportamento na vida, sem a moral do catecismo.

E Afonso da Maia respondia, com bom humor:

— ¿ Então, que lhe ensinava você, abade, se eu lhe entregasse o rapaz? Que se não deve roubar o dinheiro das algibeiras, nem mentir, nem maltratar os inferiores, porque isso é contra os mandamentos da lei de Deus, e leva ao inferno, ¿ hein? ¿ É isso?...

— Há mais alguma cousa...

— Bem sei. Mas tudo isso que você lhe ensinaria que se não deve fazer, por ser um pecado que ofende a Deus, já êle sabe que se não deve praticar, porque é indigno dum cavalheiro e dum homem de bem...

— Mas, meu senhor...

— Ouça, abade. Tôda a diferença é essa. Eu quero que o rapaz seja virtuoso por amor da virtude, e honrado por amor da honra; mas não por mêdo às caldeiras de Pero Botelho, nem com o engôdo de ir para o reino do céu....

*

* *

.... Quando Afonso da Maia, Vilaça e o abade recolheram do seu passeio pela freguesia, escurecera; havia luzes pelas salas, e tinham chegado já as Silveiras, senhoras ricas da quinta da *Lagoaça*.

D. Ana Silveira, a solteira e mais velha, passava pela talentosa da família, e era, em pontos de doutrina e de etiqueta, uma grande autoridade em Resende. A viuva, D. Eugénia, limitava-se a ser uma excelente e pachorrenta senhora, de agradável nutrição,

trigueirota e pestanuda ; tinha dois filhos: a Teresinha, a *noiva* de Carlos, uma rapariguinha magra e viva com cabelos negros como tinta; e o morgadinho, o Eusèbiozinho, uma maravilha muito falada naqueles sítios. Quási desde o berço, êste notável menino revelara um edificante amor por alfarrábios e por tôdas as coisas do saber. Ainda gatinhava, e já a sua alegria era estar a um canto, sôbre uma esteira, embrulhado num cobertor, folheando *infolios,* com o crâniozinho calvo de sábio curvado sôbre as letras garrafais de boa doutrina; depois de crescidinho tinha tal propósito, que permanecia horas imóvel numa cadeira, de perninhas bambas, esfuracando o nariz: nunca apetecera um tambor ou uma arma: mas cosiam-lhe cadernos de papel, onde o precoce letrado, entre o pasmo da mamã e da titi, passava dias a traçar algarismos, com a línguazinha de fora.

Assim, na família, tinha a sua carreira destinada: era rico; havia de ser, primeiro, bacharel, e depois desembargador. Quando vinha a Santa Olávia, a tia Anica instalava-o logo à mesa, ao pé do candieiro, a admirar as pinturas dum enorme e rico volume, os *Costumes de todos os Povos do Universo.* Já lá estava essa noite, vestido, como sempre, de escocês, com o *plaid* de flamejante xadrez vermelho e negro pôsto a tiracolo, e preso ao ombro por uma dragona. Para que conservasse o ar nobre dum Stuart,

dum valoroso cavaleiro de Walter Scott, nunca lhe tiravam o boné, onde se arqueava com heroísmo uma rutilante pena de galo; e nada havia mais melancólico que a sua facezinha trombuda, a que o excesso de lombrigas dava uma moleza e uma amarelidão de manteiga; os seus olhinhos vagos e azulados, sem pestanas, como se a sciência lhas tivesse já consumido—pasmando com sisudez para as camponesas da Sicília, e para os guerreiros ferozes do Montenegro, apoiados a escopetas, em píncaros de serranias....

*

* *

....Neste momento (1) Carlos arremetia pela sala dentro, arrastando a sua noiva, a Teresinha, tôda no ar e vermelha de brincar. Os «noivos» tinham chegado duma pitoresca e perigosa viagem, e Carlos parecia descontente de sua mulher. Comportara-se duma maneira atroz: quando êle ia governando a mala-posta, ela quisera empoleirar-se ao pé dêle na almofada... Ora senhoras não viajam na almofada.

— ¡E êle atirou me ao chão, titi!

— ¡Não é verdade! De mais a mais é mentirosa! Foi como quando chegámos à estalagem... Ela quis-se deitar, e eu não quis...

---

(1) À noite, no serão em Santa Olávia.

A gente, quando se apeia de viagem, a primeira cousa que faz é tratar do gado... E os cavalos vinham a escorrer...

A voz de D. Ana interrompeu, muito severa:

— Está bom, está bom; basta de tolices! Já cavalaram bastante. Senta-te aí ao pé da snr.ª Viscondessa, Teresa... Olha essa travessa do cabelo... ¡Que despropósito!

Sempre detestava ver a sobrinha, uma menina delicada, de dez anos, a brincar assim com o Carlinhos. Aquele belo e impetuoso rapaz, sem doutrina e sem propósito, aterrava-a; e pela sua imaginação de solteirona passavam sem cessar ideias, suspeitas de ultrajes que êle poderia fazer à menina....

....Mas quando ela se acomodou ao lado da Viscondessa, gravezinha e com as mãos no regaço, Carlos veio logo estirar-se ao pé dela meio deitado para as costas do canapé, bamboleando as pernas.

— Vamos, filho, tem maneiras — rosnou-lhe, muito sêca, D. Ana.

— Estou cansado; governei quatro cavalos — replicou êle, insolente e sem a olhar.

De repente, porém, dum salto, precipitou-se sôbre o Eusèbiozinho. Queria-o levar à Africa, a combater os selvagens; e puxava-o já pelo seu belo *plaid* de cavaleiro d'Escócia, quando a mamã acudiu, aterrada.

— Não, com o Eusèbiozinho não, filho! Não tem saúde para essas cavaladas... ¡Carlinhos, olhe que eu chamo o avô!

Mas o Eusèbiozinho, a um repelão mais forte, rolara no chão, soltando gritos medonhos. Foi um alvorôço, um levantamento. A mãe, trémula, agachada junto dêle, punha-o de pé sôbre as perninhas moles, limpando-lhe as grossas lágrimas, já com o lenço, já com beijos, quási a chorar também. O delegado, consternado, apanhara o boné escocês e cofiava melancòlicamente a bela pena de galo.

O Eusèbiozinho foi então preciosamente colocado ao lado da titi; e a severa senhora, com um fulgor de cólera na face magra, apertando o leque fechado, como uma arma, preparava-se a repelir o Carlinhos, que, de mãos atrás das costas, e aos pulos em roda do canapé, ria, arreganhando para o Eusèbiozinho um lábio feroz. Mas nesse momento davam nove horas, e a desempenada figura do Brown apareceu à porta.

Apenas o avistou, Carlos correu a refugiar-se por detrás da Viscondessa, gritando:

—Ainda é muito cedo, Brown. ¡Hoje é festa, não me vou deitar!

Então Afonso da Maia, que se não movera aos uivos lancinantes do Silveirinha, disse de dentro, da mesa do voltarete, com severidade:

— Carlos, tenha a bondade de marchar já para a cama.

—¡Oh vôvô, é festa, que está cá o Vilaça!

Afonso da Maia pousou as cartas, atravessou a sala sem uma palavra, agarrou o

rapaz pelo braço, e arrastou-o pelo corredor — em-quanto êle, de calcanhares fincados no soalho, resistia, protestando com desespêro:

— ¡É festa, vôvô... É uma maldade!... O Vilaça pode-se escandalizar... ¡Oh vôvô, eu não tenho sono!

Uma porta, fechando-se, abafou-lhe o clamor. As senhoras censuraram logo aquela rigidez: aí estava uma cousa incompreensível: o avô deixava-lhe fazer todos os horrores, e recusava-lhe então o bocadinho de *soirée*...

— Oh snr. Afonso da Maia, ¿porque não deixou estar a criança?

— É necessário método, é necessário método — balbuciou êle, entrando, todo pálido do seu rigor.

E à mesa do voltarete, apanhando as cartas com as mãos trémulas, repetia ainda:

— É necessário método. Crianças, à noite, dormem.

D. Ana Silveira, voltando-se para o Vilaça — que cedera o seu lugar ao dr. delegado e vinha palestrar com as senhoras — teve aquele sorriso mudo que lhe franzia os lábios, sempre que Afonso da Maia falava em «métodos».

Depois, reclinando-se para as costas da cadeira e abrindo o leque, declarou, a trasbordar de ironia, que, talvez por ter a inteligência curta, nunca compreendera a vantagem dos «métodos»... Era *à inglêsa*, segundo diziam: talvez provassem bem em

Inglaterra; mas, ou ela estava enganada, ou Santa Olávia era no reino de Portugal.

E como Vilaça inclinava tìmidamente a cabeça, com a sua pitada nos dedos, a esperta senhora, baixo, para que Afonso, dentro, não ouvisse, desabafou. O snr. Vilaça, naturalmente, não sabia; mas aquela educação do Carlinhos nunca fôra aprovada pelos amigos da casa. Já a presença de Brown, um herético, um protestante, como preceptor, na família dos Maias, causara desgôsto em Resende. Sobretudo, quando o snr. Afonso tinha aquele santo do abade Custódio, tão estimado, homem de tanto saber... Não ensinaria à criança habilidades de acrobata; mas havia de lhe dar uma educação de fidalgo, prepará-lo para fazer boa figura em Coimbra...

Nesse momento, o abade, suspeitando uma corrente de ar, erguera-se da mesa de jôgo, a fechar o reposteiro; então, como Afonso já não podia ouvir, D. Ana ergueu a voz:

— E olhe que o Custódio teve desgôsto, snr. Vilaça. Que o Carlinhos, coitadinho, nem uma palavra sabe de doutrina... Sempre lhe quero contar o que sucedeu com a Macedo.

Vilaça já sabia.

— Ah! ¿já sabe? ¿Lembras-te, Viscondessa? Com a Macedo, do acto de contrição...

A Viscondessa suspirou, erguendo um olhar mudo ao céu, através do teto.

— Horroroso! — continuou D. Ana. A pobre mulher chegou lá a nossa casa embuchada... E eu, fez-me impressão. Até sonhei com aquilo três noites a fio...

Calou-se um momento. Vilaça, embaraçado, acanhado, fazia girar a caixa de rapé nos dedos, com os olhos postos no tapete. Outro langor de sonolência passou na sala; D. Eugénia, com as pálpebras pesadas, fazia de vez em quando uma malha mole no *crochet;* e a «noiva» de Carlos, estirada para o canto do sofá, já dormia, com a boquinha aberta.

D. Ana, depois de bocejar de leve, retomou a sua ideia:

— O pequeno está muito atrasado. A não ser um bocado de inglês, não sabe nada... Não tem prenda nenhuma!

— ¡Mas é muito esperto, minha rica senhora! — acudiu Vilaça.

— É possível — respondeu sêcamente a inteligente Silveira.

E, voltando-se para Eusèbiozinho, que se conservava ao lado dela, quieto como se fôsse de gesso:

— Oh filho, dize tu aqui ao snr. Vilaça aqueles lindos versos que sabes... Não sejas atado, anda!... Vá, Eusébio, filho, sê bonito...

Mas o menino, molengão e tristonho, não se descolava das saias da titi; teve ela de o pôr de pé, ampará-lo, para que o tenro prodígio não aluísse sôbre as perninhas flá-

cidas; e a mamã prometeu-lhe que, se dissesse os versinhos, dormia essa noite com ela...

Isto decidiu-o: abria a bôca; e, como duma torneira lassa, veio de lá escorrendo, num fio de voz, um recitativo lento e babujado:

> É noite; o astro saüdoso
> Rompe a custo um plúmbeo céu,
> Tolda-lhe o rôsto formoso
> Alvacento, húmido véu...

Disse-a tôda — sem se mexer, com as mãozinhas pendentes, os olhos mortiços pregados na titi. A mamã fazia o compasso com a agulha do *crochet;* e a Viscondessa, pouco a pouco, com um sorriso de quebranto, banhada no langor da melopeia, ia cerrando as pálpebras.

— ¡Muito bem, muito bem! — exclamou o Vilaça, impressionado, quando o Eusèbiozinho findou, coberto de suor. Que memória! Que memória! É um prodígio!...

Os criados entravam com o chá. Os parceiros tinham findado a partida; e o bom Custódio, de pé, com a sua chávena na mão, queixava-se amargamente da maneira por que aqueles senhores o tinham esfolado.

Como ao outro dia era domingo, e havia missas cedo, as senhoras retiraram-se às nove e meia....

....Um criado da quinta alumiava adiante com o lampeão; e o moço das Silveiras levava ao colo o Eusèbiozinho, que parecia um

fardo escuro, abafado em mantas, com um chale amarrado na cabeça.

Depois da ceia Vilaça acompanhou ainda um momento Afonso da Maia à livraria, onde, antes de recolher, êle tomava sempre, à inglêsa, o seu *cognac* e soda.

O aposento, a que as velhas estantes de pau preto davam um ar severo, estava adormecido tèpidamente, na penumbra suave, com as cortinas bem fechadas....

....Vilaça, com as mãos nos bolsos, de pé e pensativo, olhava a brasa da acha, que morria na cinza branca. Depois ergueu a cabeça, para murmurar, como ao acaso:

— Aquele rapazito é esperto...

— ¿Quem? O Eusèbiozinho? — disse Afonso, que se acomodava junto ao fogão, enchendo alegremente o cachimbo. ¡Eu tremo de o ver cá, Vilaça! O Carlos não gosta dêle, e tivemos aí um desgôsto horroroso... Foi já há meses. Havia uma procissão, e o Eusèbiozinho ia de anjo... As Silveiras, excelentes mulheres, coitadas, mandaram-no cá, para o mostrar à Viscondessa, já vestido de anjo. Pois senhores, distraímo-nos, e o Carlos, que o andava a rondar, apodera-se dêle, leva-o para o sótão, e, meu caro Vilaça... Em primeiro lugar ia-o matando, porque embirra com anjos... Mas o pior não foi isso. Imagine você o nosso terror, quando nos aparece o Eusèbiozinho aos berros pela titi, todo desfrizado, sem uma

asa, com a outra a bater-lhe os calcanhares, dependurada de um barbante, a coroa de rosas enterrada até ao pescoço, e os galões de ouro, os tules, as lentejoulas, tôda a vestimenta celeste em frangalhos!... Em-fim, um anjo depenado e sovado... Eu ia dando cabo do Carlos.

Bebeu metade da sua soda, e, passando a mão pelas barbas, acrescentou, com uma satisfação profunda:

— ¡E levado do diabo, Vilaça!

O administrador, sentado agora à borda de uma cadeira, esboçou uma risadinha muda; depois ficou calado, olhando Afonso, com as mãos nos joelhos, como esquecido e vago. Ia abrir os lábios, hesitou ainda, tossiu de leve; e continuou a seguir pensativamente as faíscas que erravam sôbre as achas.

Afonso da Maia, no em-tanto, com as pernas estiradas para o lume, recomeçara a falar do Silveirinha. Tinha três ou quatro meses mais que Carlos, mas estava enfezado, estiolado, por uma educação à portuguesa; ¡daquela idade, ainda dormia no chôco, com as criadas; nunca o lavavam, para o não constiparem; andava couraçado de rolos de flanelas! Passava os dias nas saias da titi, a decorar versos, páginas inteiras do *Catecismo de perseverança*. Êle, por curiosidade, um dia abrira êste livreco e vira lá, «que o sol é que anda em volta da terra (como antes de Galileu), e que Nosso Se-

nhor, tôdas as manhãs, dá as ordens ao sol, para onde há-de ir e onde há-de parar, etc.» E assim lhe estavam arranjando uma almazinha de bacharel...

(*Os Maias*, vol. I, 5.ª edição, pág. 74 a 103)

IX

TÓPSIUS E ALPEDRINHA

Eu conhecera Tópsius em Malta, uma fresca manhã, estando a comprar violetas a uma ramalheteira que tinha já nos olhos grandes um langor muçulmano: êle andava medindo consideradamente, com o seu guarda-sol, as paredes marciais e monásticas do palácio do Gram-Mestre.

Persuadido que era um dever espiritual e doutoral, nestas terras do Levante, cheias de história, medir os monumentos da antiguidade, tirei o meu lenço e fui-o gravemente passeando, esticado como um côvado, sôbre as austeras cantarias. Tópsius dardejou-me logo, por cima dos óculos d'oiro, um olhar desconfiado e ciümento. Mas, tranqüilizado, de-certo, pela minha face jucunda e material, pelas minhas luvas almiscaradas, pelo meu fútil raminho de violetas — ergueu cortêsmente de sôbre o longo cabelo, corredio e côr de milho, o seu bonèzinho de seda preta. Eu saüdei com o meu capacete de cortiça; e comunicámos. Disse-lhe o meu

nome, a minha pátria, os santos motivos que me levavam a Jerusalém. Êle contou-me que nascera na gloriosa Alemanha; e ia também à Judea, depois à Galilea, numa peregrinação scientífica, colher notas para a sua formidável obra, a *História dos Herodes.* Mas demorava-se em Alexandria, a amontoar os pesados materiais de outro livro monumental, a *História dos Lágidas*... Porque estas duas turbulentas famílias, os Herodes e os Lágidas, eram propriedade histórica do doutíssimo Tópsius.

— Então, ambos com o mesmo roteiro, podíamos acamaradar, Doutor Tópsius!

Êle, espigado, magríssimo e pernudo, com uma rabona curta de lustrina, enchumaçada de manuscritos, cortejou gostosamente:

— Pois acamarademos, D. Raposo! Será uma deleitosa economia!

Encovado na gola, de guedelha caída, o nariz agudo e pensativo, a calça esguia, — o meu erudito amigo parecia-me uma cegonha, risível e cheia de letras, com óculos d'ouro na ponta do bico. Mas já a minha animalidade reverenciava a sua intellectualidade: e fomos beber cerveja.

A sabedoria neste moço era dom hereditário. Seu avô materno, o naturalista Sholck, escreveu um famoso tratado em oito volumes, sôbre a *Expressão fisionómica dos lagartos*, que assombrou a Alemanha. E seu tio, o decrépito Tópsius, o memorável egitólogo, aos setenta e sete anos ditou da

poltrona, onde o prendia a gôta, êsse livro genial e fácil — a *Sintese monoteísta da Teogonia egípcia, considerada nas relações do Deus Phtah e do Deus Imhotep com as Tríadas dos Nomos.*

O pai de Tópsius, desgraçadamente, através desta alta sciência doméstica, permanecia figle numa charanga, em Munich: mas o meu camarada, reatando a tradição, logo aos vinte e dois anos tinha esclarecido, radiantemente, em dezanove artigos publicados no *Boletim hebdomadário de excavações históricas*, a questão, vital para a Civilização, duma parede de tejolo erguida pelo rei Pi-Sibkmé, da vigésima primeira dinastia, em tôrno do templo de Rameses II, na lendária cidade de Tanis. Em tôda a Alemanha scientífica, hoje, a opinião de Tópsius acêrca desta parede brilha com a irrefutabilidade do sol.

Só conservo de Tópsius recordações suaves ou elevadas. Já sôbre as águas bravias do mar de Tiro; já nas ruas fuscas de Jerusalém; já dormindo lado a lado, sob a tenda, junto aos destroços de Jericó; já pelas estradas verdes da Galilea — encontrei-o sempre instrutivo, serviçal, paciente e discreto... Ficou-me a dever seis moedas; —mas esta diminuta migalha de pecúnia desaparece na copiosa onda de saber histórico com que fecundou o meu espírito. Uma coisa apenas, além do seu pigarro de erudito, me desagradava nêle — o habito de se servir da minha escôva de dentes.

Era também intoleràvelmente vaidoso da sua pátria. Sem cessar, erguendo o bico, sublimava a Alemanha, mãe espiritual dos povos; depois ameaçava-me com a irresistibilidade das suas armas. A omnisciência da Alemanha! A omnipotência da Alemanha! Ela imperava, vasto acampamento entrincheirado de in-fólios, onde ronda e fala de alto a Metafísica armada! Eu, brioso, não gostava destas jactâncias. Assim, quando no *Hotel das Pirâmides* nos apresentaram um livro, para nêle registarmos nossos nomes e nossas terras, o meu douto amigo traçou o seu «TOPSIUS», ajuntando por baixo, altivamente, em letras tesas e disciplinadas como galuchos: — «DA IMPERIAL ALEMANHA». Arrebatei a pena; e recordando o barbudo João de Castro, Ormuz em chamas, Adamastor, a capela de S. Roque, o Tejo e outras glórias, escrevi largamente, em curvas mais enfunadas que velas de galeões: — «RAPOSO, PORTUGUÊS, D'AQUEM E D'ALÉM-MAR».

E logo, do canto, um moço magro e murcho, murmurou, suspirando, e a desfalecer:

— Em o cavalheiro necessitando alguma coisa, chame pelo *Alpedrinha*.

Um patrício! Ele contou-me a sua sombria história, desafivelando a minha maleta. Era de Trancoso, e desgraçado. Tivera estudos, compusera um necrológio, sabia ainda mesmo de cor os versos mais doloridos do «nosso Soares de Passos». Mas apenas

sua mamãzinha morrera, tendo herdado terras, correra à fatal Lisboa, a gozar. Conheceu logo na travessa da Conceição uma espanhola deleitosíssima, do adocicado nome de Dulce; e largou com ela para Madrid, num idilio. Aí o jôgo empobreceu-o, a Dulce traíu-o, um *chulo* esfaqueou-o. Curado e macilento, passou a Marselha... Foi sacristão em Roma. Foi barbeiro em Atenas. Na Morea, habitando uma choça junto a um pântano, empregara-se na pavorosa pesca das sanguessugas; e, de turbante, com odres negros ao ombro, apregoou água pelas vielas de Smirna. O fecundo Egito atraíra-o sempre, irresistívelmente... E ali estava no *Hotel das Pirâmides*, moço de bagagens e triste.

— E se o cavalheiro trouxesse por aí algum jornal da nossa Lisboa, eu gostava de saber como vai a Política.

Concedi-lhe generosamente todos os *Jornais de Noticias* que embrulhavam os meus botins.

— ¿ Tu já estiveste em Jerusalém, Alpedrinha? preguntei....

— Não, senhor, mas sei... Pior que Braga!

— Irra!

(*A Reliquia*, 7.ª ed., pág. 73 e ss.)

X

JESUS E BARRABÁS

De súbito o intérprete apareceu, em cima dum escabelo. A turba emudecera, surpreendida. E o fenício, depois de ter consultado com o escriba, sorriu, gritou em caldaico, alargando os braços cercados de manilhas de coral:

— Escutai! Nesta vossa festa da Páscoa, o Pretor de Jerusalém costuma, desde que Valerius Gratus assim o determinou, e com assenso de César, perdoar a um criminoso... O Pretor propõe-vos o perdão dêste... Escutai ainda! Vós tendes também o direito de escolher, vós mesmos, entre os condenados... O Pretor tem em seu poder, nos ergástulos de Herodes, outro sentenciado à morte...

Hesitou; — e, debruçado do escabelo, interrogava de novo o escriba que remexia, numa atarantação, os papiros e os tabulários. Sarêas, sacudindo a ponta do manto, ficara assombrado para o Pretor, com as mãos abertas no ar. Mas já o Intérprete bradava, erguendo mais a face risonha;

— Um dos condenados é Rabi Jeschua, que aí tendes, e que se disse filho de David... É êsse que propõe o Pretor. O outro, endurecido no mal, foi preso por ter morto um legionário traiçoeiramente, numa rixa, ao pé do Xistus. O seu nome é Bar-Abás... Escolhei!

Um grito brusco e roufenho partiu de entre os Fariseus:

— Bar-Abás!

Aqui e além, pelo átrio, confusamente, ressoou o nome de Bar-Abás. E um escravo do Templo, de saião amarelo, pulando até aos degraus do sólio, rompeu a berrar, em face de Pôncius, com palmadas furiosas nas côxas:

— Bar-Abás! Ouve bem! Bar-Abás! O povo só quer Bar-Abás!

A haste dum legionário fê-lo rolar nas lajes. Mas já tôda a multidão, mais leve e fácil de inflamar do que a palha na mêda, clamava por Bar-Abás: uns com furor, batendo as sandálias e os cajados ferrados, como para aluir o Pretório; outros, de longe, encruzados ao sol, indolentes e erguendo um dedo. Os vendilhões do Templo, rancorosos, sacudindo as balanças de ferro e repicando sinetas, berravam, por entre maldições ao Rabi: «Bar-Abás é o melhor!....»

— Bar-Abás! Bar-Abás!

Raros ali conheciam Bar-Abás; muitos, de-certo, não odiavam o Rabi — mas todos engrossavam o tumulto prontamente, sen-

tindo, nessa reclamação do preso que atacara Legionários, um ultraje ao Pretor romano, togado e augusto no seu tribunal. Pôncius no em-tanto, indiferente, traçava letras numa vasta lauda de pergaminho, pousada sôbre os joelhos. E, em tôrno, os clamores disciplinados retumbavam em cadência, como malhos numa eira:

— Bar-Abás! Bar-Abás! Bar-Abás!

Então Jesus, vagarosamente, voltou-se para aquele mundo duro e revoltoso que o condenava: e nos seus refulgentes olhos humedecidos, no fugitivo tremor dos seus lábios, só transpareceu nesse instante uma mágoa misericordiosa pela opaca inconsciência dos homens, que assim empurravam para a morte o melhor amigo dos homens... Com os pulsos presos, limpou uma gota de suor: depois ficou diante do Pretor, tão imperturbado e quêdo, como se já não pertencesse à terra.

O escriba, batendo com uma régua de ferro na pedra da mesa, três vezes bradara o nome de César. O tumulto ardente esmorecia. Pôncius ergueu-se: e, grave, sem trair impaciência ou cólera, lançou, sacudindo a mão, o mandado final:

— ¡Ide, e crucificai-o!

Desceu o estrado; a turba batia ferozmente as palmas.....

*
* *

....E o alto historiador tomava já o caminho do Templo, quando, sob as ruinas dum arco que a hera cobria, vimos povo apinhado em tôrno dum Essénio, cujas mangas d'alvo linho batiam o ar como as asas dum pássaro irritado.

Era Gad, rouco d'indignação, clamando contra um homem esgrouviado, de barba rala e ruiva, com grossas argolas de ouro nas orelhas, que tremia e balbuciava:

— Não fui eu, não fui eu...

— Foste tu! bradava o Essénio, estampando a sandália na terra. Conheço-te bem. Tua mãe é cardadeira em Cafarnaum, e maldita seja pelo leite que te deu!...

O homem recuava, baixando a cabeça, como um animal encurralado à fôrça:

— Não fui eu! Eu sou Refraim, filho de Eliesar, de Ramah! Sempre todos me conheceram são e forte como a palmeira nova!

— Torto e inútil eras tu como um sarmento velho de vide, cão e filho dum cão! gritou Gad. Vi-te bem... Foi em Cafarnaum, na viela onde está a fonte, ao pé da Sinagoga, que tu apareceste a Jesus, Rabi de Nazaré! Beijavas-lhe as sandálias; dizias: «Rabi, cura-me! Rabi, vê esta mão, que não pode trabalhar!» E mostravas-lhe

a mão, essa, a direita, sêca, mirrada e negra, como o ramo que definhou sôbre o tronco! Era no Sabbat: estavam os três chefes da Sinagoga, e Elzear, e Simeon. E todos olhavam Jesus para ver se êle ousaria curar no dia do Senhor... Tu choravas, de rôjo no chão. ¿E por acaso o Rabi repeliu-te? Mandou-te procurar a raíz do baraz? Ah cão, filho dum cão! O Rabi, indiferente às acusações da Sinagoga, e só escutando a sua misericórdia, disse-te: «estende a mão!» Tocou-a, e ela reverdeceu logo, como a planta regada pelo orvalho do céu! Estava sã, forte, firme; e tu movias ora um dedo, ora outro, espantado e tremendo.

Um murmúrio d'enlêvo correu entre a multidão, maravilhada pelo doce milagre. E o Essénio exclamava, com os braços trémulos no ar:

— Assim foi a caridade do Rabi! ¿E estendeu-te êle a ponta do manto, como fazem os Rabis de Jerusalém, para que lhe deitasses dentro um ciclo de prata? Não. Disse aos seus amigos que te dessem da provisão de lentilha... E tu largaste a correr pelo caminho, refeito e ágil, gritando para o lado da tua casa: «¡Oh mãi, oh mãi, estou curado!...» E foste tu, porco e filho de porco, que há pouco, no Pretório, pedias a cruz para o Rabi, e gritavas por Bar-Abás! Não negues, bôca imunda; eu ouvi-te; estava por trás de ti, e vi incharem-te

as cordoveias do pescoço com o furor da tua ingratidão!

Alguns, escandalizados, gritavam: «maldito! maldito!» Um velho, com justiceira gravidade, apanhara duas grossas pedras. E o homem de Cafarnaum, encolhido, esmagado, ainda rosnou surdamente:

— Não fui eu, não fui eu... Eu sou de Ramah!

Gad, furioso, agarrou-o pelas barbas:

— Nesse braço, quando o arregaçaste diante do Rabi, todos te viram duas cicatrizes curvas, como de dois golpes de foice... E tu vais mostrá-las agora, cão e filho dum cão!

Despedaçou-lhe a manga da túnica nova; arrastou-o em redor, apertado nas suas mãos de bronze, como um bode teimoso; mostrou bem as duas cicatrizes, lívidas no pêlo ruivo; e assim o arremessou desprezìvelmente para entre o povo — que, levantando o pó do caminho, perseguiu o homem de Cafarnaum com apupos e com pedradas...

(*A Relíquia,* pág. 202 e ss.)

XI

INTELIGÊNCIA E BONDADE DE FRADIQUE

A superior inteligência de Fradique tinha o apoio de uma cultura forte e rica. Já os seus instrumentos de saber eram consideráveis. Além dum sólido conhecimento das línguas clássicas (que, na sua idade de Poesia e de Literatura decorativa, o habilitara a criar em latim bárbaro poemetos tão belos como o *Laus Veneris tenebrosæ)* — possuía profundamente os idiomas das três grandes nações pensantes, a França a Inglaterra e a Alemanha. Conhecia também o árabe, que (segundo me afirmou Riaz-Effendi, cronista do sultão Abdul-Aziz) falava com abundância e gôsto.

As sciências naturais eram-lhe queridas e familiares; e uma insaciável e religiosa curiosidade do Universo impelira-o a estudar tudo o que divinamente o compõe, desde os insectos até aos astros. Estudos carinhosamente feitos com o coração — porque Fradique sentia pela Natureza, sobretudo pelo

animal e pela planta, uma ternura e uma veneração genuìnamente budistas. «Amo a Natureza (escrevia-me êle em 1882) «por si «mesma, tôda e individualmente, na graça e «na fealdade de cada uma das formas inu-«meráveis que a enchem: e amo-a ainda «como manifestação tangível e múltipla da «suprema Unidade, da Realidade intangível, «a que cada Religião e cada Filosofia deram «um nome diverso e a que eu presto culto «sob o nome de VIDA. Em resumo, adoro «a Vida — de que são igualmente expres-«sões uma rosa e uma chaga, uma conste-«lação e (com horror o confesso) o conse-«lheiro Acácio. Adoro a Vida, e portanto «tudo adoro — porque tudo é viver, mesmo «morrer. Um cadáver rígido no seu esquife «vive tanto como uma águia batendo furio-«samente o voo. E a minha religião está «tôda no credo de Atanásio, com uma pe-«quena variante: — «Creio na *Vida* tôda-po-«derosa, criadora do céu e da terra...»

Quando começou porém a nossa intimidade, em 1880, o seu inquieto espírito mergulhava de preferência nas sciências sociais, aquelas sobretudo que pertencem à Pre-história — a Antropologia, a Lingüística, o estudo das Raças, dos Mitos e das Instituïções Primitivas. Quási todos os três meses, altas rumas de livros, enviadas da casa Hachette, densas camadas de Revistas especiais, alastrando o tapete de Caramânia, indicavam-me que uma nova curiosidade se

apoderara dêle com intensidade e paixão. Conheci-o assim sucessivamente e ardentemente ocupado com os monumentos megalíticos da Andaluzia; com as habitações lacustres; com a mitologia dos povos Arianos; com a magia Caldaica; com as raças polinésias; com o direito costumário dos Cafres; com a cristianização dos deuses pagãos... Estas aferradas investigações duravam em-quanto podia extrair delas «alguma emoção ou surpresa intelectual». Depois, um dia, Revistas e volumes desapareciam, e Fradique anunciava triunfalmente, alargando os passos alegres por sôbre o tapete livre — «¡ Sorvi todo o Sabeísmo!», ou: «Esgotei os Polinésios!»

O estudo, porém, a que se prendeu ininterrompidamente, com especial constância, foi o da História. «Desde pequeno (escrevia êle a Oliveira Martins, numa das suas últimas cartas, em 1886) «tive a paixão da His«tória. E ¿ adivinha você porquê, Historia«dor? Pelo confortável e conchegado senti«mento que ela me dava da solidariedade «humana. Quando fiz onze anos, minha avó, «de repente, *para me habituar às coisas du«ras da vida* (como ela dizia), arrancou-me «ao pachorrento ensino do padre Nunes, e «mandou-me a uma escola chamada *Tercei«rense.* O jardineiro levava-me pela mão: e «todos os dias a avó me dava com soleni«dade um pataco para eu comprar na tia «Marta, confeiteira da esquina, bolos para a

«minha merenda. Êste criado, êste pataco,
«estes bolos, eram costumes novos que fe-
«riam o meu monstruoso orgulho de mor-
«gadinho — por me descerem ao nível hu-
«milde dos filhos do nosso procurador. Um
«dia, porém, folheando uma *Enciclopédia de*
«*Antiguidades Romanas*, que tinha estam-
«pas, li, com surpresa, que os rapazes em
«Roma (na grande Roma!) iam também de
«manhã para a escola, como eu, pela mão
«dum servo — denominado o *Capsarius;* e
«compravam também, como eu, um bôlo
«numa tia Marta do Velabro ou das Cari-
«nas, para comerem à merenda — que cha-
«mavam o *Ientaculum.* Pois, meu caro, no
«mesmo instante a venerável antiguidade
«dêsses hábitos tirou-lhes a vulgaridade tô-
«da que nêles me humilhava tanto! Depois
«de os ter detestado, por serem comuns aos
«filhos do Silva procurador — respeitei-os,
«por terem sido habituais nos filhos de Sci-
«pião. A compra do bôlo tornou-se como
«um rito, que desde a Antiguidade todos os
«rapazes de escola cumpriam, e que me era
«dado por meu turno celebrar, numa honro-
«sa solidariedade com a grande gente to-
«gada. Tudo isto, evidentemente, não o sen-
«tia com esta clara consciência. Mas nunca
«entrei daí por diante na tia Marta, sem er-
«guer a cabeça, pensando com uma vangló-
«ria heróica: — «Assim faziam também os
Romanos!» Era por êsse tempo pouco mais
«alto que uma espada gôda, e amava uma

«mulher obesa, que morava ao fim da
«rua...»

Nessa mesma carta, adiante, Fradique
acrescenta: — «Levou-me pois efectivamente
«à História o meu amor da Unidade—amor
«que envolve o horror às interrupções, às
«lacunas, aos espaços escuros onde se não
«sabe o que há. Viajei por tôda a parte via-
«jável, li todos os livros de explorações e
«de travessias — porque me repugnava não
«conhecer o globo em que habito até aos
«seus extremos limites, e não sentir a con-
«tínua solidariedade do pedaço de terra que
«tenho sob os pés com tôda a outra terra
«que se arqueia para além. Por isso, incan-
«sàvelmente exploro a História, para perce-
«ber até aos seus derradeiros limites a Hu-
«manidade a que pertenço, e sentir a com-
«pacta solidariedade do meu ser com a de
«todos os que me precederam na vida. Tal-
«vez você murmure com desdém — «mera
«bisbilhotice!» Amigo meu, não despreze a
«bisbilhotice! Ela é um impulso humano, de
«latitude infinita, que, como todos, vai do
«reles ao sublime. Por um lado leva a escu-
«tar às portas — e pelo outro a descobrir a
«América!»

O saber histórico de Fradique surpreen-
dia realmente. Um amigo nosso exclamava
um dia, com essa ironia afável que nos ho-
mens de raça céltica sublinha e corrige a
admiração: — «Aquele Fradique! Tira a cha-
«ruteira, e dá uma síntese profunda, duma

«transparência de cristal, sôbre a guerra do
«Peloponeso; — depois acende o charuto, e
«explica o feitio e o metal da fivela do cin-
«turão de Leónidas!»....

....Fradique era ajudado por uma prodigiosa memória, que tudo recolhia e tudo retinha — vasto e claro armazém de factos, de noções, de formas, todos bem arrumados, bem classificados, prontos sempre a servir. O nosso amigo Chambray afirmava que, comparável à memória de Fradique, como «instalação, ordem e excelência do *stock*», só conhecia a adega do Café Inglês».

A cultura de Fradique recebia um constante alimento e acréscimo, das viagens que sem cessar empreendia, sob o impulso de admirações ou de curiosidades intelectuais. Só a Arqueologia o levou quatro vezes ao Oriente: — Ainda que a sua derradeira residência em Jerusalém, durante dezoito meses, foi motivada (segundo me afirmou o cônsul Raccolini) por poéticos amores com uma das mais esplèndidas mulheres da Síria, uma filha de Abraão Côppo, o faustoso bànqueiro de Aleppo, tão lamentàvelmente morta depois, sôbre as tristes costas de Chipre, no naufrágio do *Magnólia*. A sua aventurosa e áspera peregrinação pela China, desde o Tibet (onde quási deixou a vida, tentando temeràriamente penetrar na cidade sagrada de Lahsá) até à alta Mandchúria, constitui o mais completo estudo até hoje realizado por um homem da Europa sôbre

os costumes, o Govêrno, a Ética e a Literatura dêsse povo «profundo entre todos, «que (como diz Fradique) conseguiu desco-«brir os três ou quatro únicos princípios de «moral, capazes, pela sua absoluta fôrça, de «eternizar uma civilização».

O exame da Rússia e dos seus movimentos sociais e religiosos trouxeram-no prolongados meses pelas províncias rurais de entre o Dnieper e o Volga. A necessidade duma certeza sôbre os presídios penais da Sibéria impeliu-o a afrontar centenas de milhas de *steppes* e de neves, numa rude telega, até ás minas de prata de Nerchinski. E prosseguiria neste activo interêsse, se não recebesse sùbitamente, ao chegar à costa, a Arcangel, êste aviso do general Armankoff, chefe da IV secção da polícia imperial: — *Monsieur, vous nous observez de trop-près pour que votre jugement n'en soit faussé; je vous invite donc, sur votre intérêt, et pour avoir de la Russie une vue d'ensemble plus exacte, d'aller la regarder de plus loin, dans votre belle maison de Paris!* — Fradique abalou para Vasa, sôbre o golfo de Bótnia. Passou logo à Suécia, e mandou de lá, sem data, êste bilhete ao general Armankoff: — *Monsieur, j'ai reçu votre invitation où il y a beaucoup d'intolérance et trois fautes de français....*

*

* *

....A forte expressão de virtude que nêle logo me impressionou foi a sua incondicional e irrestrita indulgência. Ou por uma conclusão da sua filosofia, ou por uma inspiração da sua natureza — Fradique, perante o pecado e o delito, tendia àquela velha misericórdia evangélica, que, consciente da universal fragilidade, pregunta de onde se erguerá a mão bastante pura para arremessar a primeira pedra ao êrro. Em tôda a culpa êle via (talvez contra a razão, mas em obediência àquela *voz* que falava baixo a S. Francisco de Assis e que ainda se não calou) a irremediável fraqueza humana: e o seu perdão subia logo do fundo dessa Piedade que jazia na sua alma, como manancial de água pura em terra rica, sempre pronto a brotar.

A sua bondade, porém, não se limitava a esta expressão passiva. Tôda a desgraça, desde a amargura limitada e tangível que passa na rua, até a vasta e esparsa miséria que com a fôrça dum elemento devasta classes e raças, teve nêle um consolador diligente e real. São dêle, e escritas nos derradeiros anos (numa carta a G. F.) estas nobres palavras: — «Todos nós, que vivemos «neste globo, formamos uma imensa cara- «vana, que marcha confusamente para o

«Nada. Cerca-nos uma Natureza inconscien-
«te, impassível, mortal como nós, que não
«nos entende, nem sequer nos vê, e donde
«não podemos esperar nem socorro nem
«consolação. Só nos resta, para nos dirigir,
«na rajada que nos leva, êsse secular pre-
«ceito, suma divina de tôda a experiência
«humana — «ajudai-vos uns aos outros!»
«Que, na tumultuosa caminhada, portanto,
«onde passos sem conta se misturam —
«cada um ceda metade do seu pão àquele
«que tem fome; estenda metade do seu
«manto àquele que tem frio; acuda com o
«braço àquele que vai tropeçar; poupe o
«corpo daquele que já tombou; e se algum,
«mais bem provido e seguro para o cami-
«nho, necessitar apenas simpatia de almas,
«que as almas se abram para êle transbor-
«dando dessa simpatia... Só assim conse-
«guiremos dar alguma beleza e alguma di-
«gnidade a esta escura debandada para a
«Morte».

De-certo, Fradique não era um santo militante, rebuscando pelas vielas misérias a resgatar; mas nunca houve mal, por êle conhecido, que dêle não recebesse alívio. Sempre que lia por acaso, num jornal, uma calamidade ou uma indigência, marcava a notícia com um traço a lápis, lançando ao lado um algarismo — que indicava ao velho Smith o número de libras que devia remeter, sem publicidade, pudicamente. A sua máxima para com os pobres, (a quem os Economis-

tas afirmam que se não deve Caridade, mas Justiça) — era que à hora das comidas mais vale um pataco na mão, que duas filosofias a voar». As crianças, sobretudo quando necessitadas, inspiravam-lhe um enternecimento infinito; e era dêstes, singularmente raros, que, encontrando, num agreste dia de inverno, um pequeno que pede, transido de frio — param sob a chuva e sob o vento, desapertam pacientemente o *paletot*, descalçam pacientemente a luva, para vasculhar no fundo da algibeira, à procura da moeda de prata que vai ser o calor e o pão dum dia.

Esta caridade estendia-se budistamente a tudo que vive. Não conheci homem mais respeitador do animal e dos seus direitos. Uma ocasião, em Paris, correndo ambos a uma estação de *fiacres* para nos salvarmos dum chuveiro que desabava, e seguir, na pressa que nos levava, a uma venda de tapeçarias (onde Fradique cobiçava umas *Nove Musas dançando entre loureirais),* encontrámos apenas um *coupé,* cuja pileca, com o saco pendente do focinho, comia melancòlicamente a sua ração. Fradique teimou em esperar que o cavalo almoçasse em sossêgo — e perdeu as *Nove Musas.*

Nos últimos tempos preocupava-o sobretudo a miséria das classes — por sentir que nestas democracias industriais e materialistas, furiosamente empenhadas na luta pelo pão egoísta, as almas cada dia se tornam

mais sêcas e menos capazes de piedade: «A «Fraternidade (dizia êle numa carta de 1886, «que ainda conservo) vai-se sumindo, prin«cipalmente nestas vastas colmeias de cal e «pedra, onde os homens teimam em se «amontoar e lutar; e, através do constante «deperecimento dos costumes e das sim«plicidades rurais, o mundo vai rolando «a um egoísmo feroz. A primeira evidên«cia dêste egoísmo é o desenvolvimento «ruidoso da filantropia. Desde que a cari«dade se organiza e se consolida em ins«tituïção, com regulamentos, relatórios, co«mités, sessões, um presidente e uma cam«painha, e de sentimento natural passa a «função oficial — é porque o homem, não «contando já com os impulsos do seu co«ração, necessita obrigar-se pùblicamente «ao bem, pelas prescrições dum estatuto. «Com os corações assim duros e os in«vernos tão longos, ¿que vai ser dos po«bres?...»

Quantas vezes, diante de mim, nos crepúsculos de novembro, na sua biblioteca apenas alumiada pela chama incerta e doce da lenha no fogão, Fradique emergiu dum silêncio em que os olhares se lhe perdiam ao longe, como afundados em horizontes de tristeza — ¡para assim lamentar, com enternecida elevação, tôdas as misérias humanas! E voltava então a amarga afirmação da crescente aspereza dos homens, forçados pela violência do conflito e da concorrência a um egoís-

mo rude, em que cada um se torna cada vez mais o lobo do seu semelhante, *homo homini lupus.*

(De *A Corresp. de Fr. Mendes,* 2.ª ed , pág. 78 e ss.)

XII

CIVILIZAÇÃO

Eu possuo preciosamente um amigo (o seu nome é Jacinto) que nasceu num palácio, com quarenta contos de renda em pingues terras de pão, azeite e gado....

.... No seu palácio (floridamente chamado o *Jasmineiro*) que seu pai, também Jacinto, construíra sôbre uma honesta casa do século XVII, assoalhada a pinho e branqueada a cal — existia, creio eu, tudo quanto para bem do espírito ou da matéria os homens teem criado, através da incerteza e dor, desde que abandonaram o vale feliz de Septa-Sindu, a Terra das Águas Fáceis, o doce país Ariano. A biblioteca, que em duas salas amplas e claras como praças, forrava as paredes inteiramente, desde os tapetes de Caramània até ao teto de onde, alternadamente, através de cristais, o sol e a electricidade vertiam uma luz estudiosa e calma — continha vinte e cinco mil volumes, instalados em ébano, magnìficamente revestidos de marroquim escarlate. ¡ Só sistemas

filosóficos (e com justa prudência, para poupar espaço, o bibliotecário apenas coleccionara os que irreconciliàvelmente se contradizem) havia mil oitocentos e dezassete!

Uma tarde, que eu desejava copiar um ditame de Adão Smith, percorri, buscando êste economista ao longo das estantes, ¡oito metros de economia política! Assim se achava formidàvelmente abastecido o meu amigo Jacinto de tôdas as obras essenciais da inteligência — e mesmo da estupidez. E o único inconveniente dêste monumental armazém do saber era que todo aquele que lá penetrava, inevitàvelmente lá adormecia—por causa das poltronas, que, providas de finas pranchas móveis para sustentar o livro, o charuto, o lapis das notas, a taça de café, ofereciam ainda uma combinação oscilante e flácida de almofadas, onde o corpo encontrava logo, para mal do espírito, a doçura, a profundidade e a paz estirada de um leito.

Ao fundo, e como um altar-mor, era o gabinete de trabalho de Jacinto. A sua cadeira, grave e abacial, de couro, com brasões, datava do século XIV, e em tôrno dela pendiam numerosos tubos acústicos, que, sôbre os panejamentos de seda côr de musgo e côr de hera, pareciam serpentes adormecidas, e suspensas num velho muro de quinta. ¡Nunca recordo sem assombro a sua mesa, recoberta tôda de sagazes e subtis instrumentos para cortar papel, numerar páginas, colar estampilhas, aguçar lápis, ras-

par emendas, imprimir datas, derreter lacre, cintar documentos, carimbar contas! Uns de níquel, outros de aço, rebrilhantes e frios, todos eram de um manejo laborioso e lento; alguns, com as molas rígidas, as pontas vivas, trilhavam e feriam: e nas largas fôlhas de papel Whatman em que êle escrevia, e que custavam 500 réis, eu, por vezes, surpreendi gotas de sangue do meu amigo. Mas a todos êle considerava indispensáveis para compor as suas cartas (Jacinto não compunha obras) assim como os trinta e cinco dicionários, e os manuais. e as enciclopédias, e os guias, e os directórios, atulhando uma estante isolada, esguia, em forma de tôrre, que silenciosamente girava sôbre o seu pedestal, e que eu denominara «o Farol». O que, porém, mais completamente imprimia àquele gabinete um portentoso carácter de civilização eram, sôbre as suas peanhas de carvalho, os grandes aparelhos, facilitadores do pensamento: — a máquina de escrever, os auto-copistas, o telégrafo-Morse, o fonógrafo, o telefone, outros ainda, todos com metais luzidios, todos com longos fios. Constantemente sons curtos e secos retiniam no ar morno daquele santuário. ¡Tic, tic, tic! ¡Dlin, dlin, dlin! ¡Crac, crac, crac! ¡Trrre, trrre!... Era o meu amigo, comunicando. Todos êsses fios mergulhavam em fôrças universais, transmitiam fôrças universais. ¡E elas nem sempre, desgraçadamente, se conservavam domadas e

disciplinadas! Jacinto recolhera no fonógrafo a voz do conselheiro Pinto Pôrto, uma voz oracular e rotunda, no momento de exclamar com respeito, com autoridade :

— «*¡ Maravilhosa invenção ! ¿ Quem não admirará os progressos dêste século?*»

Pois, numa doce noite de S. João, o meu super-civilizado amigo, desejando que umas senhoras, parentas de Pinto Pôrto (as amáveis Gouveias) admirassem o fonógrafo, fèz romper do bocarrão do aparelho, que parece uma trompa, a conhecida voz rotunda e oracular :

— *¿Quem não admirará os progressos dêste século ?*

Mas, inábil ou brusco, certamente desconcertou alguma mola vital — porque, de-repente, o fonógrafo começa a redizer, sem descontinuação, interminàvelmente, com uma sonoridade cada vez mais rotunda, a sentença do conselheiro :

— *¿Quem não admirará os progressos dêste século ?*

Debalde Jacinto, pálido, com os dedos trémulos, torturava o aparelho. A exclamação recomeçava, rolava, oracular e majestosa:

— *¿Quem não admirará os progressos dêste século ?*

Enervados, retirámos para uma sala distante, pesadamente revestida de panos de Arrás. ¡Em vão ! A voz de Pinto Pôrto lá estava, entre os panos de Arrás, implacável e rotunda :

— *¿Quem não admirará os progressos dêste século?*

Furiosos, enterrámos uma almofada na bôca do fonógrafo, atirámos por cima mantas, cobertores espessos, para sufocar a voz abominável. ¡Em vão! sob a mordaça, sob as grossas lãs, a voz rouquejava, surda, mas oracular:

— *¿Quem não admirará os progressos dêste século?*

As amáveis Gouveias tinham abalado, apertando desesperadamente os chales sôbre a cabeça. Mesmo à cozinha, onde nos refugiámos, a voz descia, engasgada e gosmosa:

— *¿Quem não admirará os progressos dêste século?*

Fugimos espavoridos para a rua.

Era de madrugada. Um fresco bando de raparigas, de volta das fontes, passava cantando, com braçados de flôres:

Tôdas as ervas são bentas
Em manhã de S. João...

Jacinto, respirando o ar matinal, limpava as bagas lentas do suor. Recolhemos ao *Jasmineiro* com o sol já alto, já quente. Muito de manso abrimos as portas, como no receio de despertar *alguém*. ¡Horror! Logo da ante-câmara percebemos sons estrangulados, roufenhos: «*¡admirará . . . progressos ... século! . . .*» Só de tarde um electricista pôde emudecer aquele fonógrafo horrendo.

(Dos *Contos*).

XIII

O SUAVE MILAGRE

Nesse tempo Jesus ainda se não afastara da Galilea e das doces, luminosas margens do Lago de Tiberíade: — mas a nova dos seus Milagres penetrara já até Enganim, cidade rica, de muralhas fortes, entre olivais e vinhedos, no país de Issacar.

Uma tarde, um homem de olhos ardentes e deslumbrados passou no fresco vale, e anunciou que um novo Profeta, um Rabi formoso, percorria os campos e as aldeias da Galilea, predizendo a chegada do reino de Deus, curando todos os males humanos. E em-quanto descansava, sentado à beira da *Fonte dos Vergéis,* contou ainda que êsse Rabi, na estrada de Magdala, sarara da lepra o servo dum Decurião romano, só com estender sôbre êle a sombra das suas mãos; e que noutra manhã, atravessando numa barca para a terra dos Gerassénios, onde começava a colheita do bálsamo, ressuscitara a filha de Jaira, homem conside-

rável e douto, que comentava os Livros na Sinagoga. E como em redor, assombrados, seareiros, pastores, e as mulheres trigueiras com a bilha ao ombro, lhe preguntassem se êsse era, em verdade, o Messias da Judea, e se diante dêle refulgia a espada de fogo, e se o ladeavam, caminhando como as sombras de duas tôrres, as sombras de Gog e de Magog — o homem, sem mesmo beber daquela água tão fria de que bebera Josué, apanhou o cajado, sacudiu os cabelos, e meteu pensativamente por sob o Aqueduto, logo sumido na espessura das amendoeiras em flor. Mas uma esperança, deliciosa como o orvalho nos meses em que canta a cigarra, refrescou as almas simples: logo, por tôda a campina que verdeja até Ascalon, o arado pareceu mais brando de enterrar, mais leve de mover a pedra do lagar: as crianças, colhendo ramos de anémonas, espreitavam pelos caminhos, se além da esquina do muro, ou de sob o sicómoro, não surgiria uma claridade: e nos bancos de pedra, às portas da cidade, os velhos, correndo os dedos pelos fios das barbas, já não desenrolavam, com tão sapiente certeza, os ditames antigos.

Ora então vivia em Enganim um velho, por nome Obed, duma família pontifical de Samaria, que sacrificara nas aras do Monte Ebal, senhor de fartos rebanhos e de fartas vinhas — e com o coração tão cheio de orgulho como o seu celeiro de trigo. Mas um vento árido e abrasado, êsse vento de deso-

lação que ao mando do Senhor sopra das tôrvas terras de Assur, matara as rêzes mais gordas das suas manadas, e pelas encostas onde as suas vinhas se enroscavam ao olmo, e se estiravam na latada airosa, só deixara, em tôrno dos olmos e pilares despidos, sarmentos, cepas mirradas, e a parra roída de crespa ferrugem....

....Apenas ouvira falar dêsse novo Rabi da Galilea, que alimentava as multidões, amedrontava os demónios, emendava tôdas as desventuras — Obed, homem lido, que viajara na Fenícia, logo pensou que Jesus seria um dêsses feiticeiros, tão costumados na Palestina, como Apolónio, ou Rabi Ben-Dossa, ou Simão, o Subtil. Êsses, conversam com as estrêlas, para êles sempre claras e fáceis nos seus segredos: com uma vara afugentam de sôbre as searas os moscardos gerados nos lodos do Egito; e agarram entre os dedos as sombras das árvores, que conduzem, como toldos benéficos, para cima das eiras, à hora da sesta. Jesus da Galilea, mais novo, com magias mais viçosas de-certo, se êle largamente o pagasse, sustaria a mortandade dos seus gados, reverdeceria os seus vinhedos. Então Obed ordenou aos seus servos que partissem, procurassem por tôda a Galilea o Rabi novo, e com promessa de dinheiros ou alfaias o trouxessem a Enganim, no país de Issacar.

Os servos apertaram os cinturões de coiro — e largaram pela estrada das Caravanas, que, costeando o Lago, se estende até Damasco. Uma tarde, avistaram sôbre o poente, vermelho como uma romã muito madura, as neves finas do monte Hermon. Depois, na frescura duma manhã macia, o lago de Tiberíade resplandeceu diante dêles, transparente, coberto de silêncio, mais azul que o céu, todo orlado de prados floridos, de densos vergéis, de rochas de pórfiro, e de alvos terraços por entre os pomares, sob o voo das rôlas. Um pescador, que desamarrava preguiçosamente a sua barca duma ponta de relva, assombreada de aloendros, escutou, sorrindo, os servos.

— ¿O Rabi de Nazaré? ¡Oh! desde o mês de Ijar, o Rabi descera, com os seus discípulos, para os lados para onde o Jordão leva as águas.

Os servos, correndo, seguiam pelas margens do rio, até adiante do vau, onde êle se estira num largo remanso, e descansa, e um instante dorme, imóvel e verde, à sombra dos tamarindos. Um homem da tríbu dos Essénios, todo vestido de linho branco, apanhava lentamente ervas salutares, pela beira da água, com um cordeirinho branco ao colo. Os servos, humildemente, saüdaram-no, porque o povo ama aqueles homens de coração tão limpo, e claro, e càndido como as suas vestes, cada manhã lavadas em tanques purificados. ¿E sabia êle da pas-

sagem do novo Rabi da Galilea, que, como os Essénios, ensinava a doçura, e curava as gentes e os gados? O Essénio murmurou que o Rabi atravessara o Oásis de Engadi, depois se adiantara para além...

— ¿Mas onde, «além?»

Movendo um ramo de flôres roxas que colhera, o Essénio mostrou as terras de Além-Jordão, a planície de Moab. Os servos vadearam o rio — e debalde procuraram Jesus, arquejando pelos rudes trilhos, até as fragas onde se ergue a cidadela sinistra de Macaur... No Povo de Iacob repousava uma larga caravana, que conduzia para o Egito mirra, especiarias e bálsamos de Gilead: e os cameleiros, tirando a água com os baldes de coiro, contaram aos servos de Obed que em Gadara, pela lua nova, um Rabi maravilhoso, maior que David ou Isaías, arrancara sete demónios do peito duma tecedeira, e que, à sua voz, um homem, degolado pelo salteador Barrabás, se erguera da sua sepultura e recolhera ao seu horto. Os servos, esperançados, subiram logo açodadamente pelo caminho dos Peregrinos até Gadara, cidade de altas tôrres; e ainda mais longe até às Nascentes da Amalha... Mas Jesus, nessa madrugada, seguido por um povo que cantava e sacudia ramos de mimosa, embarcara no Lago, num batel de pesca, e à vela navegara para Magdala. E os servos de Obed, descoroçoados, de novo passaram o Jordão, na Ponte das Filhas de

Jacob. Um dia, já com as sandálias rôtas dos longos caminhos, pisando já as terras da Judea Romana, cruzaram um Fariseu sombrio, que recolhia a Efraim, montado na sua mula....

....¿Encontrara êle por acaso êsse Profeta novo da Galilea, que, como um Deus passeando na terra, semeava milagres? A adunca face do Fariseu escureceu enrugada — e a sua cólera retumbou como um tambor orgulhoso:

—¡Oh escravos pagãos! ¡Oh blasfemos! ¿Onde ouvistes que existissem profetas ou milagres fora de Jerusalém! Só Jehová tem fôrça no seu Templo. De Galilea surdem os néscios e os impostores...

E como os servos recuavam ante o seu punho erguido, todo enrodilhado de dísticos sagrados — o furioso Doutor saltou da mula; e, com as pedras da estrada, apedrejou os servos de Obed, uivando: *¡Racca! ¡Racca!* e todos os anátemas rituais. Os servos fugiram para Enganim. E grande foi a desconsolação de Obed, porque os seus gados morriam, as suas vinhas secavam....

....Por êsse tempo, um Centurião Romano, Públius Séptimus, comandava o forte que domina o vale de Cesarea, até à cidade e ao mar. Públius, homem áspero, veterano da campanha de Tibério contra os Partas, enriquecera durante a revolta de Samaria, com presas e saques; possuia minas na

Ática, e gozava, como favor supremo dos Deuses, a amizade de Flaccus, Legado Imperial da Síria. Mas uma dor roía a sua prosperidade muito poderosa, como um verme rói um fruto muito suculento. Sua filha única, para êle mais amada que vida e bens, definhava com um mal subtil e lento....

....Branca e triste como a lua num cemitério, sem um queixume, sorrindo pàlidamente a seu pai, definhava, sentada na alta esplanada do forte, sob um velário, alongando saüdosamente os negros olhos tristes pelo azul do mar de Tiro, por onde ela navegara de Itália, numa opulenta galera. Ao seu lado, por vezes, um legionário, entre as ameias, apontava vagarosamente ao alto a flecha, e varava uma grande águia, voando (1) de asa serena, no céu rutilante. A filha de Séptimus, seguia um momento a ave, torneando (2) até bater morta sôbre as rochas: — depois, com um suspiro, mais triste e mais pálida, recomeçava a olhar para o mar.

Então Séptimus, ouvindo contar, a mercadores de Chorazin, dêste Rabi admirável, tão potente sôbre os Espíritos que sarava os males tenebrosos da alma, destacou três decúrias de soldados para que o procurassem pela Galilea, e por tôdas as cidades da Decápola, até à costa e até Ascalon. Os sol-

(1) = que voava.
(2) = vendo-a tornear.

dados enfiaram os escudos nos sacos de lona, espetaram nos elmos ramos de oliveira — e as suas sandálias ferradas apressadamente se afastaram, ressoando sôbre as lajes de basalto da estrada romana, que desde Cesarea até ao Lago corta tôda a Tetrarquia de Herodes. As suas armas, de noite, brilhavam no tôpo das colinas, por entre a chama ondeante dos archotes erguidos. De dia invadiam os casais, rebuscavam a espessura dos pomares, esfuracavam com a ponta das lanças a palha das medas; e as mulheres, assustadas, para os amansar, logo acudiam com bolos de mel, figos novos, e malgas cheias de vinho, que êles bebiam dum trago, sentados à sombra dos sicómoros.

Assim correram a baixa Galilea — e, do Rabi, só encontraram o sulco luminoso nos corações. Enfastiados com as inúteis marchas, desconfiando que os Judeus sonegassem o seu feiticeiro para que Romanos não aproveitassem do superior feitiço, derramavam com tumulto a sua cólera, através da piedosa terra submissa. À entrada das pontes detinham os peregrinos, gritando o nome do Rabi, rasgando os véus às virgens: e, à hora em que os cântaros se enchem nas cisternas, invadiam as ruas estreitas dos burgos, penetravam nas Sinagogas, e batiam sacrìlegamente com os punhos das espadas nas *Thebahs*, os Santos Armários de cedro que continham os Livros Sagrados.

Nas cercanías de Hebron arrastaram os Solitários, pelas barbas, para fora das grutas, para lhes arrancar o nome do deserto ou do palmar em que se ocultava o Rabi....

.... Já a gente dos campos, mesmo os bravos pastores de Idumea, que levam as rêzes brancas para o Templo, fugiam espavoridos para as serranias, apenas luziam, nalguma volta do caminho, as armas do bando violento. E, da beira dos cirados, as velhas sacudiam como taleigos a ponta dos cabelos desgrenhados, e arrojavam sôbre êles as Más Sortes, invocando a vingança de Elias. Assim, tumultuosamente erraram até Ascalon: não encontraram Jesus: e retrocederam ao longo da costa, enterrando as sandálias nas areias ardentes.

Uma madrugada, perto de Cesarea, marchando num vale, avistaram sôbre um outeiro um verde-negro bosque de loureiros, onde alvejava, recolhidamente, o fino e claro pórtico dum templo. Um velho de compridas barbas brancas, coroado de fôlhas de louro, vestido com uma túnica côr de açafrão, segurando uma curta lira de três cordas, esperava gravemente, sôbre os degraus de mármore, a aparição do sol. Debaixo, agitando um ramo de oliveira, os soldados bradaram pelo Sacerdote. ¿ Conhecia êle um novo Profeta, que surgira na Galilea, e tão destro em milagres que resuscitava os mortos e mudava a água em vinho ? Serenamente, alargando os braços, o serêno velho

exclamou por sôbre a rociada verdura do vale:

— ¡Oh romanos! ¿Pois acreditais que em Galilea ou em Judea apareçam profetas consumando milagres? ¿Como pode um bárbaro alterar a ordem instituída por Zeus?... Mágicos e feiticeiros são vendilhões, que murmuram palavras ôcas, para arrebatar a espórtula dos simples... Sem a permissão dos imortais nem um galho sêco pode ser sacudido na árvore. Não há profetas, não há milagres... ¡Só Apolo Délfico conhece o segrêdo das coisas!

Então, devagar, com a cabeça derrubada, como numa tarde de derrota, os soldados recolheram à fortaleza de Cesarea. E grande foi o desespèro de Séptimus, porque sua filha morria sem um queixume, olhando o o mar de Tiro — e todavia a fama de Jesus, curador dos lânguidos males, crescia sempre mais consoladora e fresca, como a aragem da tarde que sopra do Hermon e, através dos hortos, reanima e levanta as açucenas pendidas.

Ora entre Enganim e Cesarea, num casebre desgarrado, sumido na prega dum cêrro, vivia a êsse tempo uma viúva, mais desgraçada mulher que tôdas as mulheres de Israel. O seu filhinho único, todo aleijado, passara do magro peito a que ela o criara para os farrapos da enxêrga apodrecida, onde jazera, sete anos passados, mirrando e gemen-

do. Também a ela a doença a engelhara dentro dos trapos nunca mudados, mais escura e torcida que uma cepa arrancada. E sôbre ambos, espessamente, a miséria cresceu como o bolor sôbre cacos perdidos num êrmo. Até na lâmpada de barro vermelho, secara há muito o azeite. Dentro da arca pintada não restava grão ou côdea. No estio, sem pasto, a cabra morrera. Depois, no quinteiro, secara a figueira. Tão longe do povoado, nunca esmola de pão ou mel entrara o portal. ¡E só ervas apanhadas nas fendas das rochas, cozidas sem sal, nutriam aquelas criaturas de Deus na Terra Escolhida, onde até às aves maléficas sobrava o sustento!

Um dia um mendigo entrou no casebre, repartiu do seu farnel com a mãe amargurada; e, um momento sentado na pedra da lareira, coçando as feridas das pernas, contou dessa grande esperança dos tristes, êsse Rabi que aparecera na Galilea, e de um pão no mesmo cesto fazia sete, e amava tôdas as criancinhas, e enxugava todos os prantos, e prometia aos pobres um grande e luminoso Reino, de abundância maior que a Côrte de Salomão. A mulher escutava, com olhos famintos. ¿E êsse doce Rabi, esperança dos tristes, onde se encontrava? O mendigo suspirou. ¡Ah, êsse doce Rabi! ¡quantos o desejavam, que desesperançavam! A sua fama andava por sôbre tôda a Judea, como o sol, que até por qualquer velho muro se estende e se goza; mas para enxergar a claridade

do seu rôsto, só aqueles ditosos que o seu desejo escolhia. Obed, tão rico, mandara os seus servos por tôda a Galilea, para que procurassem Jesus, o chamassem com promessas a Enganim; Séptimus, tão soberano, destacara os seus soldados até à costa do mar, para que buscassem Jesus, o conduzissem, por seu mando, a Cesarea. Errando, esmolando por tantas estradas, êle topara os servos de Obed, depois os legionários de Séptimus. E todos voltavam como derrotados, com as sandálias rôtas, sem ter descoberto em que mata ou cidade, em que toca ou palácio, se escondia Jesus.

A tarde caía. O mendigo apanhou o seu bordão, desceu pelo duro trilho, entre a urze e a rocha. A mãe retomou o seu canto, mais vergada, mais abandonada. E então o filhinho, num murmúrio mais débil que o roçar duma asa, pediu à mãe que lhe trouxesse êsse Rabi, que amava as criancinhas, ainda as mais pobres, sarava os males, ainda os mais antigos. A mãe apertou a cabeça esguedelhada:

— ¡Oh filho! ¿e como queres que te deixe, e me meta aos caminhos, à procura do Rabi da Galilea? Obed é rico e tem servos, e debalde buscaram Jesus, por areais e colinas, desde Chorazin até ao país de Moab. ¡Séptimus é forte, e tem soldados, e debalde correram por Jesus, desde o Hebron até ao mar! ¿Como queres que te deixe? Jesus anda por muito longe e a nossa dor mora con-

nosco, dentro destas paredes, e dentro delas nos prende. E, mesmo que o encontrasse, ¿como convenceria eu o Rabi tão desejado, por quem ricos e pobres suspiram, a que descesse através das cidades até êste êrmo, para sarar um entrevadinho tão pobre sôbre enxerga tão rôta?

A criança, com duas longas lágrimas na face magrinha, murmurou:

— ¡Oh mãe! Jesus ama todos os pequeninos. ¡E eu ainda tão pequeno, e com um mal tão pesado, e que tanto queria sarar!

E a mãe, em soluços:

— Oh meu filho, ¿como te posso deixar? Longas são as estradas da Galilea, e curta a piedade dos homens. Tão rôta, tão trôpega, tão triste, até os cães me ladrariam da porta dos casais. Ninguém atenderia o meu recado, e me apontaria a morada do doce Rabi. ¡Oh filho! talvez Jesus morresse... Nem mesmo os ricos e os fortes o encontram. O céu o trouxe, o céu o levou. E com êle para sempre morreu a esperança dos tristes.

De entre os negros trapos, erguendo as suas pobres mãozinhas que tremiam, a criança murmurou:

— Mãe, eu queria ver Jesus...

E logo, abrindo devagar a porta e sorrindo, Jesus disse à criança:

— Aqui estou.

(Dos *Contos.*)

XIV

REGRESSO A PORTUGAL

Depois, muito tarde e muito longe, percebi junto do meu catre, na claridadezinha da manhã, coada pelas cortinas verdes (1) uma fardeta, um boné, que murmuravam baixinho, com imensa doçura:

— ¿V. exc.as não teem nada a declarar?... ¿Não há malinhas de mão?...

¡Era a minha terra! Murmurei baixinho, com imensa ternura:

— Não temos aqui nada... Pregunte v. exc.a pelo Grilo... Aí atrás, num compartimento... Êle tem as chaves, tem tudo... É o Grilo...

A fardeta desapareceu, sem rumor, como sombra benéfica. E eu readormeci, com o pensamento em Guiães, onde a tia Vicência,

---

(1) São as cortinas da carroagem de caminho de ferro em que Zé Fernandes, narrador dêstes episódios, vinha a dormir, quando o combóio chegou à fronteira e o guarda-fiscal português o acordou, no cumprimento do seu serviço.

atarefada, de lenço branco cruzado no peito, de-certo já preparava o leitão.

Acordei envolto num largo e doce silêncio. Era uma Estação muito sossegada, muito varrida, com rosinhas brancas trepando pelas paredes — e outras rosas em moitas, num jardim, onde um tanquezinho abafado de limos dormia sob duas mimosas em flor, que rescendiam. Um moço pálido, de paletó côr de mel, vergando a bengalinha contra o chão, contemplava pensativamente o combóio. Agachada rente à grade da horta, uma velha, diante da sua cesta de ovos, contava moedas de cobre no regaço. Sôbre o telhado secavam abóboras. Por cima rebrilhava o profundo, rico e macio azul, de que meus olhos andavam aguados.

Sacudi violentamente Jacinto:

— ¡ Acorda, homem, que estás na tua terra!

Êle desembrulhou os pés do meu paletó, cofiou o bigode, e veio sem pressa, à vidraça que eu abrira, conhecer a sua terra.

— Então ¿ é Portugal, hein?... Cheira bem.

— ¡Está claro que cheira bem, animal!

A sineta tilintou lânguidamente. E o combóio deslisou, com descanso, como se passeasse para seu regalo sôbre as duas fitas de aço, assobiando e gozando a beleza da terra e do céu....

....Rolávamos na vertente duma serra, sôbre penhascos que desabavam até largos so-

calcos, cultivados de vinhedo. Em baixo, numa esplanada, branquejava uma casa nobre, de opulento repouso, com a capelinha muito caiada entre um laranjal maduro. Pelo rio, onde a água turva e tarda nem se quebrava contra as rochas, descia, com a vela cheia, um barco lento carregado de pipas. Para além, outros socalcos dum verde pálido de reseda, com oliveiras apoucadas pela amplidão dos montes, subiam até outras penedias que se embebiam, tôdas brancas e assoalhadas, na fina abundância do azul. Jacinto acariciava os pelos corredios do bigode:

— ¿O Douro, hein?... É interessante, tem grandeza. ¡Mas agora é que estou com uma fome, Zé Fernandes!

— ¡Também eu!....

....Guardei o meu velho *Jornal do Comércio* dentro do bôlso do paletó, que deitei sôbre o braço; — e ambos em pé, às janelas, esperámos com alvorôço a pequenina Estação de Tormes, têrmo ditoso das nossas provações. Ela apareceu em-fim, clara e simples, à beira do rio, entre rochas, com os seus vistosos girassóis enchendo um jardinzinho breve, as duas altas figueiras assombreando o pátio, e por trás a serra, coberta de velho e denso arvoredo... Logo na plataforma avistei com gôsto a imensa barriga, as bochechas menineiras do chefe da Estação, o louro Pimenta, meu condiscípulo em Retórica, no Liceu de Braga. Os cavalos de-certo esperavam, à sombra, sob as figueiras.

Mal o trem parou, ambos saltámos alegremente. A bojuda massa do Pimenta rebolou para mim, com amizade:

—¡Viva o amigo Zé Fernandes!

—¡Oh belo Pimentão!....

....E não tardaram a aparecer no côrrego, para nos levarem a Tormes, uma égua ruça, um jumento com albarda, um rapaz e um podengo. Apertámos a mão suada e amiga do Pimentinha. Eu cedi a égua ao senhor de Tormes. ¡E começámos a trepar o caminho, que não se alisara, nem se desbravara, desde os tempos em que o trilhavam, com rudes sapatões ferrados, cortando de rio a monte, os Jacintos do século XIV! Logo depois de atravessarmos uma trémula ponte de pau, sôbre um riacho quebrado por pedregulhos, o meu Príncipe, com o ôlho de dono sùbitamente aguçado, notou a robustez e a fartura das oliveiras...—¡E em breve os nossos males esqueceram, ante a incomparável beleza daquela serra bem-dita!

¡Com que brilho e inspiração copiosa a compusera o divino Artista que faz as serras, e que tanto as cuidou, e tão ricamente as dotou, neste seu Portugal bem-amado! A grandeza igualava a graça. Para os vales, poderosamente cavados, desciam bandos de arvoredos, tão copados e redondos, dum verde tão moço, que eram como um musgo macio onde apetecia cair e rolar.

Dos pendores, sobranceiros ao carreiro fragoso, largas ramarias estendiam o seu tôldo amável, a que o esvoaçar leve dos pássaros sacudia a fragrância. Através dos muros seculares, que susteem as terras liados pelas heras, rompiam grossas raízes coleantes, a que mais hera se enroscava. Em todo o torrão, de cada fenda, brotavam flôres silvestres. Brancas rochas, pelas encostas, alastravam a sólida nudez do seu ventre polido pelo vento e pelo sol: outras, vestidas de líquen e de silvados floridos, avançavam como proas de galeras enfeitadas: e, de entre as que se apinhavam nos cimos, algum casebre que para lá galgara, todo amachucado e torto, espreitava pelos postigos negros, sob as desgrenhadas farripas de verdura, que o vento lhe semeara nas telhas. Por tôda a parte a água sussurrante, a água fecundante... Espertos regatinhos fugiam, rindo com os seixos, de entre as patas da égua e do burro; grossos ribeiros açodados saltavam com fragor de pedra em pedra; fios direitos e luzidios como cordas de prata vibravam e faïscavam, das alturas aos barrancos; e muita fonte, posta à beira de veredas, jorrava por uma bica, benèficamente, à espera dos homens e dos gados... Todo um cabeço, por vezes, era uma seara, onde um vasto carvalho ancestral, solitário, dominava como seu senhor e seu guarda. Em socalcos verdejavam laranjais rescendentes. Camihnos de lajes sôltas circundavam far-

tos prados com carneiros e vacas retouçando: — ou, mais estreitos, entalados em muros, penetravam sob ramadas de parra espêssa, numa penumbra de repouso e frescura. Trepávamos então alguma ruazinha de aldeia, dez ou doze casebres, sumidos entre figueiras, onde se esgaçava, fugindo do lar pela telha vã, o fumo branco e cheiroso das pinhas. Nos centros remotos, por cima da negrura pensativa dos pinheirais, branquejavam ermidas. O ar fino e puro entrava na alma, e na alma espalhava alegria e fôrça. Um esparso tilintar de chocalhos, de guizos, morria pelas quebradas...

Jacinto, adiante, na sua égua ruça, murmurava:

— ¡Que beleza!

E eu, atrás, no burro de Sancho, murmurava:

— ¡Que beleza!

Frescos ramos roçavam os nossos ombros, com familiaridade e carinho. Por trás das sebes, carregadas de amoras, as macieiras estendidas ofereciam as suas maçãs verdes, porque as não tinham maduras. Todos os vidros duma casa velha, com a sua cruz no tôpo, refulgiram hospitaleiramente quando nós passámos. Muito tempo um melro nos seguiu, de azinheiro a olmo, assobiando os nossos louvores. ¡Obrigado, irmão melro! ¡Ramos de macieira, obrigado! ¡Aqui vimos, aqui vimos! ¡E sempre contigo fiquemos, serra tão acolhedora, serra

de fartura e de paz, serra bem-dita entre as serras!

Assim, vagarosamente, e maravilhados, chegámos àquela avenida de faias, que sempre me encantara pela sua fidalga gravidade. Atirando uma vergastada ao burro e à égua, o nosso rapaz, com o seu podengo sôbre os calcanhares, gritou: — «¡Aqui é que estêmos, meus amos!» E ao fundo das faias, com efeito, aparecia o portão da quinta de Tormes, com o seu brasão de armas, de secular granito, que o musgo retocava e mais envelhecia. Dentro, já os cães ladravam com furor. E quando Jacinto, na sua suada égua, e eu atrás, no burro de Sancho, transpusemos o limiar solarengo, desceu para nós, do alto do alpendre, pela escadaria de pedra gasta, um homem nédio, rapado como um padre, sem colete, sem jaleca, acalmando os cães, que se encarniçavam contra o meu Príncipe. Era o Melchior, o caseiro....

*

* *

....Saímos ao terreiro, retalho de horta fechado por grossas rochas encabeladas de verdura, entestando com os socalcos da serra, onde lourejava o centeio. O meu Príncipe bebeu da água nevada e luzidia da fonte, regaladamente, com os beiços na bica; apeteceu a alface rechonchuda e crespa; e atirou pulos aos ramos altos de uma copada cere-

jeira, tôda carregada de cereja. Depois, costeando o velho lagar, a que um bando de pombas branqueava o telhado, deslisámos até ao carreiro, cortado no costado do monte. E andando, pensativamente, o meu Príncipe pasmava para os milharais, para os vetustos carvalhos plantados por vetustos Jacintos, para os casebres espalhados sôbre os cabeços, à orla negra dos pinheirais.

De novo penetrámos na avenida de faias e transpusemos o portão senhorial entre o latir dos cães, mais mansos, farejando um dono. Jacinto reconheceu «certa nobreza» na frontaria do seu lar. Mas sobretudo lhe agradava a longa alameda, assim direita e larga, como traçada para nela se desenrolar uma cavalgada de Senhores, com plumas e pagens. Depois, de cima da varanda, reparando na telha nova da capela, louvou o Silvério, «êsse ralaço», por cuidar ao menos da morada do Bom-Deus.

— E esta varanda também é agradável — murmurou êle, mergulhando a face no aroma dos cravos. — Precisa grandes poltronas, grandes divans de vêrga...

Dentro, na «nossa sala», ambos nos sentámos nos poiais da janela, contemplando o doce sossêgo crepuscular, que lentamente se estabelecia sôbre vale e monte. No alto tremeluzia uma estrelinha, a Vénus diamantina, lânguida anunciadora da noite e dos seus contentamentos. Jacinto nunca considerara demoradamente aquela estrêla, de amorosa

refulgência, que perpetua no nosso Céu católico a memória da Deusa incomparável: — nem assistira jàmais, com a alma atenta, ao majestoso adormecer da Natureza. E êste enegrecimento dos montes que se embuçam em sombra; os arvoredos emudecendo, cansados de sussurrar; o rebrilho dos casais mansamente apagado; o cobertor de névoa, sob que se acama e agasalha a frialdade dos vales; um toque sonolento de sino que rola pelas quebradas; o segredado cochichar das águas e das relvas escuras — eram para êle como iniciações. Daquela janela, aberta sôbre as serras, entrevia uma outra vida, que não anda sòmente cheia do Homem e do tumulto da sua obra. E senti o meu amigo suspirar, como quem, em-fim, descansa.

Dêste enlêvo nos arrancou o Melchior, com o doce aviso do «jantarinho de Suas Incelências».

Na mesa, encostada ao muro denegrido, sulcado pelo fumo das candeias, sôbre uma toalha de estôpa, duas velas de sebo em castiçais de lata alumiavam grossos pratos de louça amarela, ladeados por colheres de estanho e por garfos de ferro. Os copos, de um vidro espêsso, conservavam a sombra roxa do vinho que nêles passara, em fartos anos de fartas vindimas. A malga de barro, atestada de azeitonas pretas, contentaria Diógenes. Espetado na côdea dum imenso pão, reluzia um imenso facalhão. E na cadeira senhorial reservada ao meu Príncipe, derradeira

alfaia dos velhos Jacintos, de hirto espaldar de couro, com a madeira roída de caruncho, a clina fugia em melenas, pelos rasgões do assento poído.

Uma formidável môça, de enormes peitos que lhe tremiam dentro das ramagens do lenço cruzado, ainda suada e esbraseada do calor da lareira, entrou, esmagando o soalho, com uma terrina a fumegar. E o Melchior, que seguia, erguendo a infusa do vinho, esperava que Suas Incelências lhe perdoassem, porque faltara tempo para o caldinho apurar... Jacinto ocupou a sede ancestral — e, durante momentos (de esgazeada ansiedade para o caseiro excelente) esfregou enèrgicamente, com a ponta da toalha, o garfo negro, a fusca colher de estanho. Depois, desconfiado, provou o caldo, que era de galinha e rescendia. Provou — e levantou para mim, seu camarada de misérias, uns olhos que brilharam, surpreendidos. Tornou a sorver uma colherada mais cheia, mais considerada. E sorriu, com espanto: — «¡Está bom!...»

Estava precioso: tinha fígado e tinha moela: o seu perfume enternecia: três vezes, fervorosamente, ataquei aquele caldo.

— ¡Também lá volto! — exclamava Jacinto, com uma convicção imensa. — É que estou com uma fome... ¡Santo Deus! Há anos que não sinto esta fome.

Foi êle que rapou avaramente a sopeira. E já espreitava a porta, esperando a portadora dos pitéus, a rija môça de peitos tre-

mentes, que em-fim surgiu, mais esbraseada, abalando o sobrado — e pousou sôbre a mesa uma travessa a trasbordar de arroz com favas. ¡Que desconsôlo! ¡Jacinto, em Paris, sempre abominara favas!... Tentou todavia uma garfada tímida — e de novo aqueles seus olhos, que o pèssimismo enevoara, luziram, procurando os meus. Outra larga garfada, concentrada, com uma lentidão de frade que se regala. Depois um brado :

— ¡ Ótimo !... ¡ Ah, destas favas, sim! ¡Oh que fava! ¡Que delícia!

E por esta santa gula louvava a serra; a arte perfeita das mulheres palreiras que em baixo remexiam as panelas; o Melchior, que presidia ao bródio...

—¡Dêste arroz com fava nem em Paris, Melchior amigo!

O homem ótimo sorria, inteiramente desanuviado :

—¡Pois é cá a comidinha dos moços da quinta ! E cada pratada, que até Suas Incelências se riam... ¡Mas agora, aqui, o Snr. D. Jacinto, também vai engordar e enrijar !

O bom caseiro sinceramente cria que, perdido nesses remotos Parises, o Senhor de Tormes, longe da fartura de Tormes, padecia fome e mingava... E o meu Príncipe, na verdade, parecia saciar uma velhíssima fome e uma longa saüdade da abundância, rompendo assim, a cada travessa, em louvores mais copiosos. Diante do louro frango assado no espêto, e da salada que êle apetecera na

horta, agora temperada com um azeite da serra, digno dos lábios de Platão, terminou por bradar: — «¡É divino!». Mas nada o entusiasmava como o vinho de Tormes, caindo de alto, da bojuda infusa verde — um vinho fresco, esperto, seivoso, e tendo mais alma, entrando mais na alma, que muito poema ou livro santo. Mirando, à vela de sebo, o copo grosso que êle orlava de leve espuma rósea, o meu Príncipe, com um resplendor de òtimismo na face, citou Vergílio:

— *Quo te carmina dicam, Rethica?* ¿Quem dignamente te cantará, vinho amável destas serras?

Eu, que não gosto que me avantagem em saber clássico, espanejei logo também o meu Vergílio, louvando as doçuras da vida rural:

—*Hanc olim veteres vitam coluere Sabini...* Assim viveram os velhos Sabinos. Assim Rómulo e Remo... Assim cresceu a valente Etrúria. ¡Assim Roma se tornou a maravilha do mundo!

E imóvel, com a mão agarrada à infusa, o Melchior arregalava para nós os olhos, em infinito assombro e religiosa reverência.

¡Ah! Jantámos deliciosìssimamente, sob os auspícios do Melchior — que ainda depois, próvido e tutelar, nos forneceu o tabaco. E, como ante nós se alongava uma noite de monte, voltámos para as janelas desvidraçadas, na sala imensa, a contemplar o suntuoso céu de verão. Filosofámos então, com pachorra e facúndia.

Na Cidade (como notou Jacinto) nunca se olham, nem lembram os astros — por causa dos candieiros de gás e dos globos de electricidade que os ofuscam. Por isso (como eu notei) nunca se entra nessa comunhão com o Universo, que é a única glória e a única consolação da Vida. Mas na serra, sem prédios disformes de seis andares, sem a fumaraça que tapa Deus, sem os cuidados que, como pedaços de chumbo, puxam a alma para o pó rasteiro — um Jacinto, um Zé Fernandes, livres, bem jantados, fumando nos poiais duma janela, olham para os astros e os astros olham para êles. Uns, certamente, com olhos de sublime imobilidade ou de sublime indiferença. Mas outros curiosamente, ansiosamente, com uma luz que acena, uma luz que chama, como se tentassem, de tão longe, revelar os seus segredos, ou de tão longe compreender os nossos...

— Oh Jacinto, ¿ que estrêla é esta, aqui tão viva, sôbre o beiral do telhado?

— Não sei... ¿ E aquela, Zé Fernandes, além, por cima do pinheiral?

— Não sei.

Não sabíamos. Eu, por causa da espêssa crosta de ignorância com que saí do ventre de Coimbra, minha Mãe espiritual. Êle, porque na sua Biblioteca possuía trezentos e oito tratados sôbre astronomia, e o saber, assim acumulado, forma um monte que nunca se transpõe nem se desbasta. Mas ¿ que nos importava que aquele astro além se cha-

masse Sírio e aquele outro Aldebaran? ¿Que lhes importava a êles que um de nós fôsse Jacinto, outro Zé? Êles tão imensos, nós tão pequeninos, somos a obra da mesma Vontade. E todos, Uranos ou Lorenas de Noronha e Sande, constituímos modos diversos dum Ser único, e as nossas diversidades esparsas somam na mesma compacta Unidade. Moléculas do mesmo Todo, governadas pela mesma Lei, rolando para o mesmo Fim... Do astro ao homem, do homem à flor do trevo, da flor do trevo ao mar sonoro — tudo é o mesmo Corpo, onde circula, como um sangue, o mesmo Deus. E nenhum frémito de vida, por menor, passa numa fibra dêsse sublime Corpo, que se não repercuta em tôdas, até às mais humildes, até às que parecem inertes e invitais. Quando um Sol que não avisto, nunca avistarei, morre de inanição nas profundidades, êsse esguio galho de limoeiro, em baixo, na horta, sente um secreto arrepio de morte: — e, quando eu bato uma patada no soalho de Tormes, além o monstruoso Saturno estremece, ¡ e êsse estremecimento percorre o inteiro Universo! Jacinto abateu rijamente a mão no rebordo da janela. Eu gritei:

— ¡Acredita!... O sol tremeu.

E depois (como eu notei) devíamos considerar que, sôbre cada um dêsses grãos de pó luminoso, existia uma criação, que incessantemente nasce, perece, renasce. Neste instante, outros Jacintos, outros Zés Fernandes,

sentados às janelas doutras Tormes, contemplam o céu nocturno, e nêle um pequenininho ponto de luz, que é a nossa possante Terra, por nós tanto sublimada. Não terão todos esta nossa forma, bem frágil, bem confortável, e (a não ser no Apolo do Vaticano, na Vénus de Milo e talvez na Princesa de Carman) singularmente feia e burlesca. Mas, horrendos ou de inefável beleza; colossais e duma carne mais dura que o granito, ou leves como gazes e ondulando na luz, todos êles são seres pensantes e teem consciência da Vida — porque de-certo cada Mundo possui o seu Descartes, ou já o nosso Descartes os percorreu a todos com o seu Método, a sua escura capa, a sua agudeza elegante, formulando a única certeza talvez certa, o grande *Penso, logo existo.* Portanto todos nós, Habitantes dos Mundos, às janelas dos nossos casarões, além nos Saturnos, ou aqui na nossa Terrícula, constantemente perfazemos um acto sacrossanto, que nos penetra e nos funde — que é sentirmos no Pensamento o núcleo comum das nossas modalidades, e portanto realizarmos um momento, dentro da Consciência, a Unidade do Universo! — ¿ Hein, Jacinto?

O meu amigo rosnou:

— Talvez... Estou a cair com sono.

— Também eu.

(De *A Cidade e as Serras,* 7.ª ed., pág. 176 e ss.)

XV

ADÃO E EVA NO PARAÍSO

E' o mar. Nosso Pai transpõe as pálidas dunas — ¡e diante dêle está o Mar! Então foi o pavor supremo. Com um pulo, batendo convulsamente os punhos no peito, recua até onde três pinheiros, mortos e sem rama, lhe oferecem o refúgio hereditário. ¿Porque avançam assim para êle, sem cessar, numa inchada ameaça, aqueles rolos verdes, com a sua clina de espuma, e se atiram, se esmigalham, refervem, babujam rudemente a areia? Mas tôda a outra vasta água permanece imóvel, como morta, como uma grande mancha de sangue que lateja. Todo êsse sangue caiu, de-certo, da ferida do sol, redonda e vermelha, sangrando em cima, num céu dilacerado por fundos golpes já rôxos. Para além da névoa leitosa que cobre as lagoas, dos charcos salgados, onde a maresia ainda chega e se espraia muito longe, um monte flameja e fumega. E sempre diante de Adão, contra Adão, os verdes rolos da verde vaga avançam, e ribombam, e alastram a

praia de algas, de conchas, de gelatinas que alvejam lìvidamente.

¡Mas eis que todo o mar se povoa! E, encolhido contra o pinheiro, nosso Pai venerável dardeja os olhos inquietos e trémulos, para aqui, para além — para os rochedos cobertos de sargaço, onde gordíssimas focas rebolam majestosamente; para os repuxos de água, que ao largo esguicham até às nuvens roxas e recaem numa chuva radiante; para uma linda armada de búzios, imensos búzios alvos e nacarados, vogando à bolina, circundando as penedias, com manobra elegante... Adão pasma, sem saber que estas são as Amonites, e que nenhum outro homem, depois dêle, verá a luzida e rósea armada, singrando nos mares dêste mundo. Ainda êle a admira, talvez com a impressão inicial da beleza das cousas, quando bruscamente, num tremor de sulcos brancos, ¡tôda a maravilhosa frota sossobra! Com o mesmo salto mole, as focas tombam, trambolham na vaga funda. E um terror passa, um terror levantado do mar — tão intenso, que um bando de albatrozes, muito seguro sôbre uma escarpa, bate, com azoados gritos, o voo espavorido.

Nosso Pai venerável aferra a mão a um galho de pinheiro, sondando, num arrepio, a imensidão deserta. Então, ao longe, sob o clarão enfiado do sol que se esconde, um dorso imenso sai, lentamente, das águas, como uma comprida colina, tôda espetada de ne-

gras, agudas lascas de rocha. ¡E avança! Adiante, um tumulto de bolhas redemoinha e rebenta; e de entre elas emerge, por fim, resfolegando cavamente, uma tromba disforme, de fauces entreabertas, onde lampejam e se somem cardumes de peixes que os seus sorvos veem tragando...

¡É um monstro, um pavoroso monstro marinho! E bem podemos supor que nosso Pai, esquecendo tôda a sua dignidade humana (ainda recente), trepou desesperadamente ao pinheiro, até onde os galhos findavam. Mas, mesmo nesse abrigo, os seus poderosos queixos batiam, num mêdo convulso, ante o horrífico ser surgido das profundidades. Com um baque raspante, esmigalhando conchas, seixos e galhos de coral, o monstro esbarra na areia, que fundamente escava e sôbre que retesa as duas patas, mais grossas que troncos de teca, com as unhas tôdas enrodilhadas de silvas marinhas. Da caverna das suas fauces, através dos dentes terríficos, que os limos e musgos esverdeiam, sopra um bafo espêsso de fadiga ou de furor, tão forte que faz rodopiar as algas sêcas e os búzios ligeiros. Entre as crostas pedregosas, que lhe couraçam a fronte, negrejam dois cornos curtos e rombos. Os seus olhos, lívidos e vítreos, são como duas enormes luas mortas. A imensa cauda dentada arrasta pelo mar distante; e a cada rabeio lento levanta uma tempestade.

Por estas feições, pouco amáveis, já reco-

nhecestes o Ictiossáurio, o mais horrendo dos cetáceos concebidos por Jehová. ¡ Era êle! — talvez o derradeiro, que durara nas trevas oceânicas até êste dia memorável de 28 de Outubro, para que nosso Pai entrevisse as origens da Vida. E agora está em frente de Adão, ligando os tempos velhos aos tempos novos — e, com as escamas do dorso assanhadas, muge devastadoramente. Nosso Pai venerável, enroscado ao tronco alto, guincha de vivo horror... E eis que, do lado dos charcos enevoados, um silvo fende os céus, uivado e arremetido, como o de um áspero vento numa garganta de serrania. ¡ O quê ! ¿ Outro monstro ?... Sim, o Plèsiossáurio. E também o derradeiro Plèsiossáurio, que corre do fundo dos pântanos. E agora de novo se trava, para assombro do primeiro Homem (e gôsto dos Paleontologistas) o combate que foi a desolação dos pre-humanos dias da Terra, ¡Lá aparece a fabulosa cabeça do Plésio, terminada em bico de ave, bico de duas braças, mais agudo que o dardo mais agudo, erguida sôbre um longuíssimo e esguio pescoço, que ondula, arqueia, esfusia, dardeja, com pavorosa elegância! Duas barbatanas de incomparável rijeza veem movendo o seu disforme corpo, mole, glutinoso, todo em rugas, manchado por uma lepra de fungos esverdinhados. E tão imenso é, assim rojando, com o pescoço empinado, que, diante da duna onde se levantam os pinheiros que acoitam Adão, êle parece uma outra duna negra,

sustentando um pinheiro solitário. Furiosamente avança.—E, de repente, é um horroroso tumulto de mugidos, e sibilos, e choques ribombantes, e areias torvelinhando, e grossos mares espadanando. Nosso Pai venerável salta dum pinheiro para outro pinheiro, tremendo tanto que, com êle, tremem os rijos troncos. E quando se arrisca a espreitar, ao recrescer dos bramidos, só percebe, na enrolada massa dos dois monstros, através de uma névoa de espuma que os esguichos de sangue avermelham, o bico do Plésio todo enterrado no ventre mole do Íctio, cuja cauda, erguida, se estorce furiosamente, na palidez dos céus espantados.

¡De novo esconde perdidamente a face, nosso Pai venerável! Um urro de monstruosa agonia rola na praia. As pálidas dunas estremecem; as cavernas soturnas ressoam. Depois é uma paz muito larga, em que o ruído do mar Oceano não é mais que um consolado murmúrio de alívio. Adão espia, debruçado entre os galhos... O Plésio recuara, ferido, para a tépida lama dos seus pântanos. E sôbre a praia jaz o Íctio morto, como uma colina onde a vaga da tarde mansamente se quebra....

*

* *

....Mas, uma tarde, saindo Adão e Eva da espessura dum bosque, um urso enorme, o

Pai dos Ursos, apareceu diante dêles, ergueu as negras patas, escancarou a goela sangrenta... Então, assim colhido, sem refúgio, na apertada ânsia de defender a sua fêmea, o Pai dos Homens arremessou contra o Pai dos Ursos o cajado a que se arrimava, um forte galho de teca, arrancado na mata, que findava em lasca aguda... E o pau atravessou o coração da fera....

....E então não cessam mais os feitos do Homem. Ainda os corvos e os chacais não tinham esburgado a carcassa do Pai dos Ursos — já nosso Pai racha uma ponta do seu cajado vitorioso; entala na fenda um dêsses seixos afiados e bicudos, em que por vezes se feriam as suas patas, descendo à beira dos rios; e segura o fino estilhaço na rocha, com os lios, muito arrochados, de uma fibra de enrediça sêca. ¡E eis a lança! Como essas pedras não abundam, Adão e Eva ensangüentam as garras, tentando fender os pedregões redondos de silex em lascas curtas, que venham perfeitas, com ponta e com gume, para rasgar, cravar. A pedra resiste, pouco desejosa de ajudar o Homem, que, nos dias genesíacos do grande Outubro, ela tentara suplantar (como contam as prodigiosas Crónicas de Backum). — Mas de novo lampeja a face de Adão, numa ideia que o sulca, como faísca emanada da Eterna Sabedoria. Apanha um pedregulho, bate a rocha, arranca a lasca... ¡E eis o martelo!

Depois, noutra tarde bem-dita, costeando

uma escura e bravia colina, descobre, com aqueles seus olhos que já rebuscam e comparam, um calhau negro, áspero, facetado, sombriamente luzidio. Pasma do seu pêso— e logo pressente nêle um maço superior, de decisiva rijeza. ¡Com que alvorôço o leva agarrado contra o peito, para martelar o silex rebelde! Ao lado de Eva, que o espera à beira do rio, logo malha rijamente sôbre a pederneira... ¡E oh espanto! ¡uma fagulha salta, refulge, morre! ¡Ambos recuam, se entre-olham, num terror quási sagrado! É um lume, um vivo lume, que êle assim arrancou, com as suas mãos, da rocha bruta— semelhante ao lume vivo que dardeja de entre as nuvens. De novo bate, a tremer. A scentelha brilha, a scentelha passa, e Adão remira e fareja o escuro calhau. Mas não compreende. E, pensativos, nossos Pais veneráveis sobem, com os cabelos ao vento, para a sua caverna costumada, que é no pendor dum cêrro, junto duma fonte burbulhando entre fetos.

E aí, no seu retiro, Adão, com uma curiosidade onde lateja uma esperança, novamente entala o silex, grosso como uma abóbora, entre os calosos pés, e recomeça a martelar, sob o bafo de Eva, que se debruça e arfa. Sempre a faúlha salta, rebrilha na sombra, tão refulgente como aqueles lumes que agora palpitam, olham, de além das alturas. Mas êsses lumes permanecem, através da negrura do céu e da noite, vivos, a espreitar, na sua

radiância. E aquelas estrelinhas da pedra ainda não teem vivido e já teem morrido... ¿Será o vento que as leva, êle que tudo leva, vozes, nuvens e fôlhas? Nosso Pai venerável, fugindo do vento malévolo que ronda no monte, recua até ao fundo mais abrigado da caverna, onde se afofam as camadas de feno muito sêco, que são o seu leito. E de novo fere a pedra, despedindo scentelha após scentelha, em-quanto Eva, agachada, abriga com as mãos aqueles refulgentes e fugitivos seres. E eis que dos fenos um fumozinho se eleva, e se engrossa, e se enrola, e através dêle, vermelha, uma chama ressalta... ¡ É o Fogo ! Nossos Pais fogem espavoridamente da caverna, obscurecida por uma fumaraça cheirosa, onde flamejam alegres, rutilantes línguas, que lambem a rocha. Acocorados à porta da toca, ambos arquejam, no pasmo e terror da sua obra, com os olhos a chorar do fumo acre. E, mesmo através do susto e do espanto, sentem uma doçura muito nova que os penetra, e que vem daquela luz e vem daquele calor... Mas já o fumo se escapou da caverna, o vento roubador o levou. As chamas rastejam, incertas, azuladas: em breve só resta um borralho que descora, se acinzenta, se abate em cisco: e a derradeira faúlha corre, tremeluz, passa. ¡O fogo morreu! Então, na alma nascente de Adão, entra a dor duma ruína. Desesperadamente puxa os grossos beiços e geme. ¿Saberá êle jàmais recomeçar o feito maravilhoso?... E

é nossa Mãe, já consoladora, que o consola. Com as suas rudes mãos comovidas, porque realiza sôbre a terra a sua primeira obra, junta outro montão de fenos secos, pousa entre êles o silex redondo, toma o escuro calhau, bate rijamente, num faülhar de estrelinhas. E de novo o fumo rola, e de novo a chama refulge. ¡Oh triunfo! ¡eis a fogueira, a fogueira inicial do Paraíso, e não casualmente rebentada, mas acendida por uma clara Vontade, que agora para todo o sempre, cada noite e cada manhã, poderá repetir com segurança a façanha suprema!

A' nossa Mãe Venerável pertence então, na caverna, a doce e augusta tarefa do Lume. Ela o cria, ela o nutre, ela o defende, ela o perpetua. E, como mãe deslumbrada, descobre cada dia, nesse resplandecente filho dos seus cuidados, uma virtude ou graça nova. ¡Agora já Adão sabe que o *seu* fogo espanta tôdas as feras, e que no Paraíso existe em-fim um buraco seguro, que é o *seu* buraco! Não só seguro, mas amável — porque o lume o alumia, o aquece, o alegra, o purifica. E quando Adão, com um molho de lanças, desce à planície ou se embrenha na selva a caçar a presa, já mata com redobrada ânsia, para recolher de-pressa àquela boa segurança e consolação do lume. ¡Ah! ¡que docemente êle o penetra, e lhe seca no pêlo a friagem dos matos, e doura como um sol a penedia da sua toca! ¡E depois ainda lhe prende os olhos, e o enleva, e o guia num

scismar fecundo, em que inspiradamente lhe aparecem formas de flechas, malhos com cabos, ossos recurvos que fisgam os peixes, lascas dentadas que serram o pau!... ¡ A sua fèmea forte deve Adão esta hora criadora!

*

* *

E agora que acendi, na noite estrelada do Paraíso, com galhos bem secos da Árvore da Sciência, êste verídico lar, ¡consenti que vos deixe, oh Pais veneráveis!

Já não receio que a Terra instável vos esmague; ou que as feras superiores vos devorem; ou que, apagada, à maneira duma lâmpada imperfeita, a Energia que vos trouxe da Floresta, vós retrogradeis à vossa Árvore. Sois já irremediàvelmente humanos—¡e cada manhã progredireis, com tão poderoso arremêsso, para a perfeição do Corpo e esplendor da Razão, que em breve, dentro dumas centenas de milhares de curtos anos, Eva será a formosa Helena e Adão será o imenso Aristóteles!

¡Mas não sei se vos felicite, oh Pais veneráveis! Outros irmãos vossos ficaram na espessura das árvores — e a sua vida é doce.

Tôdas as manhãs o Orangotango acorda entre os seus lençóis de fôlhas de pendénia, sôbre o fôfo colchão de musgos que êle, com cuidado, acamou por cima dum catre de ramos cheirosos. Lânguidamente, sem cuida-

dos, preguiça na moleza dos musgos, escutando as límpidas árias dos pássaros, gozando os fios do sol que se emaranham por entre a renda das fôlhas, e lambendo no pêlo dos seus braços o orvalho açucarado. Depois de bem se coçar e bem se esfregar, sobe com pachorra à árvore dilecta, que elegeu em todo o bosque pela sua frescura, pela elasticidade embaladora das suas ramagens. Daí, tendo respirado as brisas carregadas de aromas, salta, com lestos pulos, através das sempre fáceis, sempre fartas ucharias do bosque, onde almoça a banana, a manga, a goiaba, todos os finos frutos que o tornam tão são e alheio a males, como as árvores onde os colheu. Percorre então, sociàvelmente, as ruas e as vielas palreiras da espessura: cabriola com destros amigos, em jogos amáveis de ligeireza e fôrça; galanteia as Orangas gentis, que o catam, e, penduradas com êle duma liana florida, se balançam, chalrando; trota, entre alegres ranchos, pela borda das águas claras; ou, sentado na ponta dum ramo, escuta algum velho e facundo chimpanzé, contando divertidas histórias de caça, de viagens, de amores, e de troças às feras pesadas, que circulam nas relvas e não podem trepar. Cedo recolhe à sua árvore, e, estendido na folhosa rêde, brandamente se abandona à delícia de sonhar, num sonho acordado, semelhante às nossas Metafísicas e às nossas Epopeias, mas que, rolando todo sôbre sensações reais é, ao contrário dos

nossos incertos sonhos, um sonho todo feito de certeza. Por fim a floresta lentamente se cala, a sombra escorrega entre os troncos: — e o Orango ditoso desce ao seu catre de penedias e musgos, e adormece na imensa paz de Deus — de Deus que êle nunca se cansou em comentar, nem sequer em negar, e que todavia sobre êle derrama, com imparcial carinho, os bens inteiros da sua Misericórdia.

Assim ocupou o seu dia o Orango, nas Árvores. E no em-tanto, ¿como gastou, nas Cidades, o seu dia o Homem, primo do Orango? Sofrendo — ¡por ter os dons superiores que faltam ao Orango! Sofrendo — ¡por arrastar consigo, irresgatàvelmente, êsse mal incurável que é a sua Alma! Sofrendo — ¡porque nosso Pai Adão, no terrível dia 28 de Outubro, depois de espreitar e farejar o Paraíso, não ousou declarar reverentemente ao Senhor: — «Obrigado, oh meu doce Criador; ¡dá o govêrno da Terra a quem melhor escolheres, ao Elefante ou ao Cangurú, que eu por mim, bem mais avisado, volto já para a minha árvore!...»

Mas, em-fim, desde que nosso Pai venerável não teve a previdência ou a abnegação de declinar a grande supremacia — continuemos a reinar sôbre a Criação e a ser sublimes... Sobretudo continuemos a usar, insaciàvelmente, do dom melhor que Deus nos concedeu, entre todos os dons o mais puro,

o único genuïnamente grande, o dom de o amar — pois que não nos concedeu também o dom de o compreender. E não esqueçamos que Êle já nos ensinou, através de vozes levantadas em Galileia, e sob as mangueiras de Veluvana, e nos vales severos de Yen-Chu, que a melhor maneira de o amar é que uns aos outros nos amemos, e que amemos tôda a sua obra, mesmo o verme, e a rocha dura, e a raíz venenosa, e até êsses vastos seres que não parecem necessitar o nosso amor, êsses Sóis, êsses Mundos, essas esparsas Nebulosas, que, inicialmente fechadas, como nós, na mão de Deus, e feitas da nossa substância, nem de-certo nos amam — nem talvez nos conhecem.

(Dos *Contos*).

XVI

OS RAMIRES NA HISTÓRIA DE PORTUGAL

Gonçalo Mendes Ramires (como confessava êsse severo genealogista, o morgado de Cidadelhe) era certamente o mais genuíno e antigo fidalgo de Portugal. Raras famílias, mesmo coevas, poderiam traçar a sua ascendência, por linha varonil e sempre pura, até aos vagos Senhores que entre Douro e Minho mantinham castelo e terra murada, quando os barões francos desceram, com pendão e caldeira, na hoste do Borguinhão. E os Ramires entroncavam lìmpidamente a sua casa, por linha pura e sempre varonil, no filho do Conde Nuno Mendes, aquele agigantado Ordonho Mendes, senhor de Treixedo e de Santa Ireneia, que casou em 967 com Dona Elduara, Condessa de Carrion, filha de Bermudo o *Gotoso*, Rei de Leão.

Mais antigo na Espanha que o Condado Portucalense, rijamente, como êle, crescera e se afamara o Solar de Santa Ireneia — re-

sistente como êle às fortunas e aos tempos. E depois, em cada lance forte da História de Portugal, sempre um Mendes Ramires avultou grandiosamente, pelo heroísmo, pela lealdade, pelos nobres espíritos. Um dos mais esforçados da linhagem, Lourenço, por alcunha o *Cortador*, colaço de Afonso Henriques (com quem na mesma noite, para receber a pranchada de cavaleiro, velara as armas na Sé de Samora), aparece logo na batalha d'Ourique, onde também avista Jesus Cristo sôbre finas nuvens d'ouro, pregado numa cruz de dez côvados. No cêrco de Tavira, Martim Ramires, freire de Santiago, arromba a golpes de acha um postigo da Couraça, rompe por entre as cimitarras que lhe decepam as duas mãos, e surde na quadrela da torre albarran, com os dous pulsos a esguichar sangue, bradando alegremente ao Mestre: —«¡D. Paio Peres, Tavira é nossa! Real, Real por Portugal!» O velho Egas Ramires, fechado na sua Tôrre, com a levadiça erguida, as barbacans erriçadas de frecheiros, nega acolhida a El-Rei D. Fernando e a Leonor Teles, que corriam o Norte em folgares e caçadas — para que a presença da *adúltera* não macule a pureza estreme do seu solar! Em Aljubarrota, Diogo Ramires, o *Trovador*, desbarata um trôço de bèsteiros, mata o Adiantado-mor de Galiza, e por êle, não por outro, cai derribado o pendão real de Castela, em que ao fim da lide seu irmão d'armas, D. Antão d'Almada, se em-

brulhou para o levar, dançando e cantando, ao Mestre d'Avis. Sob os muros d'Arzila combatem magnìficamente dois Ramires, o idoso Sueiro e seu neto Fernão; e diante do cadáver do velho, trespassado por quatro virotes, estirado no pátio da Alcáçova ao lado do corpo do Conde de Marialva — Afonso V arma juntamente cavaleiros o Príncipe seu filho e Fernão Ramires, murmurando entre lágrimas: «¡Deus vos queira tão bons como êsses que aí jazem!...»

Mas, ¡eis que Portugal se faz aos mares! E raras são então as armadas e os combates de Oriente em que se não esforce um Ramires — ficando na lenda trágico-marítima aquele nobre capitão do Gôlfo Pérsico, Baltasar Ramires, que, no naufrágio da *Santa Bárbara*, reveste a sua pesada armadura, e no castelo de proa, hirto, se afunda em silêncio com a nau que se afunda, encostado à sua grande espada. Em Alcácer-Quibir, onde dous Ramires, sempre ao lado d'El-Rei, encontram morte soberba, o mais novo, Paulo Ramires, pagem do Guião, nem leso nem ferido, mas não querendo mais vida, pois que El-Rei não vivia, colhe um ginete sôlto, apanha uma acha d'armas, e gritando: — «¡Vai te, alma, que já tardas, servir a de teu senhor!»—entra na chusma mourisca e para sempre desaparece. Sob os Filipes, os Ramires, amuados, bebem e caçam nas suas terras. Reaparecendo com os Braganças, um Ramires, Vicente, Governador das Armas

d'Entre Douro e Minho por D. João IV, mete a Castela, destroça os Espanhóis do Conde de Venavente, e toma Fuente-Guiñal, a cujo furioso saque preside, da varanda d'um Convento de Franciscanos, em mangas de camisa, comendo talhadas de melancia.

Já, porém, como a nação, degenera a nobre raça... Álvaro Ramires, valido de D. Pedro II, brigão façanhudo, atordoa Lisboa com arruaças, furta a mulher d'um Vèdor da Fazenda que mandara matar a pauladas por pretos, incendeia em Sevilha, depois de perder cem dobrões, uma casa de tavolagem, e termina por comandar uma urca de piratas, na frota de Murad o *Maltrapilho*. No reinado do Sr. D. João V, Nuno Ramires brilha na Côrte, ferra as suas mulas de prata, e arruína a casa celebrando suntuosas festas de Igreja, em que canta no côro, vestido com o hábito de Irmão Terceiro de S. Francisco.... Pedro Ramires, Provedor e Feitor-mor das Alfândegas, ganha fama em todo o Reino pela sua obesidade, a sua chalaça, as suas proezas de glutão no Paço da Bemposta, com o arcebispo de Tessalónica. Inácio Ramires acompanha D. João VI ao Brasil como Reposteiro-Mor, negoceia em negros, volta com um baú carregado de peças d'ouro que lhe rouba um administrador, antigo frade capuchinho, e morre no seu solar, da cornada de um boi. O avô de Gonçalo, Damião, doutor liberal dado às Musas, desembarca com D. Pedro no Mindelo, com-

põe as empoladas proclamações do Partido, funda um jornal, o *Anti-Frade*, e depois das Guerras Civis arrasta uma existência reumática em Santa Ireneia, embrulhado no seu capotão de briche, traduzindo para vernáculo, com um léxicon e um pacote de simonte, as obras de Valerius Flaccus. O pai de Gonçalo, ora Regenerador, ora Histórico, vivia em Lisboa no Hotel Universal, gastando as solas pelas escadarias do Banco Hipotecário e pelo lagedo da Arcada, até que um Ministro do Reino.... o nomeou, (para o afastar da Capital) Governador Civil de Oliveira. Gonçalo, êsse, era bacharel formado, com um *R* no terceiro ano....

(Da *Ilustre Casa de Ramires*, 2.ª ed., pág. 6 e ss.)

XVII

MORTE DE LOURENÇO RAMIRES

O gordo Ordonho, atirando o brado de — «Prestes, prestes! que é gente de Baião!» — descambava pelo escalão da muralha como um fardo que rola.

No em-tanto Trutesindo Ramires, no empenho d'aprestar a sua mesnada a abalar sôbre Montemor, regera já com o Adail a ordem da arrancada, mandando que as buzinas soassem, mal o sol batesse na margela do Poço grande. E agora, na sala alta da Alcáçova, conversava com o seu primo de Riba-Cávado e costumado camarada d'armas, D. Garcia Viegas—ambos sentados nos poiais de pedra de uma funda janela, onde uma bilha d'água, com o seu púcaro, refrescava, entre vasos de manjaricão.

D. Garcia Viegas era um velho esgalgado e ágil, d'escuro carão rapado, com uns miúdos olhos coruscantes—que merecera a alcunha de *Sabedor* pela viveza e suculência do seu dizer, as suas infinitas manhas de

guerra, e a prenda de falar latim mais doutamente que um Clérigo da Cúria. Convocado por Trutesindo, como os outros parentes do solar, para engrossar a mesnada dos Ramires em serviço das Infantas, correra logo a Santa Ireneia fielmente, com o seu pequeno poder de dez lanças—começando por saquear no caminho a herdade de Palha-Cã, dos de Severosa, que andavam com pendão alto na Hoste Real contra as Donas oprimidas. Tão rijamente se apressara, que, desde a madrugada, apenas comera sôbre a sela, em Palha-Cã, duas rodelas dos chouriços roubados. E com a sêde da afogueada correria, ainda na emoção de tão amarga nova—a derrota de Lourenço Ramires, seu afilhado—novamente enchia de água o púcaro de barro, quando pela porta da sala de armas, que três cabeças de javali dominavam, rompeu o velho Ordonho, esbaforido:

—Sr. Trutesindo! Sr. Trutesindo Ramires! o Bastardo de Baião passou a Ribeira, vem sobre nós com grande trôço de lanças!

O velho Rico-Homem saltou do poial. E, arremessando a mão cabeluda, cerrada com sanha, como se já pela gorja empolgasse o Bastardo:

—¡Pelo sangue de Cristo! em boa hora vem, que nos poupa caminho! ¿Hein, Garcia Viegas? A cavalo e sobre êle...?

Mas, rente aos trôpegos calcanhares de Ordonho, correra um coudel de bèsteiros, que gritou dos umbrais, sacudindo o capelo de couro:

— Senhor! Senhor! A gente de Baião parou ao Cruzeiro; e um cavaleiro moço, com um ramo verde, está diante das barbacans, como trazendo mensagem...

Trutesindo bateu o sapato de ferro sôbre as lajes, indignado com tal embaixada, mandada por tal vilão...—Mas Garcia Viegas, que dum sorvo enxugara o púcaro, recordou serenamente e lealmente os preceitos:

— ¡ Tende, tende, primo e amigo! Que, por uso e lei d'aquem e d'além serras, sempre mensageiro com ramo se deve escutar...

— Seja pois! bradou Trutesindo. Ide vós fora, às barreiras, com duas lanças, Ordonho, e sabei do recado!

O Vílico rebolou pela denegrida escada de caracol até ao patim da Alcáçova. Dous acostados, de lança ao ombro, recolhendo de alguma rolda, conversavam com o armeiro, que sarapintara de amarelo e escarlate cabos d'ascumas novas, e as enfileirava contra o muro, para secarem.

— ¡ Por ordem do Senhor! gritou Ordonho. Lança direita, e comigo às barbacans, a receber mensagem!...

Ladeado pelos dous homens, que se aprumaram, atravessou as barreiras; e pelo postigo da barbacan, que uma quadrilha de bèsteiros guardava, saiu ao terreiro da Honra, largueza de terra calcada, sem relva ou árvore, onde se erguiam ainda as traves carcomidas duma antiga fôrca, e se amontoavam agora, para os consertos da Alcáçova

ripas de madeira, e grossas cantarias lavradas. Depois, sem arredar do umbral, empinando o ventre entre os dous acostados, bradou ao moço Cavaleiro, que esperava sob o rijo sol, sacudindo os moscardos com o seu ramo de amoreira:

— ¡Dizei de que gente sois! e a que vindes! e que credência trazeis!...

E como arqueara logo a mão inquieta sôbre a orelha — o Cavaleiro, serenamente, entalando o ramo entre o coxote e o arção, arqueou também os dous guantes reluzentes d'escamas na abertura do casco; bradou:

— ¡Cavaleiro do solar de Baião!... Credência não trago, que não trago embaixada... Mas o Sr. D. Lopo ficou além, ao Cruzeiro, e deseja que o nobre senhor da Honra, o Sr. Trutesindo Ramires, o escute do eirado da barbacan...

O Vílico saüdou — recolheu pela poterna abobadada da tôrre albarran, murmurando para os dous acostados:

—O Bastardo vem a tratar o resgate do Sr. Lourenço Ramires...

Ambos rosnaram:

— Feio feito.

Mas, quando Ordonho, ofegante, se apressava para a Alcáçova, encontrou no pátio Trutesindo Ramires—que, na irada impaciência daquelas delongas do Bastardo, descera, todo armado.

Sôbre o comprido brial de lã verde-negra, que recobria a vestidura de malha, as suas

barbas rebrilhavam, mais brancas, atadas num grosso nó, como a cauda dum corcel. Do cinturão tauxiado de prata pendia, a um lado, o punhal recurvo, a buzina de marfim; ao outro, uma espada gôda, de fôlha larga, com alto punho dourado, onde scintilava uma pedra rara, trazida outrora da Palestina por Gutierres Ramires, o *d'Ultramar*. Um sergente conduzia sôbre uma almofada de couro os seus guantes, o seu capelo redondo, de viseira gradada, como usara El-Rei D. Sancho: outro carregava o imenso broquel, da forma dum coração, revestido de couro escarlate, com o Açor negro rudemente pintado, esgalhando as garras furiosas. E o Alferes, Afonso Gomes, seguia com o guião enrolado na funda de lona.

Com o velho Rico-Homem descera D. Garcia Viegas, e os outros parentes do Solar —o decrépito Ramiro Ramires, um veterano da tomada de Santarém, torcido pelos reumatismos como a raíz de um roble, e arrimando os passos trémulos, não a um bastão, mas a um chuço; o formoso Leonel, o mais moço dos Samoras de Cendufe, o que matara os dois ursos nos brejos de Cachamuz, e que tão bem trovava; Mendo de Briteiros, o das barbas vermelhas, grande queimador de bruxas, ledo arranjador de folgares e danças; e o agigantado Senhor dos Paços de Avelim, todo coberto, como um peixe fabuloso, de escamas que reluziam.

Como o sol se acercava da margela do

Poço grande, marcando a hora da arrancada sôbre Montemor — já, dos fundos alpendres que escondiam os campos do tavolado, os cavalariços puxavam os ginetes de guerra, com as suas altas selas pregueadas de prata, as ancas e os peitos resguardados por coberturas de couro franjado, que rojavam nas lajens. Por todo o Castelo se espalhara que o Bastardo, depois da lide fatal aos Ramires, correra de Canta-Pedra, ameaçava a Honra: —e, debruçados dos passadiços que ligavam a muralha aos contrafortes da Alcáçova, ou metidos por entre os engenhos d'arremêsso que atulhavam as corredoiras, os moços da ucharia, os servos das hortas, os vilões acolhidos para dentro das barbacans, espreitavam o Senhor de Santa Ireneia e aqueles Cavaleiros fortes, com ansiedade, tremendo do assalto dos de Baião e dessas horrendas bolas de ferro, cheias de fogo, que agora as mesnadas cristãs arrojavam tão destramente como as hordas sarracenas.—No em-tanto, com a sua gorra esmagada contra o peito, Ordonho, arfando, apresentava a Trutesindo o recado do Bastardo:

—É cavaleiro moço, não traz credência... O Sr. Bastardo espera ao Cruzeiro... E pede que o atendais da quadrela das barbacans...

—¡Que se acerque pois! gritou o velho. E com quantos queira dos Vilões que o seguem!

Mas Garcia Viegas, o *Sabedor*, sempre avisado, com a sua esperta mansidão:

—¡Tende, primo e amigo, tende! Não subais vós à tranqueira, antes que eu me assegure se Baião nos vem com arteirice ou falsura.

E entregando a sua pesada lança de faia a um donzel, enfiou pela escada soturna da tôrre albarran. Em cima, no eirado, sussurrando um *chuta! chuta!* à fila de bèsteiros que guarnecia as ameias, atenta e com a besta encurvada — penetrou no miradouro, espiou pela seteira.

O arauto de Baião galopara para o Cruzeiro, que uma selva movediça de lanças rodeava, coriscando. E curto recado lançou — porque logo, no seu fouveiro acobertado por uma rêde de malha acairelada d'ouro, Lopo de Baião despegou do denso trôço de cavaleiros, com a viseira erguida, sem lança ou ascuma de monte e, ociosas sôbre o arção da sela mourisca as mãos, onde se enrodilhavam as bridas de couro escarlate. Depois, a um toque arrastado de buzina, avançou para as barbacans da Honra, vagarosamente, como se acompanhasse um saïmento. Não movera o seu pendão amarelo e negro. Apenas seis infanções o escoltavam, também sem lança ou broquel, com sobrevestes de pano roxo sôbre os saios de malha. Atrás, quatro alentados bèsteiros carregavam aos ombros umas andas, toscamente armadas com troncos de árvores, onde um homem jazia estirado, como morto, coberto, contra o calor e os moscardos, por

leves folhagens de acácia. E um monge seguia, numa mula branca, segurando misturadamente com as rédeas um crucifixo de ferro, sôbre que pendia a orla do seu capuz e uma ponta de barba negra.

Da seteira, mesmo sem descortinar por entre a camada de ramagens a face do homem estendido nas andas, o *Sabedor* adivinhou Lourenço Ramires, o doce afilhado que tanto amara, que tão bem ensinara a terçar lanças e a treinar falcões. E cerrando os punhos, gritando surdamente—«¡Bem prestos! bèsteiros, bem prestos!» — desceu a escura escadaria, tão arremessado pela cólera e pela mágoa, que o seu elmo cavamente bateu contra o arco da porta, onde o esperava Trutesindo com os Cavaleiros parentes.

—¡Senhor primo! bradou. ¡Vosso filho Lourenço está diante das barreiras da Honra deitado sôbre umas andas!

Com um rosnar d'espanto, um atropêlo dos sapatos de ferro sôbre as lajes sonoras, todos seguiram pela poterna da albarran o Rico-Homem — até ao escadão de madeira que se empurrava contra a quadrela das barbacans. E quando o enorme velho surdiu no eirado, um silêncio pesou, tão ansioso, que se sentia para além do vergel o chiar triste e lento da nora e o latir dos mastins.

No terreiro, em frente à cancela gateada, o Bastardo esperava, imóvel sôbre o seu ginete, com a formosa face bem levantada, a face de Claro-Sol, onde as barbas aneladas,

caindo nas sôlhas do arnês, rebrilhavam como ouro novo. Vergando o capelo d'ouropel, saüdou Trutesindo com gravidade e preito. Depois alçou a mão, que descalçara do guante. E, num considerado e sereno falar:

— Senhor Trutesindo Ramires: nestas andas vos trago vosso filho Lourenço, que em lide leal, no vale de Canta-Pedra, colhi prisioneiro, e me pertence pelo foro dos Ricos-Homens de Espanha. E de Canta-Pedra caminhei com êle, para vos pedir que entre nós findem estes homizios e estas feias brigas, que malbaratam sangue de bons Cristãos... Senhor Trutesindo Ramires, como vós venho de Reis. De D. Afonso de Portugal recebi a pranchada de Cavaleiro. Tôda a nobre raça de Baião se honra em mim... Consenti em me dar a mão de vossa filha D. Violante, que eu quero e que me quer; e mandai erguer a levadiça, para que Lourenço, ferido, entre no seu solar e eu vos beije a mão de pai.

Das andas, que estremeceram sôbre os ombros dos bèsteiros, um desesperado brado partiu:

— ¡Não, meu pai!

E, hirto na borda do eirado, sem descruzar os braços, o velho Trutesindo retomou o brado—que por todo o terreiro da Honra rolou, mais arrogante e mais cavo:

— ¡Meu filho, antes de mim, te respondeu, vilão!

Como se uma pontoada de lança lhe to-

passe o peito, o Bastardo vacilou na alta sela: e, colhido pelo repuxão das rédeas, o seu fouveiro recuou, alteando a testeira dourada. Mas, a um novo arremêsso, repulou contra a cancela. E Lopo de Baião, erguido sôbre os estribos, gritava com ânsia, com furor:

—¡Snr. Trutesindo Ramires, não me tenteis!...

—¡Arreda, vilão e filho de viloa, arreda!— clamou soberbamente o velho, sem desprender os braços de sôbre o levantado peito, na sua rija imobilidade e teima, como se todo o corpo e alma fôssem de rijo ferro.

Então o Bastardo, arrojando o guante contra o muro da barbacan, rugiu, chamejante e rouco:

—¡Pois, pelo sangue de Cristo e pela alma de todos os meus te juro que, se me não dás neste instante essa mulher que eu quero e que me quer, sem filho ficas, que por minhas mãos, diante de ti e nem que todo o Céu acuda, lhe acabo o resto da vida!

Já na mão lhe lampejava um punhal. Mas, num ímpeto de sublime orgulho, um ímpeto sobre-humano, em que cresceu como outra escura tôrre entre as tôrres da Honra, Trutesindo arrancara a espada:

—¡Com esta, covarde! com esta! Para que seja puro, não vil como o teu, o ferro que atravessar o coração de meu filho!

Furiosamente, com as duas possantes mãos, arremessou a espada, que rodopiou

silvando e faïscando, se cravou no duro chão, onde tremia, ainda faïscava, como se uma cólera heróica também a animasse. E no mesmo relance, com um urro, um salto do ginete, o Bastardo, debruçado do arção, enterrara o punhal na garganta de Lourenço — em golpe tão cravado, que o esguicho do sangue lhe salpicou a clara face, as barbas d'ouro.

Depois, foi uma bruta abalada. Os quatro bèsteiros sacudiram para o chão as andas, o corpo morto enrodilhado nos ramos — e atiraram pelo terreiro, como lebres em clareira, atrás do monge que se agachava, agarrado às crinas da mula. Numa curta desfilada, o Bastardo, os seis cavaleiros, gritando o alarme, mergulharam no arraial, que estacara ao Cruzeiro. Um tumulto remoïnhou em tôrno ao devoto pilar. E em rodilhado tropel a mesnada desenfreou para a Ribeira, varou a velha ponte, logo enublada em pó e sumida, para além do arvoredo, num fugidio coriscar de capelinas e de lanças apinhadas.

Uma alta grita, no em-tanto, atroara as muralhas de Santa Ireneia. Virotes, flechas, balas de fundas, assobiavam, despedidas no mesmo furioso repente, sôbre o bando de Baião : — mas apenas um dos bèsteiros que carregara as andas tombou, estrebuchando, com uma flecha na ilharga. Pela cancela das barreiras já cavaleiros e donzéis d'armas se empurravam desesperadamente, para recolher o corpo de Lourenço Ramires. E Gar-

cia Viegas, os outros parentes, galgaram ao eirado da barbacan, donde Trutesindo se não arredara, rígido e mudo, fitando as andas e seu filho, estatelado com elas sôbre o terreiro da sua Honra. Quando, ao rumor, êle pesadamente se voltou—todos emudeceram ante a serenidade da sua face, mais branca que as brancas barbas, duma morta brancura de lápide, com os olhos ressequidos e côr de brasa, a latejar, a refulgir, como os dous buracos dum forno. Com a mesma sinistra serenidade, tocou no ombro do velho Ramiro, que tremia arrimado ao seu chuço. E numa vagarosa e vasta voz:

—Amigo! cuida tu do corpo de meu filho, que a alma ainda hoje, por Deus! lha vou eu sossegar!

Afastou aqueles senhores, emudecidos de assombro e de emoção—e baixou pela gasta escada de madeira, que rangia sob o pêso do enorme Rico-Homem carregado de ira e dor.

Nesse momento, entre bèsteiros e serviçais que se atropelavam — o corpo de Lourenço Ramires transpunha o portelo das barbacans, segurado pelo formoso Leonel e por Mendo de Briteiros, ambos afogueados de lágrimas e rouquejando ameaças furiosas contra a raça de Baião. Atrás, o trôpego Ordonho gemia, abraçado à espada de Trutesindo, que apanhara no chão do terreiro e que beijava, como para a consolar. À borda do fôsso uma aveleira espalhava a sombra

leve num bronco taboão pregado sôbre toros—donde, aos domingos, com o adanel dos bèsteiros, Lourenço dirigia os jogos de besta e frecha, distribuindo fartamente as recompensas de bolos de mel e de vinho em pichéis. Sôbre essas tábuas o estiraram — recuando todos depois, em-quanto aterradamente se benziam. Um cavaleiro de Briteiros, temendo por aquela alma desamparada e sem confissão, correra à capela da Alcáçova procurar Frei Múncio. Outros, rodeando tôda a muralha até ao Baluarte-Velho, gritavam, com desesperados acenos, para o torreão escalavrado, onde, como um môcho, habitava o Físico. Mas o certeiro punhal do Bastardo acabara o denodado Lourenço, flor e regra de cavaleiros por tôda a terra de Riba-Cávado... ¡E que lastimoso e desfeito —com suja terra na face, a garganta empastada de sangue negro, as malhas do saio rôtas sôbre os ombros e embebidas nas carnes retalhadas, e nua, sem greva, tôda inchada e roxa, a perna ferida em Canta-Pedra, onde mais sangue e lama se empastavam!

Trutesindo descia, lento e rígido. E as sêcas brasas dos seus olhos mais se incendiam, em-quanto, através do dorido silêncio, se acercava do corpo de seu filho. Diante do banco ajoelhou, agarrou a arrefecida mão que pendia; e, junto à face manchada de sangue e terra, segredou, de alma para alma, num abafado murmúrio, que não era de despedida, mas dalguma suprema promessa, e

que findou num beijo demorado sôbre a testa, onde uma réstea de sol rebrilhou, dardejada de entre as fôlhas da aveleira. Depois, erguido num arrebate, atirando o braço como para nêle recolher tôda a fôrça da sua raça, gritou:

— ¡ E agora, senhores, a cavalo, e vingança brava !

Já pelos pàtios, em tôrno da Alcáçova, corria um precipitado fragor de armas. Aos ásperos comandos dos almocadens, as filas de bèsteiros, de archeiros, de fundibulários, rolavam dos adarves dos muros para cerrar as quadrilhas. Ràpidamente, os cavalariços de carga amarravam sôbre o dorso das mulas os caixotes do almazém, os alforjes da trebalha. Pelas portas baixas da cozinha, peões e sergentes, antes de largar, bebiam à pressa uma conca de cerveja. E no campo das barreiras os cavaleiros, chapeados de ferro, carregadamente se içavam, com a ajuda dos donzéis, para as altas selas dos ginetes — logo ladeados pelos seus infanções e acostados, que aprumavam a lança sôbre o coxote, assobiando aos lebréus.

Em-fim o Alferes, Afonso Gomes, sacou da funda e desfraldou o pendão num embalanço largo, em que as asas do Açor negrejaram, abertas, como soltando o voo enfurecido. O grito agudo do Adail ressoara por tôda a cêrca — *¡ala! ala!* De cima de um marco de pedra, junto ao postigo da barbacan, Frei Múncio estendia as magras mãos

ainda trémulas, abençoava a hoste. Então Trutesindo, sôbre o seu murzelo, recebeu do velho Ordonho a espada, de que tão terrìvelmente se apartara. E estendendo a reluzente fôlha para as tôrres da sua Honra, como para um altar, bradou:

— ¡ Muros de Santa Ireneia, não vos torne eu a ver, se em três dias, de sol a sol, ainda restar sangue maldito nas veias do traidor de Baião!

E, escancaradas as barreiras, a cavalgada tropeou em tôrno ao pendão sôlto, — em-quanto, na tôrre da Almenara, sob o parado esplendor da sesta de Agôsto, o sino grande começava a tanger a finados...

(Da *Ilustre Casa de Ramires*, 2.ª ed., pág. 351 e ss.)

XVIII

NA PRAIA

Numa praia da Normandia, ao entardecer, diante do mar que lentamente adormece, e do céu onde apenas resta a vermelhidão afogueada e cansada do coruscante sol que o sulcou, está estendida sôbre fina areia uma família, gozando a majestade e a frescura do crepúsculo, naquele recolhimento decoroso que compete a quem alugou um *chalet* de 3:000 francos, e acarretou de Paris cavalos e carruagens, para comunicar luxuosamente com a Natureza.

No meio avulta fortemente a Madama, obesa, entronada sôbre a sua cadeirinha de palha, com uma bóina branca, e, sôbre os ombros mais largos que ancas de égua, uma *capeline* a que se sente, mesmo de longe, a riqueza e o preço alto. Ao lado, o marido, magricelas e mole, desenha apenas, na areia pálida, um traço escuro. Outra forma encolhida, com os joelhos agudos contra o queixo agudo, é talvez dum parente pobre ou dum parasita. F a única linha nobre e digna,

ressalta de dois cães enormes, sentados com o focinho para o mar, em desconfiança, na esperta guarda dos seus donos, atentos àquele rolar da vaga, pequenina e lenta, mas que teimosamente avança para êles, espumando e rosnando.

Nesta beleza e nesta quietação magnífica, alguém aparece, atravessa, vagarosa e pensativamente, por trás, sôbre as dunas do areal. Aos brandos passos, imediatamente os dois cães saltam, latindo com furor: arremetem contra aquele temerário, que ousou pisar a areia dos seus amos. Inquieto, o marido corre, em largas pernadas esguias, de bengala erguida, retendo e ameaçando os cães... E então, da vasta massa da Madama, rompe um brado rouco, um brado áspero, um brado sublime: — *Imbécile! Qu'est-ce que vous avez à gronder ces pauvres chéris? Eh bien!... Quand ils mordront, on paiera le médecin!*

Os cães recolheram, de rabo encolhido, sob a ameaça balbuciada do senhor. Com o dorso vergado, o senhor recolheu sob a ira soberana da Madama. E quem vinha passando, passou.

¡Quando êles morderem se pagará ao médico! Grito precioso, na verdade, porque nêle veem resumidas tôdas as fealdades duma alma, como por vezes, num único bafo de aragem, à esquina duma viela, veem todos os fedores dum bairro sujo. Desde logo se reconhece que a nédia matrona é

uma ricaça, uma argentária, dona de belos prédios, com um cofre profundo no *Banco de França*, longamente acostumada a comandar e dispor, sêcamente desdenhosa de graças e sensibilidades, mole e tôda de banhas por fora, por dentro tôda dura e de ferro. O seu sentimento mais vivo reside no zêlo violento, quási feroz, pelos privilégios de todos os seres que fazem estreitamente parte da sua casa — sobretudo dos seres favoritos, ou porque lhe afagam o capricho, ou porque lhe honram o luxo. Nesta, os seres favoritos são os dois cães, que evidentemente se tornaram o cuidado supremo do seu vago bocado de coração, e como uma parte mesmo da sua gorda substância. Ela e os seus dois cães constituem, portanto, o Universo: — o resto é uma sombra que, como tôdas as sombras, se pisa. Se os seus cães querem morder, tôda a perna humana, segundo a ideia da boa Madama, pertence legìtimamente aos seus cães. Que as mais belas ou as mais úteis pernas fiquem dilaceradas — mas que os seus cães se regalem, se satisfaçam, provando, com a mesma dentada, vivacidade, audácia e o louvável rancor das pernas estranhas que podem transpor o muro da casa sagrada. E aquele que impeça os cães de ferrar, gozar a delícia sangrenta dum rasgão em carne sã, êsse, na ideia da Madama, será um impertinente, que priva os seus animais duma regalia, e a ela lhe impõe uma afronta. Por isso, quando

o pobre marido despega os ossos magros da areia fina, e acode, tropeçando, de bengala trémula, ela fulmina o entremetido, grita furiosamente: *Imbecil!*

¿Como ousou êle, com efeito, interromper *ces pauvres chéris*, no momento triunfante em que êles vão, os pobres queridos, esfrangalhar o homem temerário que invadira ao crepúsculo aquela praia, onde os seus donos digeriam, e portanto dominavam? E é ela então que os chama, quando êles voltam de rabo humilhado, os anima, os consola, e lhes promete mudamente que, noutra tarde, não serão empecidos: morderão tôdas as pernas a que teem direito, por serem os cães dela, matrona muito rica, muito nédia e muito poderosa.

Ivan, o *Terrível*, senhor das Rússias, alimentava os seus ursos favoritos com criancinhas de mama, porque os ursos, pobres queridos, se deleitavam com essa carninha muito tenra, dum sabor de leite. Era um monstro... Mas, no fundo, a alma de Ivan não é moralmente mais monstruosa, do que a desta burguesa do *boulevard* Haussmann. Tôda a diferença está na largueza do poder. O sinistro Ivan possuía a onipotência; — era, por direito, tão dono das crianças como dos ursos, a quem podia, com a mesma segurança, atirar uma criança, ou todo um povo. A roliça Madama, essa, tem a ferocidade severamente limitada pela polícia — e só não oferece tôdos os dias uma perna hu-

mana ao dente dos seus cães, porque ainda é mais egoísta do que feroz, e teme para a sua própria e rica pele as violências do Código Penal... A sua torpe alma, porém, é genuìnamente Ivânica,

Como o velho Ivan, ela tem a suprema e descarada indiferença do sofrimento alheio. Naquele bojudo seio não passou a mais fugitiva inquietação pelo mal que fariam os dois formosos brutos, quando se arremessaram, furiosos, para as dunas. Os brandos passos podiam ser de uma criança, desviada um momento do amparo da mãe, correndo na areia; ou os dum velho, doente, alquebrado, frágil; ou os duma linda e alegre rapariga, no viço do seu desabrochar; ou os dum mendigo, ou os dum príncipe... ¿Que importava à obesa fêmea? Não era gente da casa, porque contra essa os cães não romperiam. Era apenas alguém de *outra* casa, portanto da *outra* humanidade, alguém para cães — exactamente como se fôsse febra morta em tôrno dum osso... «¿Que tem que êles mordam?» A ardente dor, o sangue pingando, uma larga ferida a curar, não a comovem mais do que os riscos que o seu guarda-sol de cabo dourado cava na areia. E não é pròpriamente nela gôsto perverso e material do sangue. A vista duma canela rasgada, mesmo pelos seus cães, pobres queridos, seria repugnante à vasta Madama, ofenderia o seu amor ordeiro das coisas sãs e limpas. Não! o que ela tem é

soberana insensibllidade por todo o sofrer, quando êle não desmanche o seu gôzo contínuo e regrado da vida. Dor que grite e se estorça junto dela, de-certo a emociona, porque a incomoda; e solìcitamente fará tudo (até emprestará talvez a sua carruagem!) para que a dor vá berrar para longe, muito remotamente, onde os berros não encham o *seu* ar, que respira, de tumulto e de agonia. Nisto se diferença do bárbaro Ivan, para quem gemidos, convulsões, sangue golfando, eram incomparáveis delícias. Não! a nossa Madama já pertence ao século XIX por esta delicadeza afinada e educada dos sentidos, recobrindo um fundo de sentimentos selvagemmente cruéis; e é dessas que, fugindo horrorizadas dum dedo que se cortou e sangra, permanecem marmòreamente desinteressadas e serênas diante das mais sombrias desgraças morais. O velho Ivan teria corrido sôfregamente, para gozar os seus cães estrancinhando o homem que passava. A toucinhenta Madama, essa, depois dos seus cães morderem e se saciarem, de-certo se afastaria, com a mão na face — para não presencear, ela tão limpa e calma, os gemidos, a nojenta carne rasgada...

Mas onde a Madama absolutamente se diferença de Ivan, *o Terrível,* é na certeza que tem, e em que foi rìgidamente criada, da onipotência do dinheiro. *Quando êles morderem, se pagará ao médico!* Esta é a parte preciosa do seu dito ilustre. Está aqui

tôda a moral, e tôda a religião, e tôda a lei do mundo argentário. A rodela de ouro, o papel azul do Banco, constituem as únicas realidades do Universo. Só o dinheiro importa, só pelo dinheiro o homem sofre, só pelo dinheiro o homem se contenta. Ingènuamente, ela pensa que o mordido se não desolaria com o mal da mordedura — mas com a despesa do médico. Para quem vive exclusivamente entre o metal, no cuidado do metal, e que por isso se metalizou, a perda do metal é a única dor verdadeira. Se os médicos fôssem gratuitos, como o ar (único dos quatro elementos que ainda se conserva relativamente gratuito), esta boa matrona não compreenderia que os seus cães causassem dano, esfrangalhando uma perna humana — nem que o homem da perna realmente padecesse transtôrno com as dentadas que o estropiavam. ¿Que lhe podia, na verdade importar a ferida, desde que o tratamento era gratuito? Não havia desembôlso — logo não havia sofrimento! Sucede porém, neste imperfeito mundo, que os médicos são dispendiosos : — e, portanto, a nossa obesa Madama, no fundo da sua obesidade, reconhece que os seus doces cães, mordendo, fazem um mal — porque originam uma despesa. Pois bem: ela, rica, muito rica, paga a despesa! É exactamente, para o dorido, como se os médicos fôssem gratuitos. ¿Que razão lhe resta, pois, de se queixar (e mesmo de não querer ser mordi-

do) desde que, para êle, dessa aventura de praia e cães não resulta despesa? É ela que paga, magnànimamente. Rica, muito rica, pode bem pagar, e com gôsto, as *despesas* que os cães fazem, nas pernas que passam.

Os seus cães não se privam — ela goza. É uma mera tabela de preços. Se os cães escavacam um bocado do homem — ela paga o bocado; se escangalham o homem todo — ela paga o entêrro.

E êsse marido *imbecil* (como ela tão justificadamente gritou) ¿que ideia o impele, quando assim corre, com a bengala irada, ameaçando, castigando os cães? Penetrado dos sãos princípios da sua Madama sôbre o dinheiro e o mal humano, êle acudira de-certo, polidamente, para poupar ao homem uma despesa... Mas, ¿não sabia o imbecil que ela paga sempre êsses gastos de luxo? ¿Com que direito impede, pois, que os seus «pobres queridos», transportados àquela praia da Normandia para arejar e recrear, saltem às canelas que não são do seu rancho? ¿Êsse seu movimento arrebatado de bengala, nasceria duma baixa inquietação de avarento?

Assim ela de-certo o pensa: por isso o injuría. Retendo os cães, o magricelas só procurou talvez economizar sòrdidamente uma conta de médico!... ¿Quanto custaria o consêrto da perna? Trezentos francos? E por trezentos francos, então, êle rouba aos

seus cães um gôzo, e os humilha pùblicamente e dá pùblicamente uma prova de adunco apêgo ao dinheiro, naquela praia onde alugaram um *chalet* de três mil francos, com cocheiras! Imbecil, escandalosamente imbecil!

Madama, ao menos, mostrou a sua largueza generosa — pronta a pagar qualquer perna, por mais valiosa, que os seus cães consumirem. E é por isso que o acha *imbecil* e o despreza — porque, ao lado dêle, se sente magnânima e sensível. Sim, magnânima, sensível! Nunca ela brutalizaria os seus cães por êles mostrarem alegria e fôrça!

Nunca ela consentiria que homem mordido pelos seus cães desembolsasse dinheiro, precioso dinheiro, na custosa cura das feridas!... E talvez, ante aquela grave e fresca paz do crepúsculo de julho, que lentamente se estendia sôbre a terra e o mar, a nédia matrona respirasse contente, porque, desinteressadamente, diante do céu e do mar, que nunca a convidarão a jantar nem a saüdarão no *Bois*, mostrara magnanidade e mostrara sensibilidade!

¿É uma fera, uma deselegante fera, com aquela deformidade adiposa que só tem a fera humana, quando é fêmea? Não. É uma madama civilizada do *boulevard* Haussmann. Sòmente, é uma dessas almas especialmente sêcas e duras, como as teem feito, na sua classe, desde o reinado de Luís Filipe, a de-

mocracia, o predomínio do dinheiro, a educação positiva, e a decadência do Evangelho.

1897.

(Das *Notas contemporâneas*, 1.ª ed., pag. 411 a 419.)

XIX

VIAJANTES INGLÊSES

Temos a *Travelling-Season*, a estação das viagens, quando o famoso *touriste* inglês faz a sua aparição no Continente. Nesta época (setembro e outubro) todo o inglês que se respeita (ou que, não podendo em sua consciência respeitar-se, pretende ao menos que o seu vizinho o respeite) prepara umas dez ou doze malas e parte para os países do sol, do vinho e da alegria. Os anjos (se o não sonharam, como diz João de Deus) devem assistir então, do seu terraço azul, a um espectáculo bem divertido: tôda a Inglaterra fervilhando no pôrto de Dover — e daí sucessivamente partirem longos formigueiros de *touristes*, riscando de linhas escuras o continente, indo alastrar os vales do Reno, negrejando pela neve dos Alpes acima, serpenteando pelos vergéis da Andaluzia, atulhando as cidades da Itália, inundando a França! Tudo isto são inglêses. Tudo isto traz um *Guia do Viajante* debaixo do braço. Tudo isto toma notas. Isto,

às vezes, viaja com a espôsa, a cunhada, uma amiga da cunhada, uma conhecida desta amiga, sete filhos, seis criados, dez cães, e outros cães conhecidos dêstes cães; e isto paga por tudo isto, sem resmungar! Não, não digo bem: resmungando sempre. Esta viagem de prazer passa-a quási sempre o Inglês a praguejar (mentalmente — porque nem a Bíblia nem a respeitabilidade lhe permitem praguejar alto).

A verdade é que o Inglês não se diverte no Continente: não compreende as línguas; estranha as comidas; tudo o que é estraneiro, maneiras, *toilettes*, modos de pensar, o choca; desconfia que o querem roubar; em a vaga crença de que os lençóis nas camas de hotel nunca são limpos; o ver os eatros abertos ao domingo, e a multidão livertindo-se, amargura a sua alma cristã e puritana; não ousa abrir um livro estranjeio, porque suspeita que há dentro cousas obscenas; se o seu *Guia* lhe afirma que na atedral de tal há seis colunas e se êle enontra só cinco, fica infeliz tôda uma seaana e furioso com o país que percorre, omo um homem a quem roubaram uma oluna; e se perde uma bengala, se não hega a horas ao combóio, fecha-se no hoel um dia inteiro a compor uma carta para *Times*, em que acusa os países continenais de se acharem inteiramente num esado selvagem e atolados numa pútrida desnoralização. Em-fim, o Inglês, em viagem, é

um ser desgraçado. É evidente que eu não aludo aqui à numerosa gente de luxo, de gôsto, de literatura e de arte: falo da vasta massa burguesa e comercial. Mas mesmo esta encontra uma compensação a todos os seus trabalhos de *touriste*, quando, ao recolher a Inglaterra, conta aos seus amigos como esteve aqui e além, e trepou ao Monte Branco, e jantou numa *table-d'-hôte* em Roma, e, por Júpiter! fêz uma sensação dos diabos, êle e as meninas!...

(Das *Cartas de Inglaterra*, 1.ª ed., pá 22 a 24).

XX

AS CATÁSTROFES E AS LEIS DA EMOÇÃO

O BOM Senhor S. Vicente de Paulo, a quem o encontro de uma criancinha tremendo de frio ao canto de uma rua arrancava prantos desolados, que corriam em-quanto êle corria com a criancinha sôfregamente apertada nos seus santos braços, só teria um pálido e resignado suspiro quando ouvisse que também na Tartária, em outras vielas regeladas, outras criancinhas tiritavam e choravam — se é que a homem tão ocupado com as misérias de França restava tempo para suspirar com as misérias da Tartária. E até talvez o muito divino S. Francisco, o adorável pobrezinho de Assis, irmão de todos os seres, e para quem os próprios passarinhos das veigas de Itália eram irmãos muito queridos, não sentisse a sua costumada ternura, tão alvoroçada e activa, pelos pobres da Noruega, e não se reconhecesse inteiramente irmão dos pardaizinhos da Finlândia!....

....A distância e o tempo fazem das mais grossas tragédias ligeiras notícias — onde nenhum espírito são, bem equilibrado, encontra motivo de angústia ou pranto. Hoje, certamente ninguém, a não ser algum velho e alto dignitário da Igreja ou do Estado, assistiria, com os olhos secos e o coração quieto, ao suplício de Joana d'Arc: — mas nenhum fisiologista garantiria a sanidade intelectual dum sujeito, que na solidão da sua alcova, com as janelas cerradas, se desfizesse em lágrimas por os Inglêses terem outrora supliciado Joana d'Arc....

....Bem recordo uma noite em que, numa vila de Portugal, uma senhora lia, à luz do candieiro, que dourava mais radiantemente os seus cabelos já dourados, um jornal da tarde. Em tôrno da mesa outras senhoras costuravam.

Espalhados pelas cadeiras e no divã, três ou quatro homens fumavam, na doce indolência do tépido serão de maio. E pelas janelas, abertas sôbre o jardim, entrava, com o sussurro das fontes, o aroma das roseiras. No jornal que o criado trouxera e ela ncs lia, abundavam as calamidades. Era uma dessas semanas, também, em que pela violência da natureza e pela cólera dos homens se desencadeia o mal sôbre a terra.

Ela lia as catástrofes lentamente, com a serenidade que tão bem convinha ao seu serêno e puro perfil latino. «Na ilha de Java um terremoto destruíra vinte aldeias, matara

duas mil pessoas...» As agulhas atentas picavam os estofos ligeiros; o fumo dos cigarros rolava docemente na aragem mansa; — e ninguém comentou, sequer se interessou pela imensa desventura de Java. ¡Java é tão remota, tão vaga no Mapa! Depois, mais perto, na Hungria, «um rio transbordara, destruindo vilas, searas, os homens e os gados...» Alguém murmurou, através de um lânguido bocejo: — «¡Que desgraça!» A delicada senhora continuava, sem curiosidade, muito calma, aureolada de ouro pela luz. Na Bélgica, numa *grève* desesperada, de operários que as tropas tinham atacado, houvera, entre os mortos, quatro mulheres, duas criancinhas... Então, aqui e além, na aconchegada sala, vozes já mais interessadas exclamaram brandamente: — «¡Que horror!... Estas *grèves!*... Pobre gente!...» De novo o bafo suave, vindo de entre as rosas, nos envolveu, em-quanto a nossa loira amiga percorria o jornal atulhado de males. E ela mesma, então, teve um *oh* de dorida surpresa. No sul da França, «junto à fronteira, um trem, descarrilando, causara três mortes, onze ferimentos...» Uma curta emoção, já sentida, já sincera, passou através de nós, com aquela desgraça quási próxima, na fronteira da nossa península, num combóio que desce a Portugal, onde viajam portugueses... Todos lamentámos, com expressões já vivas, estendidos nas poltronas, gozando a nossa segurança.

A leitora, tão cheia de graça, virou a página do jornal doloroso e procurava noutra coluna, com um sorriso que lhe voltara, claro e serêno... E, de-repente, solta um grito, leva as mãos à cabeça:

—¡Santo Deus!...

Todos nos erguemos, num sobressalto. E ela, no seu espanto e terror, balbuciando:

— Foi a Luísa Carneiro, da Bela-Vista... ¡Esta manhã! Desmanchou um pé!

Então a sala inteira se alvorotou, num tumulto de surpresa e desgôsto.

¡As senhoras arremessaram a costura; os homens esqueceram charutos e poltronas; e todos se debruçavam, reliam a notícia no jornal amargo, se repastavam da dor que ela exalava!... A Luïsinha Carneiro! Desmanchara um pé! Já um criado correra, furiosamente, para a Bela-Vista, buscar notícias, por que ansiávamos. Sôbre a mesa, aberto, batido da larga luz, o jornal parecia todo negro, com aquela notícia que o enchia todo, o enegrecia.

Dous mil javaneses sepultados no terremoto, a Hungria inundada, soldados matando crianças, um combóio esmigalhado numa ponte, fomes, pestes e guerras, tudo desaparecera — era sombra ligeira e remota. Mas o pé dasmanchado da Luísa Carneiro esmagava os nossos corações... ¡Pudera! Todos nós conhecíamos a Luïsinha — e ela morava adiante, no comêço da Bela-

-Vista, naquela casa onde a grande mimosa se debruçava do muro, dando à rua sombra e perfume...

(Das *Cartas familiares e Bilhetes e Paris (1893-1896)*, 3.ª ed., pág. 253 e ss.)

XXI

NATIVISMO AMERICANO

Não há nenhuma originalidade nesta doutrina do Nativismo. Nem ela nasceu na América. Mais de dous mil anos certamente são passados, desde que a China a concebeu e a praticou. O nativismo é, com efeito, um produto chinês, adoptado durante algum tempo pelo Japão, depois por êle abandonado como caduco e caturra, e agora pôsto com grande alarido, em circulação, pelos povos americanos.

Foi durante a dinastia dos Tsin, e reinando o imperador Huan-Ti que apareceu na China e se apoderou dos espíritos êste princípio novo do Nativismo. Êsse imperador Huan-Ti era um bandido, de ilimitado orgulho, ignorante e falso, que alterou tôda a constituïção política da China; delapidou as finanças; inventou uma religião grotesca, em que confusamente entravam a Humanidade e três Espíritos que habitavam uma ilha; cometeu o sacrilégio de reformar o calendário; perseguiu os poetas e os eruditos,

e queimou todos os livros sagrados da China. (O que prova que as ideias extravagantes nascem sobretudo nos tempos de anarquia e de decadência moral).

Sòmente, os Chineses puseram na aplicação dêste princípio, imposto por um tirano fantasista, aquela coerência forte e rigor que sempre os caracteriza, na prática das suas instituïções. Desde que o escandaloso Huan-Ti e os seus Mandarins (entre os quais dominava um certo Liseu, meio letrado e meio feiticeiro) conceberam a ideia de que o uso da China devia ser vedado a todos os que não fôssem *nativos* — fecharam a China, fecharam materialmente tôda a China, do lado da terra com a Grande Muralha, e do lado do mar, nas embocaduras dos rios, com fortes correntes de bronze e hediondos dragões de madeira pintada. Depois, assim enclausurados na sua China, como numa imensa e silenciosa cidadela, o mundo nunca mais soube dêles e quási perdeu a noção da sua existência entre as gentes. De resto, durante os seguintes séculos, se, apesar de tôdas essas correntes e muralhas, algum estranho penetrava na China, por motivos espirituais ou temporais, logo uma populaça nativista corria sôbre êle com bambus e cutelos, e do intruso abominável só restava em breve uma massa moída e retalhada, em cima dum charco. Os Japoneses, mais doces e de natureza scéptica, nunca se abandonaram a estas ferocidades nativistas, e, quando muito,

corriam o estranjeiro à pedrada, pelas ruas, até ao batel de que êle desembarcara. E na América, ainda mais doce e mais polido, o nativismo todo se limita a alguns gritos nos jornais — e o intruso é meramente corrido a adjectivos. Assim, as ideias fortes, na sua costumada marcha de Oriente para Ocidente, se enervam e se amolecem,

Considerando porém, com seriedade, e sem desejos de sorrir, èsse curioso fenómeno do nativismo chinês, muito fàcilmente se lhe encontra justificação, e até grandeza. Os Chineses não são sòmente os primitivos senhores da terra da China, mas são os primitivos e únicos criadores da sua civilização, que é só dêles, bem original e bem própria, sem mistura de ideia ou forma alheia. Foram êles, só êles, que tiraram da sua razão, do seu sentimento e da sua fantasia, tudo o que temporalmente e espiritualmente constitui a China: a sua organização política, a sua religião, a sua moral, o seu direito, a sua agricultura, a sua indústria, a sua literatura, a sua arte, os seus ceremoniais, as suas armas, os seus trajes... Tôda a China é absolutamente e ùnicamente de invenção chinesa. Não há ideia ou costume, nem mesmo uma pequena regra de etiqueta, nem mesmo uma ligeira forma de vaso, que fôsse importada do mundo exterior, que para êles é bárbaro, e que fica para além da grande Muralha e do Mar Amarelo. E tão intensamente homogénea é esta civilização, que qualquer ideia

ou costume que chegue de fora e consiga cair nesse compacto fundo de custumes e de ideias, não se funde, não penetra na circulação da vida ambiente : fica enquistada, no lugar em que pousou, como um caroço estéril, e em breve se mirra e se desfaz. E pelo mesmo motivo, para onde quer que emigre (agora que emigra), o Chinês instala uma pequena China, onde vive de uma existência só chinesa, tendo já ao lado um esquife chinês, para que, apenas morto, o reconduzam dentro dêle à grande China.

Dada pois esta absoluta originalidade e homogeneidade da sua civilização, o nativismo chinês é lógico e legítimo. O Chinês prova soberbamente que, para construir uma civilização completa, tôda inteira, desde as bases da moral até ao feitio dos sapatos, e sòlidamente estável (a mais estável que conhece a história), não lhe foi necessário importar um único princípio, um único utensílio, uma única forma linear : — e portanto muito justamente pensa que o homem alheio à China, o Estranjeiro (que era um selvagem quando êle já exercia tôdas as artes) não tem direito a gozar e partilhar os benefícios de uma obra que nada lhe custou, nem a êle, nem aos seus, e para a qual não contribuiu com nenhum elemento fundamental, nem mesmo com nenhum retoque que a embelezasse. Por outro lado, essa civilização, que êle só concebeu, tanta felicidade lhe dá (para o Chinês, como todos os moralistas e

poetas afirmam, não há ventura mais certa na terra, do que nascer e ser Chinês) que não pode admitir que o Estranjeiro venha, com as suas ideias, e as suas crenças, e os seus métodos, desmanchar a harmonia da sua ordem social, macular-lhe talvez a pureza, abalar-lhe talvez a solidez, e comprometer portanto essa imensa felicidade que nela encontram, há mais de quatro mil anos, mais de quatrocentos milhões de homens. O sentimento dos Chineses realmente equivale ao que seria o nosso, na Europa, se os amarelos viessem com missionários, com empreiteiros, com letrados, com artífices, instar, fazer propaganda para que nós usássemos rabicho, habitássemos casas de bambu e papel, e viajássemos em liteiras de machos, só lêssemos o livro dos *Deveres filiais* e queimássemos cada manhã um rôlo de cera perfumada, em louvor de Confúcio. ¡Como a Europa então soltaria o grito unânime e feroz de supremo nativismo: — ¡Fora os Chineses! A Europa é para os Europeus!

De resto, êsse grito rancoroso já o brama sem cessar a Califórnia contra os pobres *celestiais* que veem trabalhar a S. Francisco, sem que êles intrusivamente missionem as suas ideias ou os seus costumes (como nós fazemos na China), e só porque no meio da cidade branca, de raça saxónia irisada de espanhola, faz uma mancha irritante aquela colónia amarela, de cabaia e de rabicho, que cheira adocicadamente a ópio.

Mas, se o nativismo chinês, fundado na originalidade e intransigência da sua civilização, é claramente compreensível — ¿quem pode compreender o nativismo americano e a pretensão estranha de excluir a Europa do uso e gôzo de uma América que a Europa fêz com o esfôrço do seu génio, e que todos os dias, incessantemente, continua fazendo como a sua obra mais querida? ¡Todos os dias! Pois, como disse com fina profundidade um humorista inglês, o que a Inglaterra sobretudo exporta para os Estados-Unidos é — *os próprios Estados-Unidos*. Com efeito, de cada pôrto da Europa, em cada paquete, vão Estados-Unidas para os Estados-Unidos (assim como vai Brasil para o Brasil)—vão os homens, e vão as ideias, vão os obreiros, e vão os materiais com que se erguem as civilizações. E cada semana, por cada paquete, a América recebe um bocado de si mesma, com que se vai robustecendo e com que se vai alargando. De norte a sul, não há em todo o continente americano (com excepção dos toucados de penas dos Índios) um único princípio, um único costume, uma única forma, que fôsse originàriamente inventada na América. Tudo foi aqui concebido por nós e por nós experimentado, num prodigioso labor de séculos. Os Chineses criaram a sua religião, o seu direito, a sua moral, a sua filosofia, a sua arquitectura, o seu alfabeto. Mas a arquitectura, a moral, os códigos, os dogmas usados na América,

tôdas as instituïções fundamentais da sua sociedade, são a obra magnífica de alguns Europeus que nunca conheceram a América. As línguas em que a América proclama os princípios do seu nativismo foram pela Europa inventadas e polidas. A própria tinta com que imprimem os jornais em que nos acusam de intrusos, fomos nós que a imaginámos e remexemos. E se os Europeus nunca tivessem fabricado sapatos, — ¡ainda as finas damas de New-York andavam descalças!

Os elementos primordiais desta civilização foram levados, é certo, para a América pelos primeiros Europeus nas primeiras naus. Mas, depois dêsses dias imprudentes de Colombo, de Cabral, de Magalhães, de Balboa, de Grijalva, quási quatrocentos anos são passados. Neste comprido espaço de história os Americanos, estabelecidos no seu continente, tendo fixado as divisões geográficas, tendo experimentado as terras aráveis, com o *habitat* e o pão seguros, bem poderiam ter desenvolvido êsses elementos e completado uma civilização sua, própria, adaptada ao seu clima, à sua natureza, às necessidades novas das raças fundidas. ¡Mas não! Essa América, que tanto se ufana de génio inventivo, nada inventou nestes últimos trezentos anos, que teem sido os mais fecundamente activos da humanidade. ¡E fomos nós aqui, nesta esfalfada Europa, que, suando e gemendo, continuámos a espantosa ta-

refa da civilização, descobrindo as leis universais, criando as sciências naturais, construindo os sistemas de filosofia, apurando a beleza das artes, fundando indústrias, dando ao mundo a imprensa, a electricidade, o gás, o vapor, os teares, os telégrafos, milhões de livros, tôda a sorte de ideias!... E dêstes benefícios inumeráveis, recebidos pelas naus da carreira, logo a boa América se utilizava e gozava, conspirando já, surdamente, contra a nossa supremacia. O motivo que ela invocava para esta sua soturna abstenção na obra humana do Progresso, era que o seu génio estava sufocado sob a dureza do regime colonial. Vieram as independências, findaram os regimes coloniais—e a América continuou ùnicamente a viver à custa intelectual da Europa. Em mais de um século de independência, êsses próprios Estados-Unidos, que se proclamam o povo iniciador da América, não teem concorrido para a obra da civilização do mundo com um ideia nova, nem com uma forma nova. Quando muito, fazem aplicações subalternas e complicadas dos nossos princípios originais. A sua única invenção é talvez o telefone—que, se não fosse emendado e refundido pelos mecânicos inglêses, ainda hoje permaneceria um aparelho grotesco e radicalmente inútil.

Ora, é esta a América, a quem a Europa forneceu todos os elementos essenciais para ela existir socialmente, e polìticamente, e in-

telectualmente, e industrialmente, que agora grita à Europa, com soberbo desplante: — «¡Fora dêste continente, que é nosso e que nós fizemos! A América é exclusivamente para os Americanos! Nós não queremos cá nem a vossa influência, nem a vossa actividade, nem quási a vossa presença!»

É grave. E há aqui certamente, pelo menos, uma escandalosa ingratidão. Porque, se Europeus e Americanos definitivamente se desquitassem e cada um recolhesse aquilo que é obra lenta do seu génio, os Americanos ficariam sùbitamente sem religião, sem leis, sem moral, sem sciência, sem artes, sem indústrias, sem costumes, sem tudo o que constitui a vida superior dum povo, e seriam apenas uns selvagens louros, uns *Peles-Brancas*, absolutamente iguais aos *Peles-Vermelhas* que êles consideram uma mancha na civilização do Continente e que por isso perseguem a tiro, como os ursos e como os búfalos.

¡Não! Só é legìtimamente admissível o nativismo, num povo que, como o chinês, tenha originalmente concebido e realizado a civilização, e que não quer portanto que o Estranjeiro, introduzindo nela principios e formas heterogéneas, lhe desmanche a beleza e a utilidade. Uma muralha da China é então uma construção perfeitamente racional. Um tal povo já soberbamente provou que a si próprio se basta e se completa, e que, na ordem espiritual e na ordem material, é

independente de todos, não sendo, pela fôrça experimentada das suas instituïções, inferior a nenhum.

O seu nativismo representa então a justa e necessária defesa dessas instituïções, onde encontrou felicidade e estabilidade. Mas entre povos de civilizações idênticas, e dos quais um, o nativista, tudo recebeu do outro, desde os dogmas até às ferramentas, o nativismo é simplesmente o *mêdo egoista da concorrência.* ¿E de que pode provir êsse mêdo? Unicamente do *sentimento da própria inferioridade.*

E eis aí porque eu não compreendo o nativismo em povos tão orgulhosos como os povos americanos — pois que dêle resulta meramente que o homem da América se declara em altos brados, e ante o mundo, inferior ao homem da Europa.

¿O que significa realmente o Americano, proclamando nos seus jornais ou nos seus parlamentos que aquele seu bocado da América é só para êle e que não quer lá, nem a influência, nem a actividade, nem mesmo a presença do Europeu? Significa, no fundo, simplesmente esta confissão bem humilhante: — «Eu sou indolente, o Europeu é laborioso; eu sou obtuso, o Europeu é forte... ¡Se o Europeu aqui entra, eu, na luta e concorrência da vida, sou indubitàvelmente vencido! Portanto, ¡ergamos contra o Europeu uma grande muralha, à boa moda da velha China!»

O', Americano, meu valente, ¿como podes tu, sem còrar, fazer uma tal confissão de fraqueza?... E depois considera que, se tu próprio te declaras inferior ao Europeu em actividade, inteligência e fôrça, — implìcitamente reconheces que o Europeu, possuindo qualidades superiores às tuas, poderá muito melhor que tu explorar, valorizar, civilizar, para bem geral da humanidade, êsse pedaço de América de que tu és o dono geográfico. Os interêsses superioros da humanidade reclamariam, portanto, que êsse bocado da terra te fôsse expropriado, e que outros (que tu próprio reconheces como mais fortes e mais hábeis) fôssem aí criar a obra de civilização, que tu, com as mãos contritas sôbre o peito, te confessas impotente para fundar.

E se insistisses na tua muralha, não deverias estranhar que os outros a atacassem em nome dêsses altos interêsses humanos, e fundados nas confissões de inferioridade intelectual e física — ¡que tu fizeste tão transparentemente, quando prègavas o teu nativismo com um ímpeto que era todo feito de abdicação!

¡Nativismo! ¿Quem pode conceber a Inglaterra, ou a França, ou a Alemanha, ou nações onde haja um pensamento e um braço, prègando o nativismo, e regateando a qualquer homem o direito de vir para o meio delas labutar na obra humana? De resto não existem, na realidade, povos nati-

vistas. O que existe em cada povo é um certo número de nativos que, por falta de qualidades activas, destras e rijas, sucumbem e murcham naquelas mesmas carreiras em que outros, que não são nativos, prosperam e florescem.

É o lojista que tem de fechar a porta deserta, em-quanto ao lado o lojista estranjeiro alarga a sua, onde a multidão se apinha. É o escritor que vê os livros estranjeiros vendidos, discutidos, envolvidos na vida intelectual, em-quanto os seus, ao fundo dos armazéns, apodrecem, no silêncio, na escuridão e no pó das obras mortas. É o arquitecto a quem nem o Estado, nem os particulares confiariam a construção dum muro de quintal, e que assiste aos triunfos do arquitecto estranjeiro, encarregado de cobrir a cidade de casas e monumentos. É o médico sem doentes, que por trás dos vidros, roendo sombriamente as unhas, conta a longa fila de clientes que enfia para dentro da porta do seu vizinho, o especialista estranjeiro. É sobretudo o homem das profissões liberais, ávido de publicidade, de posição, de influência, que permanece na obscuridade, no abandôno, ao passo que o Estranjeiro é acolhido, reclamado, festejado. Estes são os verdadeiros nativistas — os que *falharam*, em face do Estranjeiro que *acertou*. A ilusão e a vaidade nunca lhes consentiriam reconhecer que a sua derrota proveio da sua insuficiência: — e é como con-

solação interior, e mesmo como desculpa pública, que êles se consideram e se proclamam vítimas de uma vasta calamidade social — a invasão das raças estranjeiras, que alastra, tudo atravanca, se impõe pela brutalidade do número e pela parcialidade do privilégio, e tiram ao pobre nativo, esmagado, a parte que lhe competia do pão e do solo natal. A identidade do descontentamento faz que todos estes descontentes se juntem, mùtuamente desabafem, e se exaltem, e findem por organizar uma seita que vá prègando a salvadora ideia nativista. E na maior parte dos casos, não é com a esperança que essa ideia triunfe, pois que êles sentem bem quanto ela é socialmente intriunfável; mas apenas com o intuito em parte ingénuo e em parte astuto, de encontrarem no exercício dessa estranha profissão de *nativista* os proventos, a influência fácil e a posição que não souberam grangear nas outras profissões, em que a sua mediocridade foi factora da sua derrota. E êsse intuito freqüentemente o logram — porque tão profunda é a credulidade emotiva das multidões, que não há bandeira nova, por mais frágil, com um mote novo, por mais irracional, que, bem desfraldada na rua, não reúna e levante uma legião. E durante êsse curto momento, o bom nativista saboreia as glórias dum chefe, dum Messias. Mas também tão rápida é a reacção do bom-senso, nas multidões educadas, que, reconhecida a fra-

gilidade da bandeira e a irracionalidade do mote, a legião que se formara ao comêço da rua, fica reduzida, antes mesmo que desemboque na praça, a alguns arruaceiros e a alguns simplórios.

É êsse o desagrádavel momento para o nativista — porque então se descobre que aquilo, que se julgara ser o movimento forte de uma nação, era apenas o despeito, ou a manha, ou a ilusão, de alguns falhados.

Por isso nunca me inquietei quando, há um ano, tanto se falava na agitação nativista do Brasil. ¡ O Brasil nativista ! ¿ Porquè ? É possível que aí, como em tôda a parte, haja um ou outro ladino que visse no exercício do nativismo uma profissão fácil, sem habilitações obrigatórias, sem horas presas, altamente rendosa e mesmo divertida. (¿ Não se tornou hoje em França o anti-semitismo uma carreira soberba, que leva à celebridade e à fortuna ?) É provável também que, sobretudo no Rio, onde a concorrència já é áspera, alguns derrotádos da vida atribuam cândidamente a sua derrota, não à própria inabilidade e fraqueza, mas à fôrça esmagadora de um fenómeno social: ao número invasor das raças alheias. E é quási certo, ainda, que muitos moços, com a ingenuïdade um pouco tumultuosa que é própria da nossa raça, confundindo *nativismo* com *nacionalismo*, tivessem concebido o sonho dum Brasil só brasileiro. Estas ideias e interêsses, tendo um fundo idèntico de nega-

ção, sem dúvida se juntariam, atravancariam a rua com o seu bando e a sua bandeira, e por motivo daquela excitação contagiosa, que tanto prejudica as sociedades meridionais, encontrariam apoio, por um momento, entre multidões crédulas e com os nervos ainda abalados por uma dura guerra civil. Mas essa influência do Nativismo só podia ser (como foi, creio eu) muito transitória, no meio de uma nação tão amorável, tão generosa, tão hospitaleira, *tão europeia* e de tão vasta fraternidade, como é o Brasil, para sua grande honra entre as nações.

As repúblicas semi-mortas da América Central — uma Guatemala, uma Nicarágua, um Equador, são nativistas com paixão, e o seu nativismo é compreensivel, porque nelas não só abundam os homens *falhados,* mas elas próprias são países *falhados.*

Começaram a sua carreira de nacionalidades, sem para isso terem habilitações ou capitais, e em breve caíram em tal desordem civil e em tal miséria moral, que tôda a inteligência, tôda a actividade, tôda a fôrça gradualmente se lhes sumiram, e hoje, qualquer aventureiro que lá entre, sendo um pouco esperto e um pouco vidente, se pode tornar, num instante, o seu explorador e mesmo o seu dono. Mas o Brasil, êsse ¡nativista! ¿Como poderia ser?

O nativismo na América Espanhola é sempre sentimento invejoso de mulato, que tem alma mulata e que falhou. Ora, o Bra-

sil é branco, de alma branca, — e está, como nação, em pleno e vivo êxito (apesar dęstes anos de atrapalhação política, que vem, não da falta das ideias, mas da falta de pessoal, junta a um individualismo exagerado que produz indisciplina). E nem pode deixar de estar em êxito, sendo como é um povo superiormente inteligente, provadamente activo, e escandalosamente rico. Com tais qualidades, ¿que inveja pode êle ter do estrangeiro, e que mêdo da sua concorrência? E não tem, como soberbamente o prova, cada dia, com a sua magnífica franqueza hospitaleira; porque a hospitalidade não é sòmente um sinal de doçura, é sobretudo um sinal de fôrça...

(Das *Cartas Familiares e Bil. de P.*, 3.ª ed., pág. 145 e ss).

XXII

S. CRISTÓVÃO NO CASTELO

...Cristóvão ia seguir, marchar, quando o rumor duma cavalgada ressoou ao longe, e uma comitiva apareceu, caminhando com lentidão. Dois bèsteiros a pé marchavam na frente. Um servo trazia molhos de archotes, para a primeira escuridão da noite. E logo atrás caminhava uma vasta liteira, com cortinas de couro vermelho e topes de plumas aos cantos. Duas damas, ao lado, montavam mulas brancas. Em roda vinham cavaleiros com lanças. E as arcas das bagagens carregavam duas fortes mulas, emplumadas de vermelho.

Cristóvão, logo de pé, tirou humildemente o seu barrete. E vendo aquela forma enorme, esguedelhada, negra, na claridade dourada da tarde, os dous archeiros, estacando, retesavam o arco, e uma das damas deu um grito. A liteira parara, e de entre as cortinas uma dama muito velha, envôlta em peles, espreitou, pondo ante os olhos a mão,

coberta com um guante de caça. Mas Cristóvão, humildemente, caíra de joelhos. Então a dama deu uma ordem: — e um escudeiro, rudemente, mandou aproximar o homem enorme. Êle veio, por entre os cavaleiros, cujas altas lanças, direitas nas selas, não lhe chegavam aos ombros largos. E, pelas cortinas da liteira, descerradas, a velha dama, outra mais nova e pálida, e uma criança loura como um anjo, olhavam com espanto. Cristóvão caiu de joelhos junto da liteira. E como lhe preguntassem a que terra senhorial pertencia, e porque andava só nos caminhos, Cristóvão, na sua simplicidade, só pôde murmurar que vinha de além e tinha fome. A dama mais nova palpou a sua escarcela — e a criança gritou: «¡É o gigante que servia Roldão!» Em roda, os cavaleiros riram com respeito. E sùbitamente o pequeno fidalgo, sentado sôbre os joelhos da velha, pediu, com um lindo mimo, para ter êle também um gigante, que o seguisse, com uma clava. A velha sorria. E, sem hesitar, deu ordem aos cavaleiros para que trouxessem Cristóvão. Com um gesto foi mandado marchar ao lado das bagagens.... E Cristóvão soube, pelos estribeiros, que aqueles eram os senhores do castelo de Riba-Dona, que ficava para além das lagoas.

Bem de-pressa, no alto duma colina, entre grandes bosques que desciam para o vale, surgiram as altas tôrres. Na mais alta

ardia uma chama, que se torcia ao vento. Longas buzinas soaram. E à entrada da ponte levadiça apareceram tochas inumeráveis, que os escudeiros erguiam alto.

O intendente, o senescal, dous frades com hábito, outros cavaleiros, esperavam no pátio. Nas janelas ogivais brilhavam claridades. E o sino da capela repicava alegremente....

.... O pequeno Senhor do castelo (porque seu pai morrera, havia dous anos, na guerra do Rei da Ocitânia) tinha feito seis anos pelo Natal, e era tão delicado e louro, que pareceu a Cristóvão o Menino Jesus que havia no altar da capela. Mas, desde criança, fôra educado para ser um cavaleiro forte: tôdas as manhãs lhe esfregavam os lábios com um pedaço de oiro bento, para que as suas falas fôssem honestas e brilhantes; a sua roupa era secada ao lume sôbre o fio duma grande espada, para que crescesse forte e amigo das armas; e trazia ao pescoço um pedaço do Santo Lenho, para que o seu coração se enchesse do amor do céu. O seu encanto fôra sempre ouvir as histórias dos Paladinos. De noite sonhava com Roldão, e estendia o braço para empunhar a grande trompa que soara em Roncesvales. E desejava libertar damas presas em tôrres, domar dragões, e ser servido por um gigante armado duma clava.

E ali o tinha, o seu gigante, maior do que todos aqueles de que ouvira falar, nos se-

rões de inverno, aos trovadores que passavam esmolando, ou aos peregrinos que tinham visto as maravilhas da Terra Santa...

.... Deitado, essa noite, numa velha cavalariça abandonada, Cristóvão sentiu uma grade paz, e como um calor que o envolvia, vindo menos da palha fresca em que jazia, do que do sentimento vago de que alguém o estimava e queria, necessitava dêle. Era aquela criança, tão linda, tão nobre, com os seus lindos cabelos de ouro...»

.... Ao primeiro alvor da madrugada, antes que a buzina das sentinelas anunciasse o dia, Cristóvão, saindo por uma porta aberta, foi rondar em tôrno do castelo. Nunca êle vira construções tão magníficas. Uma longa muralha envolvia tôda a colina. Os nenúfares cresciam na água dos fossos. E, para além, eram arvoredos, terras de cultura, por onde um rio, coberto àquela hora de névoa, serpeava por entre grandes choupos.

Desde tanto tempo havia paz naqueles feudos senhoriais, que a erva crescia nas fendas da ponte levaliça. A fôrca patibular, sob a clemência das Damas que governavam, tinha as vigas apodrecidas e verdes de musgo. De sôbre o torreão erguia-se uma lança, com um morrião espetado, e uma cabaça, significando que ali se dava hospitalidade a cavaleiros e peregrinos....

.... Às vezes, pela tarde, um repique de pandeiretas, de guizos, anunciava a chegada duma companhia de menestréis e jograis:

um dêles, com o barrete na mão, pedia permissão para dar uma representação no pátio. As damas vinham ao balcão; todos os pagens corriam; o arquivista deitava a cabeça fora da janela da tôrre; os cozinheiros espreitavam de entre as reixas de ferro: — e no pátio os jograis, atirando bolas, dançando na corda, erguendo pesos ou representando farças, levantavam grandes *ah! ah!*, lentos e maravilhados. Quando saíam, sempre algum dêles chamava Cristóvão com um gesto discreto — e fora da ponte levadiça persuadiam-no a vir com êles, na vida livre e alegre, percorrer os castelos, visitar as feiras, entrar nas cidades, ganhar dinheiro para a velhice. Êle recusava, com um mover lento da cabeça. E êles seguiam, voltando-se ainda para o ver, calculando os ganhos que teriam com a exibição daquele gigante.

Outras vezes era uma comitiva de fidalgos, que chegava em visita. O pátio estava todo sonoro do relinchar dos corcéis. Os pagens corriam azafamados. Nas janelas batiam-se as alcatifas: — e nas cozinhas, o mestre, mais afogueado e vermelho que um pimentão, preparava grandes empadões, donde saïriam pombas vivas. Nesses dias o menino tinha orgulho de mostrar o seu gigante: e, diante dos cavaleiros pasmados, Cristóvão corria em tôrno, com o menino a cavalo no ombro. E o capelão dos hóspedes tomava sempre as medidas de Cristóvão, para relatar nas histórias.

Outras vezes, já por noite escura, ressoava às portas do castelo uma trombeta de guerra. E um cavaleiro entrava, silencioso, coberto de ferro, seguido do seu escudeiro. Uma camareira corria com o gomil de água perfumada, para lhe derramar nas mãos; um pagem desembaraçava-o da sua lança; outro marchava adiante, com uma tocha de cera: — e o cavaleiro, com o seu elmo na mão, sacudindo os cabelos, lançava um nome sonoro de paladino, famoso já naquelas terras. Ou então era um peregrino, que os escudeiros levavam primeiro à cozinha, onde êle alargava o seu manto diante do lume, para o secar da humidade dos caminhos. Cristóvão segurava com respeito o seu bordão, donde pendia uma cabaça. Em breve um capelão o conduzia às damas, a quem êle contava as suas jornadas, as maravilhas do Santo Sepulcro: — e Cristóvão esperava, para lhe beijar a orla da sua esclavina, que tocara no túmulo do Senhor.

Assim os anos passavam....

*

* *

.... Como a paz era tão grande, nenhum dos serviços de guarda era feito com exactidão: as sentinelas dormiam nos torreões, como frades no locutório; os porteiros deixavam os molhos de chaves pendentes das argolas de ferro; e a tôrre dos arquivos não

precisava ser guardada. Logo, pois, que a varria, Cristóvão, tomando o bordão, ia pelas terras do feudo, pelos casebres dos colonos e servos.

Todos o conheciam. Havia sempre para êle um pichel de vinho: — e Cristóvão brincava com as crianças, ou ajudava a tosquear os anhos. Pouco a pouco, tornou-se o serviçal de todos, e, como outrora na sua aldeia, era êle que acarretava os fardos, rachava a lenha, compunha os telhados, lavrava os chãos mais duros....

.... Cristóvão recolhia ao castelo, pensativo. E tôdas aquelas tôrres, aquelas muralhas, lhe pareciam dum aspecto cruel, e hostil ao pobre. ¿Porque não haveria para todos a mesma lareira, o mesmo pão? Aqueles tesouros que êle guardava na tôrre seriam a abundância para criancinhas sôbre tôda a terra. ¿Para que eram tantas armas? Os homens não se deviam combater, mas sòmente abraçar, em concórdia.

Um dia que êle assim pensava, sentado à beira dos fossos, um velho veio a passar, um dos servos do castelo, picando o seu burro carregado de erva. Parecia ter pressa, e no seu olhar havia como uma inquietação. Ao ver Cristóvão parou, dizendo: «¡Novas más, novas más!» E como Cristóvão arregalava os olhos simples, o servo contou que no mercado de onde viera corria entre a gente que um bando de servos se levantara, num domínio, para trás das colinas, tendo por

brado: «¡Morte aos castelos!» Outros servos se tinham juntado, com chuços. Tôda a terra parecia em revolta. E já dois castelos tinham sido atacados, as damas mortas, as crianças mortas, e agora as duas tôrres ardiam sôbre a colina. E sem outra palavra, picou o seu burro carregado de erva. Mas imediatamente Cristóvão se ergueu e o começou a seguir. Quando chegou, atrás dêle, à aldeia, já havia gente no adro, já se falava baixo à porta dos casais. A nova viera no vento, e a todos espantava. Nas faces dos homens moços havia como uma emoção, uma dúvida, se não seria o dever de todos tomar as fouces, as enxadas, fazer armas com o ferro dos arados, ir juntar-se aos irmãos de servidão, vingar os pobres. Os velhos abanavam a cabeça, numa grande prudência. ¿ De que serviria ? Sempre os barões venceriam, descendo nos seus grandes corcéis. E as mulheres, inquietas, lembravam a bondade das damas do castelo, as suas esmolas, os pedaços de anho que pelo Natal mandavam a todos os casais. ¿Que seria, se o bando viesse atacar o castelo ? Não havia soldados para o defender, nem armas. ¡Pobres senhoras, tão sós e fracas! Pobre condezinho, tão fraco e só !

Cristóvão escutava em silêncio. E em silêncio também, recolheu ao castelo. Tôda essa tarde rondou as muralhas, como para lhes estudar a solidez e resistência. Depois,

com os seus punhos fortes, palpou as portas. E como nesse momento o intendente passava, seguido do seu grande cão, preguntou:

— ¿ Que fazes, Cristóvão?

Êle respondeu:

— Anda gente má pelos campos: é necessário levantar a ponte.

O intendente sorriu, encolheu os ombros — e nessa noite fêz rir as damas, contando os terrores do gigante. Cristóvão, porém, não dormia. No alto da tôrre da almenara, tôda a noite espreitou as terras em redor. Ao longe, sôbre uma colina, havia como fogos dum acampamento. Mas nenhum rumor se ouvia, senão o cantar dos sapos na planície.

Quando a alvorada veio, Cristóvão desceu; — e indo às abegoarias, escolheu duas trancas enormes de ferro, que serviam para trancar as portas, agora desusadas. Depois a sineta tocou à missa, no ar fino. O arquivista veio sentar-se entre os seus in-fólios, e as damas distribuíam o trabalho às fiandeiras e às servas. E todo o castelo repousava na santa paz do domingo — quando um pagem, que nas ameias fazia uma armadilha aos pássaros, soltou um grito, que acordou os archeiros, adormecidos na sua guarita de pedra. Logo um som de buzina, um grande apêlo de alarme ressoou. Todos os pagens correram às ameias. As damas apareceram por trás das vidraças do

balcão. E os cozinheiros saíam aos pátios, com as suas caçarolas na mão.

Bem de-pressa correu o grito que um bando armado avançava sôbre o castelo. Os pagens correram, em confusão, à sala de armas, a tomar espadas, lanças. Os guardas trancavam as portas, desesperadamente. E o intendente, com os cabelos ao vento, gritava que se aquecesse o pez, o alcatrão, para despejar sôbre o bando, se êle quisesse escalar as muralhas. Mas ninguém escutava, na desordem. A longa paz desabituara os habitantes do castelo da disciplina, da prontidão. Não havia um cavaleiro para comandar. E as mulheres, correndo para a capela, e chorando, amoleciam os corações.

Sùbitamente um grande alarido ressoou sob os muros. Cristóvão subiu às ameias: — viu um bando imenso de homens, servos em farrapos, furiosos, brandindo foices, chuços, tochas, amontoando-se na ponte levadiça, que ninguém se lembrara de erguer, em-quanto outros em redor, a grandes machadadas, abatiam as fôrcas patibulares e o banco de pedra de justiça, que o musgo cobria, sob o olmo senhorial. Já golpes de machado ressoavam contra a porta, fazendo saltar faíscas. Um tronco enorme, que mãos inumeráveis sustentavam, foi trazido, arremessado, como um aríete, contra a porta, em que êle marrava como um carneiro. De cima, os archeiros despediam frechas, com mão mal segura. Cada grito de ferido mais

excitava a turba; as machadadas redobravam — e a velha porta bem de-pressa foi aberta em lascas. Então os archeiros, os pagens, desceram para se refugiar na tôrre — e Cristóvão, tomando nas mãos as trancas de ferro, correu para a tôrre senhorial. Dentro, na grande sala abobadada, estavam as damas, pálidas, uma junto da outra, com o condezinho entre elas, quási escondido nos seus vestidos. O velho senescal rezava, de joelhos. E em tôrno amontoavam-se os in-fólios, os arquivos da casa, as grandes árvores genealógicas, tudo o que fazia o orgulho daquela família. Era como a cidadela do feudalismo, onde tudo se achava resumido, a esperança duma casa, os seus títulos, os seus tesouros, todo o seu orgulho. ¡E tudo aquilo era ameaçado por uma plebe revôlta!....

....Os pagens, mais pálidos que a cera, amolecidos pelos anos de paz, sem educação guerreira, faziam diante das mulheres uma sebe de espadas — espadas cujas pontas tremiam. O capelão rezava, de bruços. E o arquivista estendia os braços por cima dos seus in-fólios, como para os proteger, com os olhos cravados na porta, e estremecendo a cada machadada. Só a avó parecia serêna, sustentada pelo seu orgulho, com o peito direito, como preparado para a morte, em-quanto a nora sucumbia, agarrada ao filho, banhando-o de lágrimas. E pela escada de caracol, que subia ao pavimento supe-

rior, apinhava-se a criadagem, as aias,— algumas ainda com a sua roca na mão.

¡Sob os golpes desesperados, a porta cedia! Pelas fendas da muralha entrava o fumo das fogueiras, que os *Jacques* acendiam no pátio, para pegar o fogo ao castelo, com os móveis que arrastavam das salas, cadeiras brasonadas, arcas cheias de estofos. Já ninguém contava com a vida. Duas aias velhas, de rosários na mão, pediam a absolvição ao padre, que as não escutava, de joelhos, batendo os queixos, entre gritos de *misereres.*

De-repente a porta cedeu, tombou sob os seus grandes gonzos estalados — e pontas de chuços, de foices, faces lívidas, braços descarnados, irromperam, numa fúria de matança. As damas tinham fugido. Já um grande velho, em farrapos, pulava por sôbre a porta, com uma foice em cada mão — quando, do fundo da abóbada, Cristóvão surgiu, enorme, com a face ardente, uma barra de ferro em cada mão.

Foi como uma aparição — e a turba furiosa recuou com terror. Era como se surgisse ante ela, visível, real, êsse gigante monstruoso, guardador de tôrres, de que êles tinham ouvido falar, pálidos de espanto, nas histórias contadas à lareira. E nesse momento de espanto, Cristóvão, com um grande brado, carregou sôbre a turba, que recuou em tropel, recolhendo os chuços e as foices. Baixando a cabeça, Cristóvão rompeu da porta como uma grande tôrre, e no grande

ar do pátio a sua figura escura, coberta duma pele de lobo, com duas chamas brilhando sob a hirsuta sebe das sobrancelhas, pareceu saída do inferno, e como cheia de fôrça invencível. Os seus brados faziam tremer os muros: — e as duas barras de ferro, furiosamente, cortavam o ar, silvando. A cada um dos seus largos passos, a turba recuava, com um rouco murmúrio de terror. Alguns tinham fugido por entre as fogueiras, onde ardiam os grandes móveis de carvalho lavrado. As mulheres do bando gritavam que era o demónio; — e um ou outro chuço que se erguia, voava em lascas sob o golpe da barra de ferro.

Para trás, para trás, sempre para trás, ia a turba, reatravessando os pátios, tropeçando nos servos que matara, caindo por sôbre os lumes que acendera. Já estavam contra a muralha. Já as costas se voltavam para fugir. Então, com um último urro, que atroou tôda a colina, carregou sôbre a turba, — que, num súbito pavor, varou a porta aberta, galgou a ponte levadiça, desceu de roldão a colina, até parar no vale, onde os carros esperavam. E Cristóvão, passando também a ponte, ficou no meio da colina, imóvel, grande como uma tôrre, apoiado à sua barra de ferro e limpando o suor.

Mas então, de entre a multidão que em baixo se agitava, um velho avançou, sem armas, com um ramo de oliveira na mão — e caminhou para Cristóvão. A meio da colina parou, e

erguendo os braços preguntou a Cristóvão porque os atacava êle, servo, que de-certo sofria da servidão, a êles, servos também, que no fim de tantos tempos de sofrimento só queriam partilhar de alguma das doçuras da terra? Não era só pelo mal de destruir que êles atacavam os castelos. É que ali, entre as suas muralhas, estava a gente orgulhosa que os escravizava, causava a fome dos seus filhos, o frio das suas moradas, as fadigas sem nome, — e êles vinham simplesmente matar o mal da terra. Êle, velho, que lhe falava, trabalhara cincoenta anos a gleba, tivera o corpo vincado pelos azorragues, vira a sua choupana queimada pelo senhor: em tôrno dêle, longos tempos, seus filhos tinham gritado de fome, tremendo de frio; — e, escorraçado, esmagado, pisado, espremido pela fôrça como um trapo vil, tomara uma faca, e partira a fazer justiça no mundo. De todos os seus, só lhe restava um neto, um neto pequenino, de seis anos, inocente e simples como um anho. E porque êle tirara uma maçã às macieiras do pomar do castelo onde era servo, o Senhor fizera-o dependurar pelas mãos, duma árvore, acirrara contra êle os cães, e tôda uma noite de inverno o deixara, nuzinho, sob a neve. Quando o despregaram da árvore, estava moribundo. E a voz do velho tremia. Cristóvão deixara cair a barra de ferro, e com as mãos vazias e vagas, e abertas no ar, a cabeça caída, parecia pensar, no fundo

da sua simplicidade. E o velho, avançando, preguntava-lhe porque não viria com êles abater os monstros que matam crianças nos seus negros castelos, acabar com os amos cruéis, para que sob o céu, um momento, os humildes respirem e limpem as lágrimas. E o velho limpava as suas lágrimas, com as suas pobres mãos que tremiam. Então, lentamente, Cristóvão apanhou a sua barra. Pouco a pouco desceu a colina. E o velho, adiante, gritava, agitando o ramo, tropeçando nos pedregulhos:

—¡Êste é o grande gigante que nos vem libertar!

Os *Jacques* mal compreendiam. Alguns, vendo descer Cristóvão, fugiam, saltando os valados. Outros, furiosos, enristavam os chuços. Mas Cristóvão, brandindo a barra, gritou:

— ¡Vinde!

E, num impulso irresistível, todo o bando o seguiu, numa aclamação — em-quanto das muralhas do castelo o intendente, entre os homens de armas de pé nas ameias, estendia o braço, mostrando Cristóvão, que se bandeava com os *Jacques*, e partia através das campinas....

(Das *Últimas Páginas*, 1.ª ed., pág. 143 e ss.)

XXIII

O IMPERADOR GUILHERME

(1891)

Desde que subiu ao trôno, Guilherme II, imperador e rei, ainda não deixou de atrair e reter sôbre si a curiosidade do mundo, uma curiosidade divertida e arregalada, de público que espera surpresas e lances — como se êsse trôno da Alemanha fôsse na realidade um palco vistosamente ornado, no centro da Europa. E esta é até agora a obra pitoresca de Guilherme II: — o ter convertido o trôno dos Hohenzollerns num palco onde êle constantemente e soberbamente se exibe, com caracterizações inesperadas. ¡Bem pode, pois, o sentimental heresiarca da *Vida de Jesus* lamentar que a morte lhe não consinta assistir, no quinto acto, à solução dêste imperador problemático! Pois que, por ora, neste primeiro acto de três anos, desde que êle trilha o seu palco imperial, Guilherme II, pela diversidade e multiplicidade das suas manifestações, só tem revelado que existem nêle,

como outrora em Hamlet, os germens de homens vários, sem que possamos preconceber qual dêles prevalecerá, e se êsse, quando definitivamente desabrochado, nos espantará pela sua grandeza ou pela sua vulgaridade. Realmente, neste rei, ¡quantas encarnações da realeza!

Um dia é o Rei-Militar, rigidamente hirto sob o casco e a couraça, ocupado sòmente de revistas e manobras, colocando um render-da-guarda acima de todos os negócios de estado, considerando o sargento-instrutor como a unidade fundamental da nação, antepondo a disciplina do quartel a tôda a lei Moral ou da Natureza, e concentrando a glória da Alemanha na mecânica precisão com que marcham os seus galuchos. E sùbitamente despe a farda, enverga a blusa, e é o Rei-Reformador, só atento às questões do capital e do salário, convocando com fervor congressos sociais, reclamando a direcção de todos os melhoramentos humanos, e decidindo penetrar na história abraçado a um operário como a um irmão que libertou. E logo a seguir, bruscamente, é o Rei-de--Direito-Divino, à Carlos V ou à Filipe-Augusto, apoiando altivamente o seu scetro gótico sôbre o dorso do seu povo, estabelecendo como norma de todo o govêrno o *sic volo, sic jubeo,* reduzindo a Suma Lei à vontade do Rei e, certo da sua infalibilidade, sacudindo desdenhosamente para além das

fronteiras todos os que nela não creem com devoção. O mundo pasma, — e, de-repente, êle é o Rei de Côrte, mundano e faustoso, atento meramente ao brilho e ordem suntuosa da Etiqueta, regulando as galas e as mascaradas, decretando a forma do penteado das damas, condecorando com a Ordem da Corôa os oficiais que melhor valsam nos *cotillons*, e querendo volver Berlim num Versailles donde emane o preceito supremo do cerimonial e do gôsto. O mundo sorri — e repentinamente é o Rei-Moderno, o Rei-Século-Dezanove, tratando de *caturra* o Passado, expulsando da educação as humanidades e as letras clássicas, determinando criar pelo parlamentarismo a maior soma de civilização material e industrial, considerando a fábrica como o mais alto dos templos, e sonhando uma Alemanha movida tôda pela electricidade...

Depois, por vezes, desce do seu palco — quero dizer, do seu trôno — e viaja, dá representações através das côrtes estranjeiras. E aí, desembaraçado da majestade imperial, que em Berlim imprime a tôdas as suas figurações um carácter imperial, aparece livremente sob as formas mais interessantes que pode revestir nas sociedades o homem de imaginação. A caminho de Constantinopla, singrando os Dardanelos na sua frota, é o artista que em telegrama ao chanceler do Império (em que assina *Imperator Rex*) pinta, numa forma carregada de romantismo

e côr, o azul dos céus orientais, a doçura lânguida das costas da Ásia. No Norte, nos mares escandinavos, entre os austeros *fjords* da Noruega, ao rumor das águas degeladas que rolam por entre a penumbra dos abetos, ¡é o Místico, e prega sermões sôbre o seu tombadilho, provando a inanidade das cousas humanas, aconselhando às almas, como única realidade fecunda, a comunhão com o Eterno! Voltando da Rússia, é o alegre Estudante, como nos bons tempos de Bonn, e da fronteira escreve para S. Petersburgo ao marechal do Palácio uma carta em verso, fantasistamente rimada, a agradecer o *kaviar* e os *sandwichs* de *foie-gras,* colocados no seu vagão como próvido farnel de jornada. ¡Em Inglaterra está em um luxuoso centro de sociabilidade, e é o *Dandy,* com os dedos faïscantes de anéis, um cravo enorme na sobrecasaca clara, borboleteando e flartando com a veia soberba de um D'Orsay!... — E sùbitamente, em Berlim, por alta noite, as cornetas soltam ásperos toques de alarme, todos os fios da Agência Havas estremecem, a Europa assustada corre às gazetas, e um rumor passa, temeroso, de que «¡haverá guerra na primavera!» ¿Que foi? *No es nada,* como se canta no *Pan y Toros.* É apenas Guilherme II, que ressubiu ao seu palco — quero dizer, ao seu trôno.

O mundo perplexo murmura: — «¿Quem é êste homem tão vário e múltiplo? ¿O que haverá, o que germinará, dentro daquela ca-

beça regulamentar de oficial bem penteado?» ¡E o snr. Renan geme por morrer talvez antes de assistir, como filósofo, ao desenvolvimento completo desta ondeante personalidade! Assim Guilherme II se tornou um problema contemporâneo, — e há sôbre êle teorias, como sôbre o magnetismo, a influenza ou o planeta Marte. Uns dizem que êle é simplesmente um moço desesperadamente sedento da fama que dão as gazetas (como Alexandre o Grande, que, em risco de se afogar, já sufocado, pensava no *que diriam os Atenienses)* e que, mirando à publicidade, prepara as suas originalidades com o método, a paciência e a arte espectacular com que Sara Bernhardt compõe as suas *toilettes.* Outros sustentam que há nêle apenas um fantasista em desequilíbrio, arrebatado estonteadamente por todos os impulsos de uma imaginação mórbida, e que, por isso mesmo que é imperador quási onipotente, exibe soltamente, sem que uma resistência vigilante lhos coíba e lhos limite, todos os desregramentos da fantasia. Outros, por fim, pretendem que êle é apenas um Hohenzollern, em que se somaram e conjuntamente afloraram com imenso aparato tôdas as qualidades de cesarismo, misticismo, sargentismo, burocratismo e voluntarismo, que alternadamente caracterizavam os reis sucessivos desta felicíssima raça de fidalgotes do Brandeburgo...

Talvez cada uma destas teorias, como su-

cede felizmente com tôdas as teorias, contenha uma parcela de verdade. Mas eu antes penso que o imperador Guilherme é simplesmente um *dilettante da acção*—quero dizer, um homem que ama fortemente a acção, compreende e sente com superior intensidade os prazeres infinitos que ela oferece, e a deseja portanto experimentar e gozar em tôdas as formas permissíveis da nossa civilização. Os *dilettanti* são-no geralmente de ideias ou de emoções — porque para compreender tôdas as ideias ou sentir tôdas as emoções basta exercer o pensamento ou exercer o sentimento, e todos nós, mortais, podemos, sem que nenhum obstáculo nos coarcte, mover-nos libèrrimamente nos ilimitados campos do raciocínio ou da sensibilidade. Eu posso ser um perfeito *dilettante* de ideias, modestamente fechado, com os meus livros, na minha biblioteca: — mas se tentasse ser um *dilettante* da acção, nas suas expressões mais altas—comandar um exército, reformar uma sociedade, edificar cidades—teria de possuir, não uma livraria, mas um império submisso. Guilherme II possui êsse império; e hoje, que se libertou da dura superintendência do velho Bismarck, pode abandonar-se ao seu insaciável *dilettantismo* da acção, com a licença «com que o corsel novo (como diz a Bíblia), galopa no deserto mudo». ¿Quer èle o gôzo de comandar vastas massas de soldados, ou de sulcar os mares numa

frota de ferro? Tem só de lançar um telegrama, fazer ressoar um clarim. ¿Quer êle a delícia de transformar, nas suas mãos potentes, todo um organismo social? Tem só de anunciar: «Esta é a minha ideia» — e lentamente, a seus pés, começará a surgir um mundo novo.

Tudo pode, porque governa dous milhões de soldados, e um povo que só zela a sua liberdade nos domínios da filosofia, da ética ou da exegese, e que quando o seu imperador lhe ordena que marche — emudece e marcha.

E tudo pode ainda, porque inabalàvelmente acredita que Deus está com êle, o inspira e sanciona o seu poder.

E é isto o que torna, para nós, prodigiosamente interessante o imperador da Alemanha: — é que, com êle, ¡nós temos hoje neste filosófico século, entre nós, um homem, um mortal, que mais que nenhum outro iniciado, ou profeta, ou santo, se diz, e parece ser, o íntimo e o aliado de Deus! O mundo não tornara a presencear, desde Moisés no Sinai, uma tal intimidade e uma tal aliança entre a Criatura e o Criador. Todo o reinado de Guilherme II nos aparece, assim, como uma ressurreição inesperada do mosaísmo do Pentateuco. Êle é o dilecto de Deus, o eleito que conferencia com Deus na sarça ardente do *Schloss* de Berlim, e que por instigação de Deus vai conduzindo

o seu povo às felicidades de Canaan. ¡É verdadeiramente Moisés II! Como Moisés, de resto, êle não se cansa de afirmar estridentemente, e cada dia, para que ninguém a ignore, e por ignorância a contrarie, esta sua ligação espiritual e temporal com Deus, que o torna infalível, e portanto irresistível. Em cada assembleia, em cada banquete em que discursa (e Guilherme é de todos os reis contemporâneos o mais verboso) lá vem logo, à maneira de um mandamento, esta afirmação pontifical de que Deus está junto dêle, quási visível na sua longa túnica azul dos tempos de Abraão, para em tudo o ajudar e o servir com a fôrça dêsse tremendo braço que pode sacudir, através dos espaços, os astros e os sóis, como um pó importuno. E a certeza, o hábito desta sobrenatural aliança, vai nêle crescendo tanto, que de cada vez alude a Deus em termos de maior igualdade — como aludiria a Francisco de Áustria, ou a Humberto, rei de Itália. Outrora ainda o denominava, com reverência, o *Amo que está nos céus, o Muito alto que tudo manda*. Ultimamente, porém, arengando com *champagne* aos seus vassalos da Marca do Brandeburgo, já chama familiarmente a Deus — ¡o *meu velho aliado!* E aqui temos Guilherme & Deus, como uma nova firma social, para administrar o Universo. Pouco a pouco mesmo, talvez Deus desapareça da firma e da taboleta, como sócio subalterno, que entrou apenas

com o capital da luz, da terra e dos homens, e que não trabalha, ocioso no seu Infinito, deixando a Guilherme a gerência do vasto negócio terrestre: — e teremos então apenas Guilherme & C.ª. Guilherme, com supremos poderes, fará tôdas as operações humanas. E «companhia» será a fórmula condescendente e vaga com que a Alemanha de Guilherme II designará Aquele para quem todavia, segundo cremos, — ¡Guilherme II e a Alemanha tôda são tanto, ou tão pouco, como o pardal que neste instante chalra no meu telhado!

Um magnífico e insaciável desejo de gozar e experimentar tôdas as formas da Acção, com a soberana segurança que Deus lhe garante e promove o êxito triunfal de cada empreendimento — eis o que me parece explicar a conduta dêste imperador misterioso. Ora, se êle dirigisse um império situado nos confins da Ásia, ou se não possuísse na Tôrre Júlia um tesouro de guerra para manter e armar dous milhões de soldados, ou se estivesse cercado por uma opinião pública tão activa e coercitiva como a da Inglaterra, Guilherme II seria apenas um imperador, como tantos, na história, curioso pela mobilidade da sua fantasia, e pela ilusão do seu messianismo. Mas, infelizmente, plantado no centro da Europa trabalhadora, com centenares de legiões disciplinadas, um povo de cidadãos disciplinados e submissos como soldados — Guilherme II é o

mais perigoso dos reis, porque falta ainda ao seu *dilettantismo* experimentar a forma da Acção mais sedutora para um rei — a guerra e as suas glórias. E bem pode suceder que a Europa um dia acorde ao fragor de exércitos que se entrechocam — só porque na alma do grande *dilettante* o fogoso apetite de «conhecer a guerra», de gozar a guerra, sobrepujou a razão, os conselhos e a piedade da pátria. Ainda há pouco, de resto, êle assim o prometia aos seus fiéis solarengos do Brandeburgo: — «Levar-vos hei a belos e gloriosos destinos». ¿Quais? A várias batalhas, de-certo, onde triunfarão as Águias germânicas... Guilherme II não o duvida — pois que tem por aliado, além de alguns reis menores, o Rei Supremo do Céu e da Terra, combatendo entre a *Landwehr* alemã, como outrora Minerva Atenea, armada da sua lança, combatia contra os bárbaros em meio da falange grega.

¡Esta certeza da aliança divina!... Nada pode dar mais fôrça a um homem, na verdade, que uma tal certeza, que quási o diviniza. Mas, também, ¡a que riscos ela arrasta! Porque nada pode fazer tombar mais fundamente um homem do que a evidência, perante a crua contradição dos factos, de que essa certeza era apenas a quimera de uma desordenada fatuidade. Então verdadeiramente se realiza a queda bíblica do alto dos céus. Houve um povo

que se proclamava outrora o Eleito de Deus; mas — apenas se provou que Deus não o elegera, nem o preferia a outro, por-isso que o abandonava desdenhosamente — foi desmantelado com incomparável furor, disperso, e apedrejado por todos caminhos do mundo, e encurralado em *Ghettos*, onde os reis lhe estampavam sôbre a casa e sôbre a campa uma marca — como a que se estampa sôbre a moeda falsa.

Guilherme II corre êste lúgubre perigo de cair nas Gemonias. Êle assume hoje, temeràriamente, responsabilidades que, em tôdas as nações, estão repartidas pelos corpos do Estado — e só êle julga, só êle executa, porque é a êle, e não ao seu ministério, ao seu conselho, ao seu parlamento, que Deus, o Deus de Hohenzollern, comunica a inspiração transcendente.

Tem, portanto, de ser infalível e de ser invencível. No primeiro desastre, ou lhe seja infligido pela sua burguesia ou pela sua plebe nas ruas de Berlim, ou lhe seja trazido por exércitos alheios, numa planície da Europa, a Alemanha imediatamente concluïrá que a sua tão anunciada aliança com Deus era uma impostura de déspota manhoso.

¡E não haverá, então, da Lorena à Pomerania, pedras bastantes para lapidar o Moisés fraudulento! Guilherme II está na verdade jogando contra o destino êsses terríveis *dados de ferro*, a que aludia outrora o es-

quecido Bismarck. Se ganha dentro e fora da fronteira, poderá ter altares, como teve Augusto (e de facto também Tibério). Se perde, é o exílio, o tradicional exílio em Inglaterra, o cabisbaixo exílio, êsse exílio que êle hoje tão duramente intima àqueles que discrepam da sua infalibilidade...

(Dos *Ecos de Paris*, 1.ª ed., pag. 34 e ss.)

XXIV

AS "FESTAS RUSSAS" EM PARIS

(1896)

NOTAVA eu ontem a recatada sobriedade destas festas. E no em-tanto ¡todos os jornais de Paris vos afirmaram, em colunas sólidas, que as festas realizaram as maravilhas sempre irrealizáveis das *Mil e uma Noites,* e que o entusiasmo abalou o firmamento atónito, e que uma inspiração nova e rara arfou na lira dos poetas! Não há aqui todavia exageração. Os Parisienses (ainda que pela maior parte nascidos em Marselha) não são exagerados.

Há aqui apenas um excelente sistema, desde longos anos adoptado pela imprensa de Paris, que nós deveríamos sôfregamente seguir no Brasil e em Portugal, e que consiste em afirmar, com afouta certeza, sem escrúpulos, sem pudores, que tudo quanto se diz ou se faz em Paris é perfeito, do mais nobre gôsto, de um esplendor soberbo, e desmedidamente superior ao que se diz ou faz nas outras nações subalternas. ¡Excelente

e fecundo sistema! Êle termina por plantar fortemente no espírito dos outros, como um dogma, a ideia da supremacia total da França; — e sobretudo convence a França da sua supremacia, e absolutamente a penetra daquela confiança própria, que é sempre a inspiradora dos grandes feitos e das grandes obras.

Meus amigos: louvor bem entendido deve começar por nós, porque neste caso êle se torna uma verdadeira forma de caridade. Mal daqueles que, por humor sombrio ou por desalento muito expansivo, se cobrem de cinza diante do mundo; porque o mundo imediatamente, por cima da cinza, os cobre de lama. A humildade só foi possível na Tebaida; — e os próprios santos nunca se mostraram aos homens sem a sua pomposa auréola.

A ovelha, em-quanto balava timoratamente e baixava o focinho, foi sempre tosquiada pelo tosquiador e comida pelo lobo; até que um dia (segundo nos ensina uma venerável fábula oriental), tendo envergado uma pele de pantera para substituir o seu pobre pêlo rapado, viu o lobo tremer diante dela e recuar, o tosquiador fugir com as suas luzidias tesouras, e findou por se instalar e pastar tranqüilamente no relvoso vale onde o lobo reinava. E, se desde a antiguidade se adoptou o pavão como a ave mais ornamental e a mais bela, é porque desde os primeiros dias da História o pavão se em-

pavonou, e desdobrou a cauda, e reluziu magnìficamente ao sol, e impôs a sua plumagem à admiração dos povos e dos reis. «Tem confiança em ti, proclama o teu valor, e logo possuïrás a perfeita arte de viver»: — assim prega o Mefistófeles de Gœthe. Mas o bom Mefisto, tão astuto psicólogo, devia acrescentar que a proclamação do nosso mérito é um exercício excelente para aumentar, e mesmo para adquirir efectivamente êsse mérito. Um outro apólogo oriental conta que a negra gralha tanto e tão estrìdulamente afirmou que era branca, que terminou por embranquecer.

É êste um fenómeno que o fabulista antigo não conhecia, mas que anda hoje em todos os compêndios de fisiologia e que se chama a *auto-sugestão*. Com efeito, quem sem descanso apregoe a sua virtude, a si próprio se sugestiona virtuosamente e acaba por ser às vezes virtuoso. A exaltação afectada da nossa fôrça actua como um estímulo permanente, que equivale realmente à fôrça. E quem engrandece desmedidamente o seu pequenino feito mostra que sente a nobreza de empreender altas cousas, prova o seu gôsto pelos aplausos dos homens, e está portanto já no caminho e com o feitio moral para praticar um feito grande.

Não suponhais, pois, amigos, que nestas túrgidas narrativas dos jornais de Paris há uma pueril e palavrosa exageração. ¡Não! Há o intento muito legítimo e muito patrió-

tico de afirmar a superioridade da França, mesmo em matéria de flôres de papel e de colunas de lona — e de manter portanto nos ânimos alheios êsse respeito, e nos próprios essa confiança, que são para os homens e para as nações dous formidáveis elementos de êxito. Também eu outrora supunha que essas amplificações, que duma lamparina fazem um sol, provinham sempre de um espírito exagerado, inconsciente, falseador de proporções. Mas fui muito finamente esclarecido por um mestre eminente. Êste mestre era um cozinheiro chinês. ¿Não se mostrou, porém, sempre a China uma segura mestra da humanidade?

Pois há muitos anos, uma tarde, na Havana, estando com um amigo no seu jardim a tomar chá gelado, sob um caramanchão de magnólias, vimos de-repente o cozinheiro da casa, êsse Chinês, correr, de rabicho erriçado, ¡gritando que matara uma cobra! O meu amigo, que era Alemão, banqueiro e erudito, e portanto triplamente amador de dados positivos, quis logo saber o tamanho exacto dessa cobra, que assim invadira os seus quietos arvoredos.

Então o Chinês, à moda chinesa, desenhou, com um pau que trazia na mão, sôbre a areia lisa do jardim, uma imensa cobra, uma gibóia, de três longos metros, mais grossa que um tronco de palmeira, e com umas goelas tão furiosamente escancaradas, que o banqueiro e eu recuámos, inquietos, para

o fundo do caramanchão. E o bom Chinês, para nos sossegar, passou o pé pela areia, apagou o monstro desenhado, com a serenidade forte com que derrubara o monstro vivo.

Foi louvado, foi recompensado:—e nessa tarde o seu arroz de caril cubano, o seu pato da Flórida à Veracruzana, atingiram uma perfeição em que todos sentimos o esfôrço dum génio que um triunfo estimula a outros triunfos.

Ao outro dia, porém, de manhã, o cocheiro, a quem de-certo as glórias do Chinês tinham impacientado, apareceu diante de nós, na varanda, trazendo na mão embrulhada num velho jornal, a cobra.

¡Oh! furor! Era um bichinho discreto, quási uma lombriga, de vinte ou trinta centímetros, e pouco mais encorpado que um lápis. O Chinês foi chamado, pôsto diante da realidade, interpelado com tumultuoso azedume.

—¿Para quê—bradava o meu amigo, brandindo o seu enorme cachimbo de porcelana—para que foi essa indecente, essa infame exageração?

Com uma perfeita segurança de modo e de alma, o Chinês respondeu:

—Não foi exageração, amo. ¡Foi para me convencer a mim, e para que os outros se persuadissem, que eu era capaz de tanto; e para me dar ânimo, noutra ocasião, a matar uma cobra maior! Mas não é exageração.

Então eu, com o clássico cruzar de braços com que outrora Pilatos preguntou a Jesus o que era a Verdade, exclamei:

—Homem, ¿mas que é então exageração?

O admirável Chinês pousou sôbre mim os olhinhos oblíquos, onde senti a madureza e a suculência dum saber quarenta vezes secular, e deixou escorregar estas palavras profundas:

— ¡Exageração era pintar a cobra, e depois pôr-lhe quatro pernas!

(Das *Cartas Familiares*, 3.ª ed., pág. 195 e ss.)

XXV

A SOCIEDADE E OS CLIMAS

HÁ anos, há muitos anos, quando nós todos éramos novos e a política se conservava ainda tão romântica como a literatura, um estadista nosso, Fontes Pereira de Melo, aquele a quem se chamava concisamente e popularmente «o Fontes», dizia num discurso parlamentar, comparando Portugal às outras nações da Europa, estas palavras consoladoras: «E' certo que a nossa pátria não possui como outras a riqueza comercial, as numerosas vias-férreas, as incontáveis fábricas, os estaleiros, a ferramenta industrial, os fortes factores do progresso: ¡ mas tem sôbre elas uma superioridade, que lhe garante vida mais fácil e mais livre, e é êste luminoso e magnifico céu azul que nos cobre!»

Todos nós, então moços e pervertidos pelos livros sonoros de Eugénio Pelletan, o divinizador da máquina, o bardo heróico do progresso, rimos estridentemente dêste homem de Estado, lírico, quási idílico, que considerava um pedaço de céu azul como

uma fôrça civilizadora, antepunha a doçura do ar a tôdas as magnificências da sciência, celebrava a sua terra pelos mesmos motivos por que a exaltavam os poetas do *Almanaque de Lembranças*, e de-certo, quando lhe pedissem ideias de govêrno, de administração e de fomento, contentar-se-ia em mostrar os raios do sol meridional, batendo com providencial radiância nas fôlhas dos laranjais. Rimos estridentemente. Mas o nosso riso era todo feito de inexperiência e de ignorância....

.... E' certo que a felicidade dos homens e dos povos depende consideràvelmente do solo e do ar em que Deus os colocou.

Há, em primeiro lugar, a tremenda questão dos confortos materiais. São êles, sobretudo êles, que complicam a vida, a dificultam, lhe dão o seu áspero carácter de luta. O nevoeiro, a humidade, o frio, a neve, causam em grande parte os males humanos — os males morais e os males sociais. Para se resguardarem dessas intempéries é que os homens necessitam casas bem apetrechadas, e fogões, e caloríferos, e tapetes, e grossas cortinas, e veludos pesados, e mobílias acolchoadas, e peles, e carruagens, e a abundância das luzes alegres. E' de facto para contrabalançar a miséria dos climas ríspidos que o homem apetece o luxo. Só na beleza, no brilho, nas formas ricas das cousas íntimas que o cercam, êle consegue esquecer a fealdade e a monotonia de céus sempre cinzentos e escuros.

Ora, como nestas nossas imperfeitas civilizações os confortos e o luxo não se alcançam sem dinheiro, e o dinheiro, desde os grandes erros de Eva e de Caim, não se alcança sem esfôrço, eis a vida tornada uma luta ansiosa e dolorosa, para a conquista dum pouco de ouro, ou de pedaços de papel enxovalhado que represente ouro. Daí estas nossas sociedades ocidentais tão tumultuosas, tão confusas, com as suas fábricas, os seus bazares, os seus bancos, as suas bôlsas, a sua agiotagem, as suas *grèves,* as suas revoltas, os seus crimes, a sua febre, a sua instabilidade, as suas opressões escandalosas, as suas incuráveis misérias. E tudo porque, durante sete meses do ano do Senhor, chove, venta, neva, gela, e o céu é como um teto mortuário, forrado de papel pardo.

Que se compare o homem de Londres, de Paris, de Berlim — com o homem do Oriente, o feliz habitante de Damasco, ou o Árabe da Palestina, ou o Hindu na sua aldeia. Um, abafado em peles até aos olhos, com as calças arregaçadas, as mãos ambas agarradas ao guarda-chuva, cortando o vento, chapinhando a neve, com trevas por cima e trevas em redor, arripiado e sujo, lá vai numa azáfama, por entre a turba azafamada, aos encontrões, na sôfrega luta, para ganhar artificialmente aquilo que a Natureza lhe recusou! um pouco de calor, uma pouca de claridade, um pouco de con-

fôrto, um pouco de bem-estar. À mesma hora, o Hindu na sua aldeia, o Arabe de Damasco no seu quintalejo, serenos, sem pressas e sem cuidados, estão cobertos pelo esplendor dum céu que é uma fonte de alegria: um ar mais doce e macio que todos os nossos veludos envolve-o numa constante carícia: para se cobrir, um côvado de linho branco lhe basta: um pouco de arroz e milho colhidos sem esfôrço, os frutos de cada árvore, a água límpida da fonte comum, são o banquete que Deus cada dia lhe oferece: em tôrno só vê formas graciosas e luminosas: a sua vida é tôda de repouso e não tem terrores.

Mas nem precisamos peregrinar tão longe, à Síria ou à Índia. Paremos em Espanha ou Portugal, e comparemos o trabalhador do Algarve, ou das veigas da Andaluzia, com o trabalhador do norte da França ou da Inglaterra. Um traço único marca as diferenças que opera um céu hostil ou um céu afável. No sul o trabalho é todo feito a cantar, como uma devoção; no norte o trabalho é feito sombriamente, quási amargamente, como uma condenação. Ao fim do labor, largada a enxada ou a ferramenta, o repouso do homem do sul é ainda gozado entre cantigas e danças, porque do seu dia afadigado só lhe resta satisfação e esperança; o homem do norte procura o repouso na garrafa de *gin* ou de alcool, porque do seu dia só quer esquecer a miséria e a aspereza. ¿E porque é esta diferença entre

os dois trabalhadores? Porque um trabalha numa natureza que o afaga — e o outro numa natureza que o atormenta.

¡ Grande razão tinha o nosso Fontes! Não há bem maior para uma nação que um clima suave e luminoso. Riqueza, fôrça, grandes indústrias, minas auríferas, um comércio trasbordante, nada, para a felicidade de um povo, vale um lindo sol e um ar aveludado. Tudo se simplifica numa região tépida e clemente. O contentamento do corpo envolto em luz e calor contrabalança, acalma, quási faz esquecer os descontentamentos públicos. As diferenças de sortes e de fortunas, que são a origem dos males sociais, perdem da sua irritabilidade e do seu amargor sob um céu benévolo, onde respirar, passear, contemplar, são prazeres superiores que Deus concede, mesmo ao mendigo errante pelas estradas. A beleza exterior do mundo exterioriza a vida: a alma não se concentra nem se dobra sôbre sí mesma, muito menos a si mesma se consome. Terra de atmosfera transparente não é propícia aos rancores, aos despeitos, às surdas invejas. A própria política é aí sem violência; o dinheiro quási não tem egoísmo. Uma bonomia esparsa envolve os corações. Todos os interêsses se amolecem sob um fermento de vaga fraternidade. Como se vive na rua e ao ar, e as existências se misturam, todos se conhecem, e todos se toleram. A sociedade tende a estar em harmonia com

a natureza, e o impulso universal vai sobretudo para as cousas agradáveis. A dor nunca conserva aí persistência e lancinância, e para secar lágrimas não há como o sol. Uma manhã radiante consola do maior desapontamento. As paixões são amenas, e se o ciume é um pouco mais ruidoso, é tambem mais rápido, e nunca envenena lentamente, nem corrói...

Mas o bem maior está nas poucas necessidades da vida, e portanto na sua simplificação e liberdade. Todos êsses *impedimentos* (como dizem os Inglêses) que tanto atravancam as sociedades setentrionais, são ou podem ser ignorados. Portugal viveu muito tempo, e foi feliz, com quatro cadeiras de palhinha em salas soalhadas de pinho branco. O homem não é escravizado pela amontoação dos confortos e pode mover-se sem ter de deslocar consigo, como o homem dos climas frios, uma montanha de coisas. Daqui provém logo a modéstia das indústrias, as menores exigências de capital, o adoçamento das questões sociais. ¡Quantos bens inumeráveis!... Sem contar que nas terras do sol a imaginação dos homens nunca é sombria, e portanto estão-lhe poupados os tormentos piores — os da imaginação. O sol, que tudo alumia, enche também de claridade o espírito. Não há fantasmas interiores. O mundo nítido, repassado de luz, não oferece mistérios nem terrores.

Em-fim, o nosso Fontes tinha superiormente razão — e um bom clima é ainda a melhor base de um estado feliz...

(*Cartas Familiares*, pág. 103 a 115).

XXVI

O COMENDADOR PINHO

Esta casa de hóspedes oferece encantos. O quarto do meu primo Procópio tem uma esteira nova, um leito de ferro filosófico e virginal, cassa vistosa nas janelas, rosinhas e aves pela parede, — e é mantido em rígido asseio por uma destas criadas como só produz Portugal, bela moça de Trás-os-Montes, que, arrastando os seus chinelos com a indolência grave duma ninfa latina, varre, esfrega e arruma todo o andar: serve nove almoços, nove jantares e nove chás; escarola as loiças; prega êsses botões de calças e de ceroulas que os Portugueses estão constantemente a perder; engoma as saias da Madama; reza o terço da sua aldeia; e tem ainda vagares para amar desesperadamente um barbeiro vizinho, que está decidido a casar com ela quando fôr empregado na Alfândega. (E tudo isto por três mil réis de soldada).

Ao almôço há dois pratos, sãos e fartos, de ovos e bifes. O vinho vem do lavrador, vinhinho leve e precoce, feito pelos veneráveis

preceitos das *Geórgicas,* e semelhante de-certo ao vinho da Rética — *quo te carmine dicam, Rethica?* A torrada, tratada pelo lume forte, é incomparável. E os quatro painéis que ornam a sala — um retrato de Fontes (estadista já morto, que é tido pelos Portugueses em grande veneração); uma imagem de Pio IX sorrindo e abençoando; uma vista da várzea de Colares, e duas donzelas beijocando uma rôla — inspiram as salutares ideias, tão necessárias, de Ordem Social, de Fé, de Paz campestre, e de Inocência.

A patroa, D. Paulina Soriana, é uma Madama de quarenta outonos, frescalhota e roliça, com um pescoço muito nédio, e tôda ela mais branca que o chambre branco que usa por sôbre uma saia de seda roxa. Parece uma excelente senhora, paciente e maternal, de bom juízo e de boa economia. Sem ser rigorosamente viúva — tem um filho, já gordo também, que rói as unhas e segue o curso dos liceus. Chama-se Joaquim e, por ternura, Quinzinho; .... e está destinado por D. Paulina à Burocracia, que ela considera, e muito justamente, a carreira mais segura e a mais fácil.

— O essencial para um rapaz (afirmava há dias a apreciável senhora, depois do almôço, traçando a perna) é ter padrinhos e apanhar um emprêgo; fica logo arrumado; o trabalho é pouco e o ordenadozinho está certo ao fim do mês.

Mas D. Paulina está tranquila com a carreira do Quinzinho. Pela influência (que é tôda-poderosa nestes Reinos) dum amigo certo, o sr. conselheiro Vaz Neto, há já no Ministério das Obras Públicas ou da Justiça uma cadeira de amanuense, reservada, marcada com lenço, à espera do Quinzinho. E mesmo, como o Quinzinho foi reprovado nos últimos exames, já o sr. conselheiro Vaz Neto lembrou que, visto êle se mostrar assim desmazelado, com pouco gôsto pelas letras, o melhor era não teimar mais nos estudos e no Liceu, e entrar imediatamente para a repartição...

— Que ainda assim, (ajuntou a boa senhora, quando me honrou com estas confidências) gostava que o Quinzinho acabasse os estudos. Não era pela necessidade, e por causa do emprêgo, como v. ex.ª vê: era pelo gôsto.

Quinzinho tem pois a sua prosperidade agradàvelmente garantida.... Na casa, bem afreguesada, há agora sete hóspedes — e todos fiéis, sólidos, gastando, com os extras, de quarenta e cinco a cincoenta mil réis por mês. O mais antigo, o mais respeitado (e aquele que eu precisamente lá conheço) é o Pinho — o Pinho «brasileiro», o comendador Pinho. E' êle quem tôdas as manhãs anuncia a hora do almôço (o relógio do corredor ficou desarranjado desde o Natal) saindo do seu quarto às dez horas, pontualmente, com a sua garrafa de água

de Vidago, e vindo ocupar à mesa, já posta, mas ainda deserta, a sua cadeira — uma cadeira especial de vêrga, com almofadinha de vento.

Ninguém sabe dêste Pinho nem a idade, nem a família, nem a terra de província em que nasceu, nem o trabalho que o ocupou no Brasil, nem as origens da sua comenda. Chegou uma tarde de inverno, num paquete da Mala Real; passou cinco dias no Lazareto; desembarcou com dois baús, a cadeira de vêrga e cincoenta e seis latas de doce de tejolo; tomou o seu quarto nesta casa de hóspedes, com a janela para a travessa; e aqui engorda pacífica e risonhamente, com os seis por cento das suas inscrições.

E' um sujeito atochado, baixote, de barba grisalha, a pele escura, tôda em tons de tejolo e de café, sempre vestido de casimira preta, com uma luneta de ouro pendente duma fita de seda, que êle, na rua, a cada esquina, desemaranha do cordão de ouro do relógio, para ler com interêsse e lentidão os cartazes dos teatros. A sua vida tem uma dessas prudentes regularidades que tão admiràvelmente concorrem para criar a ordem nos Estados. Depois de almôço calça as botas de cano, lustra o chapéu de seda, e vai muito devagar até à rua dos Capelistas, ao escritório térreo do corretor Godinho, onde passa duas horas pousado num mocho, junto do balcão, com as mãos cabeludas encostadas ao cabo do

guarda-sol. Depois entala o guarda-sol debaixo do braço, e pela rua do Ouro, com uma pachorra saboreada, parando a contemplar alguma senhora de sedas mais tufadas ou alguma vitória de librés mais lustrosas, alonga os passos para a tabacaria Sousa, ao Rossio, onde bebe um copo de água de Caneças, e repousa até que a tarde refresque. Segue então para a Avenida, a gozar o ar puro e o luxo da cidade, sentado num banco; ou dá a volta ao Rossio, sob as árvores, com a face erguida e dilatada em bem-estar. Às seis recolhe, despe e dobra a sobrecasaca, calça os chinelos de marroquim, enverga uma regalada quinzena de ganga, e janta, repetindo sempre a sopa. Depois do café dá um «higiénico» pela Baixa, com demoras pensativas, mas risonhas, diante das *vitrines* de confeitarias e de modas: e em certos dias sobe o Chiado, dobra a esquina da rua Nova da Trindade, e regateia, com placidez e firmeza, uma senha para o Ginásio. Tôdas as sextas-feiras entra no seu banco, que é o *London Brazilian*... Cada semestre recebe o juro das suas inscrições.

Tôda a sua existência é assim um pautado repouso. Nada o inquieta, nada o apaixona. O universo, para o comendador Pinho, consta de duas únicas entidades — êle próprio, Pinho, e o Estado, que lhe dá os seis por cento: portanto o universo todo está

perfeito, e a vida perfeita, desde que Pinho, graças às águas de Vidago, conserve apetite e saúde, e que o Estado continue a pagar fielmente o *coupon*. De resto, pouco lhe basta para contentar a porção de Alma e Corpo de que aparentemente se compõe. A necessidade que todo o ser vivo (mesmo as ostras, segundo afirmam os naturalistas) tem, de comunicar com os seus semelhantes por meio de gestos ou sons, é em Pinho pouco exigente. Pelos meados de abril, sorri, e diz, desdobrando o guardanapo — «temos o verão connosco»; todos concordam e Pinho goza. Por meados de outubro, corre os dedos pela barba e murmura — «temos connosco o inverno»; se outro hóspede discorda, Pinho emudece, porque teme controvérsias. E esta honesta permutação de ideias lhe basta. À mesa, contanto que lhe sirvam uma sopa suculenta, num prato fundo, que êle possa encher duas vezes — fica consolado e disposto a dar graças a Deus. O *Diário de Pernambuco*, o *Diário de Notícias*, alguma comédia do Ginásio, ou uma Mágica, satisfazem, e de sobra, essas outras necessidades de inteligência e de imaginação, que Humboldt encontrou mesmo entre os Botocudos.

Nas funções do sentimento, Pinho só pretende modestamente (como revelou um dia ao meu primo) «não apanhar uma doença». Com as coisas públicas está sempre agradado, governe êste ou governe aquele, contanto que a

polícia mantenha a ordem, e que não se produzam nos princípios e nas ruas distúrbios nocivos ao pagamento do *coupon*. E em-quanto ao destino ulterior da sua alma, Pinho (como êle a mim próprio me assegurou) — «só deseja depois de morto que o não enterrem vivo». Mesmo acêrca dum ponto tão importante, como é para um comendador o seu mausoléu, Pinho pouco requer: — apenas uma pedra lisa e decente, com o seu nome, e um singelo *orai por êle*.

Erraríamos, porém, minha querida madrinha, em supor que Pinho seja alheio a tudo quanto seja humano. ¡Não! Estou certo que Pinho respeita e ama a humanidade. Sòmente a humanidade, para êle, tornou-se, no decurso da sua vida, excessivamente restrita. Assim, meu primo Procópio, com uma malícia bem inesperada num espiritualista, contou-lhe há tempos em confidência, arregalando os olhos, ¡que eu possuía muitos papéis! ¡muitas apólices! ¡muitas inscrições!... Pois, na primeira manhã que voltei, depois dessa revelação, à casa de hóspedes, Pinho, ligeiramente còrado, quási comovido, ofereceu-me uma boceta de doce de tejolo, embrulhada num guardanapo. ¡Acto tocante, que explica aquela alma! Pinho não é um egoísta, um Diógenes de rabona preta, sêcamente retraído dentro da pipa da sua inutilidade. Não. Há nêle tôda a humana vontade de amar os homens seus semelhantes, e de os

beneficiar. Sòmente ¿quem são, para Pinho, os seus genuínos «semelhantes»? Os prestamistas do Estado. ¿E em que consiste, para Pinho, o acto de benefício? Na cessão aos outros de aquilo que a êle lhe é inútil. Ora Pinho não se dá bem com o uso da goiabada — e logo que soube que eu era possuïdor de inscrições, um seu semelhante, capitalista como êle, não hesitou, não se retraiu mais ao seu dever humano, praticou logo o acto de benefício, e lá veio ruborizado e feliz, trazendo o seu doce dentro dum guardanapo.

¿E' o comendador Pinho um cidadão inútil? ¡Não, certamente! Até para manter em estabilidade e solidez a ordem de uma nação, não há mais prestadio cidadão do que êste Pinho, com a sua placidez de hábitos, o seu fácil assentimento a todos os feitios da coisa pública, a sua conta do banco verificada às sextas-feiras, os seus prazeres colhidos em higiénico recato, a sua reticência, a sua inércia. Dum Pinho nunca pode sair ideia ou acto, afirmação ou negação, que desmanche a paz do Estado. Assim gordo e quieto, colado sôbre o organismo social, não concorrendo para o seu movimento, mas não o contrariando também, Pinho apresenta todos os caracteres duma excrescência sebácea. Socialmente Pinho é um lobinho. Ora nada mais inofensivo que um lobinho: e nos nossos tempos, em que o Estado está cheio de elementos mórbidos,

que o parasitam, o sugam, o infeccionam e o sobreexcitam esta inofensibilidade de Pinho pode mesmo (em relação aos interêsses da Ordem) ser considerada como qualidade meritória. Por isso o Estado, segundo corre, o vai criar barão. E barão dum título que os honra a ambos, ao Estado e a Pinho, porque é nêle simultâneamente prestada uma homenagem graciosa e discreta à Família e à Religião. O pai de Pinho chamava-se Francisco — Francisco José Pinho. E o nosso amigo vai ser feito barão de S. Francisco.

¡Adeus, minha querida madrinha! ¡Vamos no nosso décimo oitavo dia de chuva! Desde o comêço de junho e das rosas, que neste país de sol sôbre azul, na terra trigueira da oliveira e do louro, queridos a Febo, está chovendo, chovendo em fios de água cerrados, contínuos, imperturbados, sem sôpro de vento que os ondule, nem raio de luz que os diamantize, formando das nuvens às ruas uma trama mole de humidade e tristeza, onde a alma se debate e definha, como uma borboleta presa nas teias de uma aranha. Estamos em pleno versículo XVII, do capítulo VII do *Génesis*. No caso destas águas do céu não cessarem, eu concluo que as intenções de Jeová, para com êste país pecador, são diluvianas; e, não me julgando menos digno da Graça e da Aliança divina do que Noé, vou comprar madeira e betume, e fazer uma Arca

segundo os bons modelos hebraicos ou assírios. Se por acaso daqui a tempos uma pomba branca fôr bater com as asas à sua vidraça, sou eu que aportei ao Havre na minha Arca, levando comigo, entre outros animais, o Pinho e a D. Paulina, para que mais tarde, tende baixado as águas, Portugal se repovoe com proveito, e o Estado tenha sempre Pinhos a quem peça dinheiro emprestado, e Quinzinhos gordos com quem gaste o dinheiro que pediu a Pinho. Seu afilhado do coração — FRADIQUE.

(Corresp. de F. Mendes, Carta x).

XXVII

PACHECO

Eu casualmente conheci Pacheco. Tenho presente, como num resumo, a sua figura e a sua vida. Pacheco não deu ao seu país nem uma obra, nem uma fundação, nem um livro, nem uma ideia. Pacheco era entre nós superior e ilustre, ùnicamente porque *tinha um imenso talento.* ¡Todavia, meu caro sr. Mollinet, êste talento, que duas gerações tão soberbamente aclamaram, nunca deu, da sua fôrça, uma manifestação positiva, expressa, visível! ¡O talento imenso de Pacheco ficou sempre calado, recolhido, nas profundidades de Pacheco! Constantemente êle atravessou a vida por sôbre eminências sociais: Deputado, Director geral, Ministro, Governador de bancos, Conselheiro de Estado, Par, Presidente do Conselho — Pacheco tudo foi, tudo teve, neste país que, de longe e a seus pés, o contemplava, assombrado do seu imenso talento. Mas nunca, nestas situações, por proveito seu ou urgência do Estado, Pacheco teve necessidade de deixar sair, para se afirmar e

operar fora, aquele imenso talento que lá dentro o sufocava. Quando os amigos, os partidos, os jornais, as repartições, os corpos colectivos, a massa compacta da nação, murmurando em redor de Pacheco «*¡que imenso talento!*», o convidavam a alargar o seu domínio e a sua fortuna — Pacheco sorria, baixando os olhos sérios por trás dos óculos dourados, e seguia, sempre para cima, sempre para mais alto, através das instituições, com o seu imenso talento aferrolhado dentro do crânio, como no cofre dum avaro. E esta reserva, êste sorrir, êste lampejar dos óculos, bastavam ao país, que nêles sentia e saboreava a resplandecente evidência do talento de Pacheco.

Êste talento nasceu em Coimbra, na aula de direito natural, na manhã em que Pacheco, desdenhando a *Sebenta*, assegurou qu «o século XIX era um século de progresso e de luz». O curso começou logo a pressentir e a afirmar, nos cafés da Feira, que havia muito talento em Pacheco: e esta admiração, cada dia crescente, do curso, comunicando-se, como todos os movimentos religiosos, das multidões impressionáveis às classes raciocinadoras, dos rapazes aos lentes, levou fàcilmente Pacheco a um *prémio* no fim do ano. A fama dêsse talento alastrou então por tôda a academia — que, vendo Pacheco sempre pensabundo, já de óculos, austero nos seus passos, com praxistas gordos debaixo do braço, percebia

ali um grande espírito que se concentra, e se retesa todo em fôrça íntima. Esta geração académica, ao dispersar, levou pelo país, até aos mais sertanejos burgos, a notícia do imenso talento de Pacheco. E já em escuras boticas de Trás-os-Montes, em lojas palreiras de barbeiros do Algarve, se dizia com respeito, com esperança: — «Parece que há agora aí um rapaz de imenso talento que se formou, ¡o Pacheco!»

Pacheco estava maduro para a Representação Nacional. Veio ao seu seio, — trazido por um govêrno (não recordo qual) que conseguira, com dispêndios e manhas, apoderar-se do precioso talento de Pacheco. Logo na estrelada noite de dezembro em que êle, em Lisboa, foi ao Martinho tomar chá e torradas, se sussurrou pelas mesas, com curiosidade: — «¡ É o Pacheco, rapaz de imenso talento!» E desde que as câmaras se constituíram, todos os olhares, os do govêrno e os da oposição, se começavam a voltar com insistência, quási com ansiedade, para Pacheco, que, na ponta duma bancada, conservava a sua atitude de pensador recluso, os braços cruzados sôbre o colete de veludo, a fronte vergada para o lado, como sob o pêso das riquezas interiores, e os óculos a faïscar... Finalmente uma tarde, na discussão do discurso da Corôa, Pacheco teve um movimento, como para atalhar um padre zarolho, que arengava sôbre a «liberdade». O sacerdote imediatamente esta-

cou com deferência; os taquígrafos apuraram vorazmente a orelha: tôda a câmara cessou o seu desafogado sussurro, para que num silêncio condignamente majestoso, se pudesse pela vez primeira produzir o imenso talento de Pacheco. No em-tanto Pacheco não prodigalizou desde logo os seus tesouros. De pé, com o dedo espetado, (jeito que foi sempre muito seu), Pacheco afirmou, num tom que traía a segurança do pensar e do saber íntimo: — «que ao lado da liberdade devia sempre coexistir a autoridade!» Era pouco, de-certo: — mas a Câmara compreendeu bem que, sob aquele curto resumo, havia um mundo, todo um formidável mundo, de ideias sólidas. Não volveu a falar durante meses — mas o seu talento inspirava tanto mais respeito, quanto mais invisível e inacessível se conservava lá dentro, no fundo do seu ser. O único recurso que restou então aos devotos dêsse imenso talento (que já os tinha, incontáveis) foi contemplar a testa de Pacheco — como se olha para o céu, pela certeza que Deus está por trás, dispondo. A testa de Pacheco oferecia uma superfície escanteada, larga e lustrosa. E muitas vezes, junto dêle, Conselheiros e Directores Gerais balbuciavam maravilhados: — «¡Nem é necessário mais! Basta ver aquela testa!»

Pacheco pertenceu logo às principais comissões parlamentares. Nunca porém acedeu a relatar um projecto, desdenhoso das

especialidades. Apenas, às vezes, em silêncio, tomava uma nota lenta. E quando emergia da sua concentração, espetando o dedo, era para lançar alguma ideia geral sôbre a Ordem, o Progresso, o Fomento, a Economia. Havia aqui a evidente atitude dum imenso talento que (como segredavam os seus amigos, piscando o ôlho com finura) «está à espera, lá em cima, a pairar». Pacheco mesmo, de resto, ensinava (esboçando, com a mão gorda, o voar superior de uma asa por sôbre o arvoredo copado) que o «talento verdadeiro só devia conhecer as coisas *pela rama*».

Êste imenso talento não podia deixar de socorrer os conselhos da Corôa. Pacheco, numa recomposição ministerial (provocada por uma roubalheira) foi ministro: — e imediatamente se percebeu que maciça consolidação viera dar ao Poder o imenso talento de Pacheco. Na sua pasta (que era a da Marinha) Pacheco não fèz, durante os longos meses de gerência, «absolutamente nada», como insinuaram três ou quatro espíritos amargos e estreitamente positivos. Mas pela primeira vez, dentro dêste regime, a nação deixou de curtir inquietações e dúvidas sôbre o nosso Império Colonial. ¿Porquê? Porque sentia que finalmente os interêsses supremos dêsse Império estavam confiados a um imenso talento, ao talento imenso de Pacheco.

Nas cadeiras do govêrno, Pacheco raris-

simamente surdia do seu silêncio repleto e fecundo. Às vezes, porém, quando a oposição se tornava clamorosa, Pacheco descerrava o braço, tomava com lentidão uma nota a lápis: — e esta nota, traçada com saber e maduríssimo pensar, bastava para perturbar, acuar a oposição. ¡E' que o imenso talento de Pacheco terminara por inspirar nas câmaras, nas comissões, nos centros, um terror disciplinar! ¡Ai dêsse sôbre quem viesse a desabar com cólera aquele talento imenso! ¡Certa lhe seria a humilhação irresgatável! ¡Assim dolorosìssimamente o experimentou o pedagogista que um dia se arrojou a acusar o sr. Ministro do Reino, (Pacheco dirigia então o Reino) de descurar a Instrução do País! Nenhuma incriminação podia ser mais sensível àquele imenso espírito que, na sua frase lapidária e suculenta, ensinara que «um povo sem o curso dos liceus é um povo incompleto». Espetando o dedo (jeito sempre seu) Pacheco esborrachou o homem temerário com esta coisa tremenda: — «¡Ao ilustre deputado que me censura só tenho a dizer que em-quanto s. ex.ª, aí nessas bancadas, faz berreiro, eu, aqui nesta cadeira, faço luz!»

Eu estava lá, nesse esplêndido momento, na galeria. ¡E não me recordo de jamais ter ouvido, numa assembleia humana, uma tão apaixonada e fervente rajada de aclamações! Creio que foi daí a dias que Pache-

co recebeu a gram-cruz da Ordem de S. Tiago.

O imenso talento de Pacheco pouco a pouco se tornava um credo nacional. Vendo que inabalável apoio êsse imenso talento dava às instituïções que servia, tôdas o apeteceram. Pacheco começou a ser um director universal de Companhias e de Bancos. Cobiçado pela Corôa, penetrou no Conselho de Estado. O seu partido reclamava àvidamente que Pacheco fôsse seu Chefe. Mas os outros partidos cada dia se socorriam com submissa reverência do seu imenso talento. Em Pacheco, pouco a pouco, se concentrava a Nação.

A' maneira que êle assim envelhecia e crescia em influência e dignidade, a admiração pelo seu imenso talento chegou a tomar no país certas formas de expressão só próprias da religião e do amor. Quando êle foi Presidente do Conselho, havia devotos que espalmavam a mão no peito com unção, reviravam o branco do ôlho ao céu, para murmurar piamente: — «¡Que talento!» E havia amorosos que, cerrando os olhos e repenicando um beijo nas pontas apinhadas dos dedos, balbuciavam com langor: — «Ai! que talento!» E ¿para que ò esconder? Outros havia, a quem aquele imenso talento amargamente irritava, como um excessivo e desproporcional privilégio. A êsses ouvi eu bradar com furor, atirando patadas ao chão: — «¡Irra, que é ter talento de mais!»

Pacheco, no em-tanto, já não falava. Sorria apenas. A testa cada vez se lhe tornava mais vasta.

Não relembrarei a sua incomparável carreira. Basta que o meu caro sr. Mollinet percorra os nossos anais. Em tôdas as instituïções, reformas, fundações, obras, encontrará o cunho de Pacheco. Foi tudo, teve tudo. ¡De-certo, o seu talento era imenso! ¡Mas imenso se mostrou o reconhecimento da sua pátria! Pacheco e Portugal, de resto, necessitavam insubstituìvelmente um do outro. Sem Portugal — Pacheco não teria sido o que foi entre os homens: mas, sem Pacheco —Portugal não seria o que é entre as nações.

A sua velhice ofereceu um carácter augusto. Perdera o cabelo radicalmente. Todo èle era testa. E mais que nunca revelava o seu imenso talento — mesmo nas mínimas coisas. Muito bem me lembro da noite (sendo êle Presidente do Conselho) em que, na sala da Condessa de Arrôdes, alguém, com fervor, apeteceu conhecer o que s. ex.ª pensava de Cánovas del Castillo. Silenciosamente, magistralmente, sorrindo apenas, s. ex.ª deu com a mão grave, de leve, um corte horizontal no ar. E foi em tôrno um murmúrio de admiração, lento e maravilhado. ¡Naquele gesto, quantas coisas subtis, fundamente pensadas! Eu por mim, depois de muito esgaravatar, interpretei-o dêste modo: — «¡Medíocre, meia-altura, o sr. Cánovas!» Porque, note o meu caro sr. Mol-

linet como aquele talento, sendo tão vasto —¡era ao mesmo tempo tão fino!

Rebentou; quero dizer, s. ex.ª morreu, quási repentinamente, sem sofrimento, no comêço dêste duro inverno. Ia ser justamente criado marquês de Pacheco. Tôda a nação o chorou com infinita dor. Jaz no Alto de S. João, sob um mausoléu, onde por sugestão do sr. conselheiro Acácio (em carta ao *Diário de Notícias)* foi esculpida uma figura de *Portugal chorando o Génio.*

Meses depois da morte de Pacheco, encontrei a sua viúva, em Sintra, na casa do dr. Videira. É uma mulher (asseguram amigos meus) de excelente inteligência e bondade. Cumprindo um dever de Português, lamentei, diante da ilustre e afável senhora, a perda irreparável que era sua e da Pátria. Mas quando, comovido, aludi ao imenso talento de Pacheco, a viúva de Pacheco ergueu, num brusco espanto, os olhos que conservara baixos — e um fugidio, triste, quási apiedado sorriso arregaçou-lhe os cantos da bôca pálida... ¡Eterno desacôrdo dos destinos humanos! ¡Aquela mediana senhora nunca compreendera aquele imenso talento!

Creia-me, meu caro sr. Mollinet, seu dedicado — FRADIQUE.

(Da *Corresp. de Fr. Mendes*, 8.ª Carta)

XXVIII

A AIA

Era uma vez um rei, moço e valente, senhor de um reino abundante em cidades e searas, que partira a batalhar por terras distantes, deixando solitária e triste a sua rainha e um filhinho, que ainda vivia no seu berço, dentro das suas faixas.

A lua cheia que o vira marchar, levado no seu sonho de conquista e de fama, começava a mingüar — quando um dos seus cavaleiros apareceu, com as armas rôtas, negro do sangue sêco e do pó dos caminhos, trazendo a amarga nova de uma batalha perdida e da morte do Rei, traspassado por sete lanças entre a flor da sua nobreza, à beira de um grande rio.

A Rainha chorou magnìficamente o Rei. Chorou ainda desoladamente o espôso, que era formoso e alegre. Mas, sobretudo, chorou ansiosamente o pai que assim deixava o filhinho desamparado, no meio de tantos inimigos da sua frágil vida e do reino que seria seu, sem um braço que o defendesse, forte pela fôrça e forte pelo amor.

Dêsses inimigos o mais temeroso era seu tio, irmão bastardo do Rei, homem depravado e bravio, consumido de cobiças grosseiras, desejando só a realeza por causa dos seus tesoiros, e que havia anos vivia num castelo sôbre os montes, com uma horda de rebeldes, à maneira de um lobo que, de atalaia no seu fojo, espera a presa. ¡Ai! a presa, agora, era aquela criancinha, rei de mama, senhor de tantas províncias, e que dormia no seu berço com seu guizo de oiro fechado na mão!

Ao lado dêle, outro menino dormia noutro bêrço. Mas êste era um escravozinho, filho da bela e robusta escrava que amamentava o Príncipe. Ambos tinham nascido na mesma noite de verão. O mesmo seio os criava. Quando a Rainha, antes de adormecer, vinha beijar o prìncipezinho, que tinha o cabelo louro e fino, beijava também por amor dêle o escravozinho, que tinha o cabelo negro e crespo. Os olhos de ambos reluziam como pedras preciosas. Sòmente, o berço de um era magnífico e de marfim entre brocados — e o berço do outro, pobre e de vêrga. A leal escrava, porém, a ambos cercava de carinho igual; porque se um era o seu filho — o outro seria o seu Rei.

Nascida naquela casa real, ela tinha a paixão, a religião dos seus senhores. Nenhum pranto correra mais sentidamente do que o seu pelo Rei morto à beira do grande rio. Pertencia, porém, a uma raça que acredita

que a vida da terra se continua no céu. O Rei seu amo, de-certo, já estaria agora reinando num outro reino, para além das nuvens, abundante também em searas e cidades. O seu cavalo de batalha, as suas armas, os seus pagens tinham subido com êle às alturas. Os vassalos que fôssem morrendo, prontamente iriam, nesse reino celeste, retomar em tôrno dêle a sua vassalagem. E ela um dia, por seu turno, remontaria num raio de luz a habitar o palácio do seu Senhor, e a fiar de novo o linho das suas túnicas, e a acender de novo a caçoleta dos seus perfumes; seria no céu como fôra na terra, e feliz na sua servidão.

Todavia, ¡também ela tremia pelo seu prìncipezinho! ¡Quantas vezes, com êle pendurado do peito, pensava na sua fragilidade, na sua longa infância, nos anos lentos que correriam antes que êle fôsse ao menos do tamanho de uma espada, e naquele tio cruel, de face mais escura que a noite e coração mais escuro que a face, faminto do trôno, e espreitando de cima do seu rochedo entre os alfanges da sua horda!

¡Pobre prìncipezinho da sua alma! Com uma ternura maior o apertava então nos braços. Mas, se o seu filho chalrava ao lado — era para êle que os seus braços corriam com um ardor mais feliz. Êsse, na sua indigência, nada tinha a recear da vida. Desgraças, assaltos da sorte má, nunca o poderiam deixar mais despido das glórias

e bens do mundo, do que já estava ali no seu berço, sob o pedaço de linho branco que resguardava a sua nudez. A existência, na verdade, era para êle mais preciosa e digna de ser conservada que a do seu Príncipe, porque nenhum dos duros cuidados com que ela enegrece a alma dos senhores roçaria sequer a sua alma livre e simples de escravo. E, como se o amasse mais por aquela humildade ditosa, cobria o seu corpinho gordo de beijos pesados e devoradores — dos beijos que ela fazia ligeiros sôbre as mãos do seu Príncipe.

No em-tanto um grande temor enchia o palácio, onde agora reinava uma mulher entre mulheres. O bastardo, o homem de rapina, que errava no cimo das serras, descera à planície com a sua horda, e já através de casais e aldeias felizes ia deixando um sulco de matança e ruínas. As portas da cidade tinham sido seguras com cadeias mais fortes. Nas atalaias ardiam lumes mais altos. Mas à defesa faltava disciplina viril. Uma roca não governa como uma espada. Tôda a nobreza fiel perecera na grande batalha. E a Rainha desventurosa apenas sabia correr a cada instante ao berço do seu filhinho, e chorar sobre êle a sua fraqueza de viúva. Só a ama leal parecia segura — como se os braços em que estreitava o seu Príncipe fôssem muralhas de cidadela, que nenhuma audácia pode transpor.

Ora uma noite — noite de silêncio e de escuridão,—indo ela adormecer, já despida, no seu seu catre, entre os seus dois meninos, adivinhou, mais que sentiu, um curto rumor de ferro e de briga, longe, à entrada dos vergéis reais. Embrulhada à pressa num pano, atirando o cabelos para trás, escutou ansiosamente. Na terra areada, entre os jasmineiros, corriam passos pesados e rudes. Depois houve um gemido, um corpo tombando molemente, sôbre lajes, como um fardo. Descerrou violentamente a cortina. E além, ao fundo da galeria, avistou homens, um clarão de lanternas, brilhos de armas... Num relance tudo compreendeu — ¡o palácio surpreendido, o bastardo cruel vindo roubar, matar o seu Príncipe! Então, râpidamente, sem uma vacilação, uma dúvida, arrebatou o Príncipe do seu berço de marfim, atirou-o para o pobre berço de vêrga — e tirando o seu filho do berço servil, entre beijos desesperados, deitou-o no berço real, que cobriu com um brocado.

Bruscamente, um homem enorme, de face flamejante, com um manto negro sôbre a cota de malha, surgiu à porta da câmara, entre outros, que erguiam lanternas. Olhou — correu ao berço de marfim onde os brocados luziam, arrancou a criança, como se arranca uma bôlsa de oiro; e, abafando os seus gritos no manto, abalou furiosamente.

O Príncipe dormia no seu novo berço. A ama ficara imóvel no silêncio e na treva.

Mas brados de alarme atroaram de-repente o palácio. Pelas janelas perpassou o longo flamejar das tochas. Os pátios ressoavam com o bater das armas. ¡E desgrenhada, quási núa, a Rainha invadiu a câmara, entre as aias, gritando pelo seu filho! Ao avistar o berço de marfim, com as roupas desmanchadas, vazio, caiu sôbre as lajes, num chôro, despedaçada.

Então, calada, muito lenta, muito pálida, a ama descobriu o pobre berço de vêrga... O Príncipe lá estava, quieto, adormecido, num sonho que o fazia sorrir, lhe iluminava tôda a face entre os seus cabelos de oiro. A mãi caiu sôbre o berço, com um suspiro, como cai um corpo morto.

E nêsse isstante um novo clamor abalou a galeria de mármore. Era o capitão das guardas, a sua gente fiel. Nos seus clamores havia, porém, mais tristeza que triunfo. ¡O bastardo morrera! Colhido, ao fugir, entre o palácio e a cidadela, esmagado pela forte legião de archeiros, sucumbira, êle e vinte da sua horda. O seu corpo lá ficara, com flechas no flanco, numa pôça de sangue. Mas, ¡ai dor sem nome! ¡O corpozinho tenro do Príncipe lá ficara também, envolto num manto, já frio, roxo ainda das mãos ferozes que o tinham esganado! Assim tumultuosamente lançavam a nova cruel os homens de armas — quando a Rainha, deslumbrada, com lágrimas entre risos, ergueu

nos braços, para lho mostrar, o Príncipe que despertara.

Foi um espanto, uma aclamação. ¿Quem o salvara? ¿Quem?... ¡Lá estava, junto do berço de marfim vazio, muda e hirta, aquela que o salvara! ¡Serva sublimemente leal! Fôra ela que, para conservar a vida ao seu Príncipe, mandara à morte o seu filho... Então, só então, a mãe ditosa, emergindo da sua alegria extática, abraçou apaixonadamente a mãe dolorosa, e a beijou, e lhe chamou irmã do seu coração... E de entre aquela multidão, que se apertava na galeria, veio uma nova, ardente aclamação, com súplicas de que fôsse recompensada magnìficamente a serva admirável que salvara o Rei e o reino.

¿Mas como? ¿Que bôlsas de oiro podem pagar um filho? Então um velho de casta nobre lembrou que ela fôsse levada ao tesoiro real, e escolhesse de entre essas riquezas, que eram como as maiores dos maiores tesoiros da Índia, tôdas as que o seu desejo apetecesse...

A Rainha tomou a mão da serva. E sem que a sua face de mármore perdesse a rigidez, com um andar de morta, como num sonho, ela foi assim conduzida para a Câmara dos Tesoiros. Senhores, aias, homens de armas, seguiam, num respeito tão comovido, que apenas se ouvia o roçar das sandálias nas lajes. As espêssas portas do Tesoiro

rodaram lentamente. E, quando um servo destrancou as janelas, ¡a luz da madrugada, já clara e rósea, entrando pelos gradeamentos de ferro, acendeu um maravilhoso e faïscante incêndio de oiro e pedrarias! Do chão de rocha até às sombrias abóbadas, por tôda a câmara, reluziam, scintilavam, refulgiam os escudos de oiro, as armas marchetadas, os montões de diamantes, as pilhas de moedas, os longos fios de pérolas, tôdas as riquezas daquele reino, acumuladas por cem reis durante vinte séculos. Um longo *ah*, lento e maravilhado, passou por sôbre a turba, que emudecera. Depois houve um silêncio ansioso. E no meio da câmara, envolta na refulgência preciosa, a ama não se movia... Apenas os seus olhos, brilhantes e secos, se tinham erguido para aquele céu que, além das grades, se tingia de rosa e de oiro. Era lá, nêsse céu fresco de madrugada, que estava agora o seu menino. ¡Estava lá, e já o sol se erguia, e era tarde, e o seu menino chorava de-certo, e procurava o seu peito!... E então a ama sorriu e estendeu a mão.

Todos seguiam, sem respirar, aquele lento mover da sua mão aberta. ¿Que jóia maravilhosa, que fio de diamantes, que punhado de rubis, ia ela escolher?

A ama estendia a mão — e sôbre um escabelo ao lado, entre um molho de armas, agarrou um punhal. Era um punhal de um

velho rei, todo cravejado de esmeraldas, e que valia uma província.

Agarrara o punhal, e com êle apertado fortemente na mão, apontando para o céu, onde subiam os primeiros raios do sol, encarou a Rainha, a multidão, e gritou:

— ¡Salvei o meu Príncipe, e agora — vou dar de mamar ao meu filho!

E cravou o punhal no coração.

(Dos *Contos*).

XXIX

FESTAS CÍVICAS

Festas decretadas, impostas por lei, nunca se tornam populares, nem duram, porque são horrìvelmente fictícias. É o que sucede com os aniversários de Constituições. Nos primeiros tempos, quando ainda vivem os homens que fizeram a Constituição, lá se vão pondo pelas janelas alguns molhos de bandeiras, e lá se acendem algumas centenas de lanternas, que fazem sair à noite para a rua as famílias, a «gozar a iluminação». Depois, os anos passam; pouco a pouco se vai esquecendo o facto mesmo de que existe uma Constituição; a municipalidade diminui as lamparinas; já ninguém sái à rua, e a data gloriosa só fica interessando os estudantes, que teem feriado. Em Lisboa, a festa da proclamação da Carta Constitucional está reduzida a quatro lampeões muito baços e muito tristes, que se penduram no alto do Castelo de S. Jorge. Já ninguém sabe mesmo que há uma festa.

Na verdade, já ninguém sabe que há uma Carta Constitucional.

Festas nacionais, festas para celebrar uma ideia ou um facto histórico, nunca causarão no povo entusiasmo, nem o tornarão festivo, porque o povo não se importa nem com ideias, nem com a história; é por natureza *simplista:* só se move por sentimentos simples e individuais, e assim como só se afeiçoa a indivíduos, só compreende festas celebradas em honra de indivíduos. Por isso, as únicas festas que profundamente animam o povo, são as religiosas, as dos santos. Para o povo, os santos, os santos populares e democratas, como S. João, S. Pedro, Santo António, são indivíduos que êle conhece, com quem conversa nas orações, com quem convive, que tem dentro de casa sôbre o altarinho doméstico, e de quem recebe constantemonte serviços e patrocínio. A vida dêsses santos, as suas façanhas, a sua face barbada ou rapada, as suas vestes, os seus atributos, tudo lhe é familiar — e êles são como verdadeiras pessoas de família, ligadas a tôda a história doméstica, e por isso profundamente amadas. Quando chega o dia da sua festa, os «seus anos», é com genuíno fervor que se arranjam ramos de flores, e se cozinha um prato de doce, e se acendem à noite luminárias, e se dança no terreiro, e se atiram alegres foguetes. A folgança de cada lar faz o festival de tôda a cidade; — e é o doce amigo, o padroeiro

que está no céu, que se celebra com carinho, na certeza de que êle vê a festa e se mistura a ela do alto das nuvens, e sorri de reconhecimento e ternura aos seus amigos da terra. Mas se, em vez de S. João ou de S. Pedro, fôsse imposto ao povo o dever de celebrar um grande acontecimento da Igreja, como a conversão de Constantino ou os artigos do concílio de Niceia, não haveria nem uma luminária, nem um foguete. E o povo diria com razão: — «S. João é um amigo meu, muito íntimo, cuja imagem eu tenho à cabeceira, a quem devo favores e que festejo com imenso prazer; mas essa Niceia, que eu não sei onde é, e êsse Constantino, com quem nunca travei relações, não valem para mim o preço de uma lamparina.»

É o que sucede com as festas nacionais por acontecimentos públicos. Pertencem muito ao domínio dos princípios e aos movimentos sociais, para que o povo, que é todo individualista, sinta por êles a menor migalha de entusiasmo ou carinho. Para que a República pudesse ter uma grande festa, devia organizá-la em favor de um grande republicano. Mas aí é que está a dificuldade. ¿Qual grande republicano? Nenhum reúne a admiração unânime.

Se se decretasse a festa de Robespierre, todos os liberais-girondinos protestariam com furor — e haveria sangue.

Se se decretasse a festa de Danton, todos

os jacobinos autoritários desceriam à rua — com cacetes. Em verdade vos digo: só o céu nos envolve a todos, e só S. João pode ser festejado sem descontentar a ninguém.

(Dos *Ecos de Paris,* pág. 57 a 59).

XXX

OS DUELOS

Estas últimas semanas, em França, teem sido sanguinolentas. Os duelos sucedem-se tão regularmente como as madrugadas; e o primeiro espectáculo que o sol, o velho e dourado Febo, avista, ao assomar à rósea varanda do Oriente, é um Francês em mangas de camisa e de florete na mão, à beira de um arroio ou nas ervas de um prado, procurando varar com arte as vísceras essenciais de outro Francês.

Parece que estamos sob o reinado do melancólico Luís XIII, quando, apesar dos éditos, mal tocava às Avè-Marias, não havia recanto sombrio do velho Paris onde não lampejassem duas espadas cruzadas; ou em tempos da república romântica de 1848, em que dois sujeitos que não concordavam sôbre a questão da Polónia, ou divergiam acêrca de Jesus Cristo — um considerando-o um imortal filósofo, outro apenas um pequeno Deus sem importância — corriam a retalhar-se ao sabre, nas sombras do bosque de Bolonha.

Não pode agora um honesto melro gorgear pacìficamente as suas reflexões da alvorada, sem que o venha interromper uma velha caleche a trote, de onde emergem, soturnos e de negro vestidos, sujeitos com um molho de espadões debaixo do paletó.

Não ficam cadáveres pelos campos; mas a epiderme dos jornalistas e *dandies* é abundantemente deteriorada.

Duelo de Rochefort com Kœchlin; duelo de Laffite, do *Voltaire*, com o conde de Dion; duelo de Fronsac, do *Gil Blas*, com o príncipe de Santa Severina; duelo de Lajeune-Villars com Lepelletier, do *Mot d'Ordre;* duelo em Avignon, em Montpellier, em Rennes, em Lyon. ¡Sem contar os duelos do conde de Hauterive, que esta semana se tem batido quatro vezes, ferindo tôdas as manhãs o seu homem com o mesmo florete, entre o pulso e o cotovelo!

Êste caso pitoresco faz-me lembrar os «combates do sr. Paulo».

¿Não conhecem os combates do sr. Paulo? É uma curiosa história do Bairro Latino, dos tempos em que ainda alvejava, entre as verduras do Luxemburgo, o vestido de cassa de Mimi. O sr. Paulo era um discípulo ardente de Proudhon, que costumava ir tôdas as noites tomar o seu grogue a um café da rua Jean-Jacques Rousseau, e soltar, com voz rouca de profeta irritado, as frases célebres do mestre: — *¡Deus é o mal! A propriedade é o roubo! ¡Queremos a liquidação social!*

A sua aparência era hoffmânica; duas longas pernas de cegonha triste, olhos rutilantes numa face ascética, e uma gaforinha descomunal, crespa, revolta, e côr de estopa. De resto, bravo e honesto.

Uma noite, o sr. Paulo instalava-se diante do seu grogue, quando avista sôbre a mesa um papelinho pérfido, contendo esta abominável sextilha:

A loira e doce Maria
Que a ninguém d'amores maltrata,
Foi avisada outro dia
Que Paulo a vem visitar;
E ei-la que rompe a gritar:
— ¡Depressa! ¡fechem a prata!

Só Homero, que disse os furores de Ajax, poderia pintar a cólera do sr. Paulo e os seus repelões à guedelha... Logo ao outro dia tinha descoberto que o deplorável poeta era um sujeito obeso, de olho oblíquo, exalando um cheiro adocicado de sacristia — que saboreava também os seus grogues no café e dirigia um jornal jesuíta, *A Palavra*. A sextilha tomava, assim, as proporções sociais de uma injúria arremessada pela Igreja contra a Revolução. Era a graça, caluniando a consciência.

Daqui, um duelo no bosque de Vincennes... Caminham um sôbre o outro, de pistola alta. ¡Fogo! A bala do homem da *Palavra* vai cravar se na anca de um ju-

mento, que a distância tosava pensativamente a erva; a do sr. Paulo, essa vai varar o chapéu alto dum dos padrinhos do devoto. Êste sujeito franziu consideràvelmente o sobrolho.

À noite, um excelente rapaz, Jacques Morot, reaccionário também, abre a porta do café da rua Rousseau e pergunta para dentro, àvidamente:

— ¿Então o duelo? ¿Houve morte de homem?

— Não, — respondeu alguém, duma mesa ao fundo. — Houve morte de jumento.

— ¿O quê! ¿Morreu Paulo?

E o Paulo que, ao lado, sorvia galhardamente o seu grogue, ergue-se, de juba eriçada e a injúria no lábio... E daí, outro duelo, à pistola também.

Foi no bosque de Bolonha, êsse, ao primeiro cantar da cotovia. A bala reaccionária de Jacques, perdeu-se por entre as folhagens, mas a do sr. Paulo lá foi varar o chapéu do padrinho — do mesmo, precisamente o mesmo, que na véspera, ao lado do beato pançudo, tivera já o seu chapéu atravessado, e franzira muito o sobrolho.

— ¡Compreendo! — rosnou êste indivíduo, lívido. E à noite, no café, dirige-se à mesa onde o sr. Paulo absorvia o seu grogue, exalando o seu socialismo, e acusa-o, friamente, «de lhe querer tirar a vida, de um modo desleal e infame»!

— ¿Pois atreve-se?... — ruge o sr. Paulo.

— Sei o que digo; ¡infame e desleal!
— ¡Insolente!
— ¡Garôto!

Novo duelo. Mas então os padrinhos assistiam de longe, estirados entre as ervas altas, como lagartos assustados. Por precaução, tinham-se recoberto de colchões... E as duas balas, com efeito, perderam-se pela amplidão dos céus. De uma dizia-se no café que fôra parar a Pequim; da outra corria que, por um funesto hábito adquirido, andava ainda pelo bosque de Bolonha, procurando entre os arvoredos o chapéu alto, para se alojar.

Tais foram os combates do sr. Paulo, discípulo de Proudhon.

Os conflitos de honra que teem êste final de *vaudeville* são, por fim, os mais aceitáveis.

Há-de haver sempre duelos. É evidente que, em quanto os jornais publicarem em letra gorda e glorificadora as actas do desafio; em-quanto os olhos das mulheres sorrirem ao ferido interessante que atravessa a sala pálido e de braço ao peito, ou ao espadachim feliz que retorce o bigode; em-quanto na rua burgueses pararem pasmados, murmurarando ao ouvido da família: *¡Lá vai êle! ¡Foi aquele que se bateu!* nem o código, nem o bom senso, nem melífluas máximas humanitárias impedirão jamais que o homem, pùblicamente ridicularizado

ou pùblicamente injuriado, salte sôbre a sua espada, gritando à turba: «¡Cá vou defender a minha honra!»

Haverá sempre quem consinta em esvair-se em sangue — tendo em redor as aclamações dum circo.

No mais grave dos homens há uma fibra de histrião.

O que convém, pois, à sociedade é que, nestes conflitos impostos pela exigência da vaidade e pelo despotismo do prejuízo, o sangue derramado se limite às três ou quatro gotas que um lenço de cambraia estanca.

No fim, a moralidade dos duelos está tôda num dito de Rochefort:

— ¿Tem sido feliz em seus desafios? — perguntava-lhe alguém:

— Felicíssimo. Tenho-me batido vinte e tantas vezes e volto sempre com a consciência serena e uma ferida séria...

Não se pode realmente vir almoçar com a «consciência serena», quando se deixou um homem a agonizar numa poça de sangue; mas é triste também que para se poder gozar, com a alma traqüila, a *omelette* do almôço, se deva voltar do campo de ventre rasgado ou com a clavícula em pedaços.

De sorte que o sujeito que quer defender a sua honra *a sério* por estes meios, tem diante de si duas perspectivas amáveis: ou a permanente tortura de um remorso, ou a

eterna paz de uma campa; e quando se é muito feliz, como Rochefort, dois meses de cama com uma víscera despedaçada.

¡ Bem hajam, pois, os que nos seus duelos, como no caso do sr. Paulo, atiram as balas para Pequim ou se arranham ligeiramente nos cotovelos! Compreendem a sabedoria: ¿ a sociedade, a vaidade, os jornais, a opinião, as mulheres pedem-lhes sangue? ¡ Bem! vão a um recanto do Bosque, e extraem-se um ao outro, da ponta do dedo, a gota reclamada pela honra. A sociedade, a vaidade, etc., sorriem satisfeitas; e êles, serenos de consciência, curam-se, pondo uma dedeira. ¡ Salutar prudência! ¡ E são igualmente heróis nas gazetas!

(Dos *Ecos de Paris*, pág, 16 a 24.)

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

ÍNDICE DO PRIMEIRO VOLUME

INTRODUÇÃO:

pág.

I — Eça de Queiroz IX
II — Esbôço de cronologia biográfica e literária XLI
III — A «Antologia» XLVIII

EÇA DE QUEIROZ

I — O Lume 3
II — Caixão de chumbo 11
III — A bordo do «Ceilão» 13
IV — Viagem real ao Norte 22
V — O salva-vidas da Foz 25
VI — A devota e o bom abade 29
VII — Um Português assaltado na China 36
VIII — As duas educações 44
IX — Tópsius e Alpedrinha 65
X — Jesus e Barrabás 70
XI — Inteligência e bondade de Fradique 76
XII — Civilização 88
XIII — O suave milagre 93
XIV — Regresso a Portugal 106
XV — Adão e Eva no Paraíso 121
XVI — Os Ramires na História de Portugal 134
XVII — Morte de Lourenço Ramires 139
XVIII — Na praia 154
XIX — Viajantes inglêses 164
XX — As catástrofes e as leis da emoção 167
XXI — Nativismo americano 172
XXII — S. Cristóvão no castelo 188
XXIII — O imperador Guilherme 203
XXIV — As festas «russas» em Paris 215
XXV — A sociedade e os climas 221
XXVI — O comendador Pinho 228
XXVII — Pacheco 238
XXVIII — A aia 247
XXIX — Festas cívicas 256
XXX — Os duelos 260